

EX-LIBRIS



BORBA  
ALVES DE MORAES

RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

W

Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin







VIRGILIO VARZEA,

---

CONTOS

DE

AMOR



LISBOA

LIVRARIA EDITORA

TAVARES CARDOSO & IRMÃO

5, Largo de Camões, 6

1901



# CONTOS DE AMOR

## DO MESMO AUCTOR

### *Obras publicadas:*

- SANTA CATHARINA, 1.<sup>a</sup> parte: *A Ilha*, 1900.  
MARES E CAMPOS, contos, 1895.  
ROSE-CASTLE, novella (edição esgotada), 1893.  
TROPÓS E PHANTASIAS, contos (edição esgotada), 1885.  
TRAÇOS AZUES, versos (edição esgotada), 1884.

### *A publicar:*

- O FALCÃO (lenda sobre a ilha da Trindade).  
GEORGE MARCIAL, (romance da politica e da s cidade do fim do Imperio).  
EM VIAGEM, novella.  
HISTORIAS RUSTICAS, contos.  
EPISODIOS HEROICOS (narrativas historicas).  
A INGLEZA, romance.  
IMPRESSÕES DA PROVINCIA (silhuetas e paisagens).  
TRES NOVELLAS (Mar de Ouro, Descobridores, Argonautas).  
DR. GAMA-ROSA, estudo litterario.  
ONDINA. versão do francez.

VIRGILIO VARZEA

---

CONTOS

DE

AMOR



LISBOA

LIVRARIA EDITORA

*TAVARES CARDOSO & IRMÃO*

5, Largo de Camões, 6

—  
1901



A

FIALHO D'ALMEIDA

O EMINENTE ESCRITOR PORTUGUÊS

Homenagem de admiração e estima.





## MARINARO

---



MAGNIFICA essa noite transparente de junho no palacete da Estrella, que flammejava todo acceso com os seus altos torreões rendilhados, como um antigo castello da média idade, destacando n'um viso de collina, ao centro d'um vasto parque florido e cheio de arvores seculares.

Celebrava-se o anniversario nupcial dos viscondes de Villar. E no vasto salão, todo em pompas de velludo e brocado, entre jarras lavradas da China e as preciosidades custosas de uma opulenta collecção de arte, os perfis excelsos, eburneos ou de um moreno ambarado de vaporosas creaturas ideaes, emergindo delicadamente, n'um conjuncto de esplendor e de graça, da leveza setinosa das *toilettes* fidalgas.

A sr.<sup>a</sup> Viscondessa, muito alegre e elegante no seu bello vestido de *faille* côr de musgo outonal, impressionava como sempre, os convivas,

com a sua pelle de jumbo, o seu rosto largo de assyria e a sua alta estatura de belleza barbara, que fazia evocar de repente a linha dominadora que tem, nas gravuras biblicas, a rainha de Sabá.

Todos, em volta, a festejavam com phrases e gestos aristocraticos, em pequenos grupos zumbidores, dispostos, aqui e alli, pela sala. Ella sorria jovialmente, n'uma expansão e alvoroço adoraveis, correspondendo com o seu espirito borbulhante a todas essas homenagens.

E de roda em roda, por entre os grupos festivos que a acclamavam, entornando sorrisos e olhares, n'uma aureola de perfumes e brilhos e n'um rumor de sedas caras, a sr.<sup>za</sup> Viscondessa dirigiu-se para um recanto afastado de janellas, por onde entravam frescura e aromas, e tremulas, invasoras ramagens, enlaçando caprichosamente, com as volutas elasticas, os balaustres artisticos dos balcões de marmore.

Ahi esperava-a, ha muito, n'um silencio e meditação de exilado, um bello rapaz vigoroso, de grandes olhos melancolicos e negros cabellos ondeados, a quem ella acenou docemente, com os seus dedos claros onde os aneis fais-cavam, murmurando n'uma voz rouca e vaga, muito limpida e sonora, como de ouro e luar:

— Venha agora, Carlos. Vamos para aquella outra sala, alli onde está o piano. Vae ouvir as nossas musicas de outr'ora, aquellas *romanzas* que amava. Lembra-se?. Ha que an-

nos foi isso!. E que paraíso antes da sua primeira viagem! Mas depois. que de tristezas e lagrimas!

Elle, sorrindo com os seus dentes muito alvos, uma radiação de alegria no semblante queimado, externando a masculina profissão aventureira dos que levam a existencia embalada no mar, deixou immediatamente os balaustres de marmore, seguindo submissamente a sr.<sup>a</sup> Viscondessa, ao mesmo tempo que lhe dizia de manso, erecto e alto ao seu lado:

— É verdade, Tilinha, quanta saudade! Que de esplendor já extinto! E como os annos passam rapidos!.

E lentamente atravessaram o salão, entrando na outra sala.

A sr.<sup>a</sup> Viscondessa encaminhou-se para o lado do piano e, antes de sentar-se á banquinha, parou um momento em frente á pequena estante Renascença d'ébano incrustado, que ostentava profusamente, por entre cadernos dispersos, grossos albuns de musicas e libretos de operas escolhidas, em ricas encadernações douradas. Toda inclinada, com o seu lindo torso robusto estalando o corpete magnifico côr de musgo outonal, que a envolvia magestosamente como uma couraça, ia dizendo ao rapaz, n'um cicio amoroso, a voz meio comprimida pela postura curvada:

— Então, esperou muito? Não. Porque, pois, ha de ser sempre o impaciente de outr'ora?

Que organismo, que não muda nunca! Estava a dizer que eu me demoraria uma eternidade... Não foi assim. Aqui estou, pertença-lhe toda, sou sua. Póde fallar, desatar-se todo em queixumes, como d'antes. Vá!. Também ha talvez doze annos que nos não vemos, não ha? Que horror! que immensa ausencia fatal! E ainda me está bem viva na memoria a sua despedida, n'uma noite de Natal. O que eu não soffri, nos primeiros dois annos! Você viu pelas minhas cartas. Mas como eu era tola! E você a divertir-se muito bem lá pelo sul da Italia! Mas acabou-se, não lhe recrimino, hoje sou outra. E o passado está passado.

Ergueu-se, com um dos albuns de musicas que tinham gravadas a ouro na capa as suas iniciaes, e dando alguns passos sentou-se á banquinha, folheando rapidamente o livro com os seus dedos brancos, onde os aneis faiscavam. De repente estacou n'uma pagina azulada, representando, em fino esquisso romano uma «marinha» luarenta e saudosa no golfo de Napoles. Voltou a folha, que estava coroada no alto por esta palavra nostalgica — MARINARO: aquietou-a com um movimento da mão espalmada, e prorompeu a solfejar baixo pianotando uns compassos. Depois virou-se para o rapaz, que se inclinara de leve sobre o grande movel de cauda, e ciciou com os olhos cheios de uma luz de ternura, n'um suspiro de saudade:

— Preste bem atenção, Carlos. Veja se se recorda. Esta *romanza*, que eu vou cantar, era a sua predilecta. Lá no sul, pelo menos, você não queria outra. Era a « inspirada », como você dizia, que evocava tão bem as melancolias de bordo, a solidão do oceano e a espiritualidade ideal das viagens.

E atacou o teclado, com um movimento adorável dos braços roliços, curvos em arco, e que corriam e se curvavam continuamente sobre a vasta barra flexível de marfim alvo. Com os bellos olhos escuros, de longos cílios bastos, começou a passar os hieroglyphos das pautas ao mesmo tempo que seus dedos artisticos turbilhonavam sobre as teclas, e, balançando a cabeça graciosa n'um vaivem rhythmado, lançou a sua voz de soprano, vaga e celestial, que entrou a ondular na sala :

« Guarda . . le nuvole dh'alte biancheggiano  
Lassú nel ciel. . .  
Son l'alme amabile que si rincontrano  
Nel glauco vel. . . »

Elle então, n'um enlevo, sentindo o canto penetrar-lhe o coração, acordando-lhe antigas saudades de um alegre tempo passado, que lhe apparecia agora n'uma radiação inatingível de passagem ethereal, fixava-a docemente, e, ao terminar da estrophe primeira, murmurou n'uma accentuação sussurrada :

— Que lindo, Tilinha! Que lindo este *Mari-naro*! Se me não hei de lembrar!.

Ella ergueu para elle, sorrindo, os seus grandes olhos negros, humedecidos n'um longo fluido languido que arrebatava a alma, e, com a bella garganta escultural, de um contorno unido e forte, tumida outra vez de gorgeios, soltou de novo a voz maviosa, movendo, ao compasso lento da musica, a encantadora cabeça de columbina ideal. E a segunda estrophe marulhosa da *romanza* adejou no ar, pondo um vivo frémito tremulante de arrebatamento e de amor na mornidão do ambiente suave:

«Laggiù piú libere l'onde si baciano,  
Ninfe del mar!  
La notte é splendida, le stelle brilano:  
Vivere é amar!...»

E proseguia, com grande execução, desfiando artisticamente as estancias melancolicas d'aquella ballada de mar.

Arrebatado, o apaixonado sonhador do oceano, juntamente com a musica ineffavel, sentia desfilarem-lhe n'alma, cantando, como um tropel de visões que vão levadas para o Nada, lembranças vividas e fulgidas d'aquella época brilhante, agora morta para sempre, em que elle amava a Tilinha — ora exultando a seu lado, nos vagares de terra, sob dias dourados; ora gemendo de amor, nas viagens longinquas, pe-

las noites constelladas ou tôrvas, á borda oscilante das naves. Não tirava os olhos de sobre o busto d'ella, contornado esculpturalmente pelo corpete magnifico côr de musgo outonal, detendo-os, n esse instante, na formosissima cabeça elevada, que se movia, com o canto, n'um bo-leio rhythnado. Os seus cabellos espessos, de um lindo negro de amora d'antes, e que lhe pendiam ás vezes esparsos descuidadamente sobre as largas espáduas, estavam agora precocemente tingindo-se, aqui e alli, de leves malhas nevadas. E o seu rosto florente, onde os grandes olhos fulgiam com uma negrura de conta negra molhada, subia de gracilidade e encanto, assim prendendo e deslumbrando, na fascinação irresistivel de uma evocação do passado, á maneira de uma d'essas marquezas antigas, que viesse deslisando do fundo do grande seculo, n'uma espiral de menuete, com ondulações rronantes de seda e os cabellos polvilhados.

Embalado pelas notas, ia revendo, em fugidias notações de saudade, as paragens luminosas de uma estancia volvida: tudo lhe vogava no espirito lentamente, em laivos preciosos e saudosos, mas esvaídos de coloração e aroma, como velhas pétalas emmurchadas. E o que lhe pontilhava de luz dolorosa e ironica os filões emocionaes, era o electrismo de certas cellulas, avivando-lhe, em magua intima, aquella falta irremediavel do seu desprendimento por ella, que o levava, n'um delirio por outra, a desthronar

de repente do coração a sua imagem sagrada, fazendo-o derribar, n um instante, como n uma rajada, a sua torre de afeições — quando byronianamente vagava, n uma viagem romanesca, pelas costas da Dalmacia. Pungia-lhe aquella situação, vasia e deserta como uma steppe gelada, onde mal se mantinha ainda uma derradeira floração de affectos, que lhe brotava do peito, n uma ancia de illusões e sonhos, em esforços desesperados para a Felicidade e para a Gloria, no seio esteril de uma quadra já morta — campo santo dos seus vinte annos, povoado de desejos e beijos que não cantaram jámais, afogados na infinita vastidão oceanica e na melancolia brumal das viagens.

Mas a *romanza* findava por um appello implorativo e gemente, em que a voz rouca e triste de um nauta apaixonado, tremulando em smorzandos suaves, ondulava e fugia por sobre o mar espumoso, velado de um filó de luar, para longe, para longe, onde um perfil de Visão se afundava entre a escumilha nevoenta de uma alvura de praia:

«Sorgi ed ascoltami el prego servido  
 Del marinar...  
 Viene sul mare, viene, accompagnami:  
 Vivere é amar!...

Palmas e bravos ruidosos romperam no salão, em prolongados applausos.

Elle correu então para ella que findou n'um *stacato* admiravel, toda risonha e alegre, envolvendo-o no clarão veludoso e bemdito dos seus olhos nankinados — e, tomando-lhe as mãos com ardor, cobriu-as de beijos rapidos, segredando-lhe melancolicamente, n'uma voz trémula e rouca, que chorava:

— Ah! Tilinha, que dolorosas saudades de outr'ora á tua voz despertaram em minha alma! Quanto me sinto agora desventuroso! E como tudo está mudado!

Ella ergueu-se e deu uns passos para fóra do piano, enternecida e n'uma idealidade, porque ainda o amava; e, com as mãos nas mãos d'elle, n'uma arrebatção; balbuciou meigamente:

— Mas eu te amo ainda, Carlos! Eu te amo, querido *marinaro!*

E suspendeu-se, porque uma multidão de convivas alastrou de repente a sala, repetindo-se os applausos:

— Bravos! bravos! sr.<sup>a</sup> Viscondessa. Que *romanza* admiravel!

Horas depois, quando a festa acabou e elle descia a escadaria de marmore sob o esplendor delicioso do céu estrellado, ia pensando desoladamente na sua vida actual, tão vasia e mono-

tona como a vastidão infinita do oceano onde andava. E n'uma palpitação e n'uma nostalgia que lhe opprimiam a alma, sentia ainda cantar-lhe no cerebro, como um estribilho de dolorosa verdade, este bello verso final da *romanza*:

« Vivere é amar! . . . »

Rio — 1894.





## SUPREMO ADEUS

---

(*A senhorita Elvira Remedios Monteiro*).



DESDE que pisara o panneiro do bote, que a devia conduzir ao *steamer* fumegante que esperava lá em baixo na barra, Sophia Prevalsky, sentada á pôpa, ao lado de seu pae, velho conde da alta nobreza polaca, não cessara um instante de fitar mudamente a linha afastada do caes, onde o bando das amigas queridas ficara a olhar tristemente, agitando os lenços claros.

Vivera alli oito annos de bella e doce tranquillidade, n'uma risonha vivenda campestre, n'aquella florida cidade da America Meridional, no seio da terra catharinense, sob o encanto do céo azul, n'este Brazil bem-amado. E fôra tal a affeição que a cercara n'esse exilio suave, que o pae voluntariamente escolhera, que, apenas uma ou outra vez, vagamente, sentira gemer o cora-

ção na nostalgia da pátria. Depois, fôra alli igualmente que a sua meninice enflorara, desabrochando em corolas de belleza que eram a magnificencia de sua mocidade. Franzina e triste que viera, sob o luto lacrimoso de uma desolada orphandade de mãe, trazendo n'alma infantil a impressão aterradora das scenas sangrentas d'essa revolução temerosa que os arrojara áquellas plagas — voltava agora forte e moça, no esplendor dos seus vinte annos dourados.

Por isso, abatida e soluçante, sob a vela branca enfunada, descendo as aguas mansas do rio cercado de altas hervagens, fixava ainda vivamente, e pela vez derradeira, a curva larga do caes, cumulada de telhados vermelhos e torres alvas faiscantes, marcando além, com tristeza, entre renques de eucaliptus verdes, a fugidia cidade.

Mas, em pouco, os telhados e torres desapareceram para sempre na espessura das arvores. Pelas faces de Sophia as lagrimas corriam, fluindo seguidamente de seus olhos azulados; e só cessaram um momento, quando a embarcação, ajudada pelo vento da tarde, cahiu no immenso estuario que ia dar ao oceano, cujas ilhas rendilhadas começaram a destacar, graciosas na sua cinta de espuma, sobre a planicie ondulada.

O panorama da bahia, no emtanto, não conseguiu dissipar-lhe os pezares: o novo fluxo de

pranto tomou a, fazendo-a soffrer mais fortemente, agora, abraçada ao velho pae. E Sophia soluçava como nunca, porque, n'esse instante, seu espirito se voltava totalmente para a sua paixão, abalando-a e torturando-a como n'uma desgraça. Amava, mas amava loucamente, com todo o ardor dos seus vinte annos, a um d'esses rapazes vigorosos do sul, de tez queimada e suave, os olhos negros e languidos, os cabellos annelados, cujas linhas esculpturaes e cuja virilidade soberba fazem a attracção e o encanto d'essas louras raparigas do norte, filhas das raças fortes do Baltico.

Elle idolatrava-a tambem com fervor, n'um affecto austero e másculo. E desde o primeiro encontro que tiveram, n'uma igreja catholica, jámais a deixara, seguindo-a sempre devotadamente, e com fidelidade amorosa, quando os vagares da sua vida maritima lhe permittiam errar docemente pela terra natal. Um embaraço surgira, porém, entre ambos: a opposição do velho emigrado polaco, que, havia dois annos, ao perceber aquella grande paixão, entrara a retrahir-se com a filha, ameaçando a todo o momento regressar a Polonia — agora que o tzar Alexandre os amnistiara.

Apezar d'isso, o velho não partia e lá ia gozando alegremente, no sul, as delicias do seu chalet entre arvores, quando a morte de um irmão, rico industrial na Allemanha, o levava de repente á viagem. E como estava a chegar a

S. Francisco um paquete da linha de Hamburgo, preparara tudo, e, fretada uma embarcação, depois de longas despedidas, nas vesperas, embarcara com a filha, n'essa manhã radiosa.

Mas Sophia, alguns dias antes, sem que o pae sequer de leve suspeitasse, e auxiliada pelas amigas, passara um telegramma ao noivo, então commandante de um pequeno cruzador, estacionado em Santos. O rapaz não mandara resposta, e ella, acreditando-se já abandonada, calhira n'uma grande tristeza. E alli, sobre o bote, na planura radiante, desfazia-se em lagrimas, o coração despedaçado, só entregue ao seu amor e áquelle desamparo. . .

Entretanto, quando o escaler ia atracar ao vapor, no meio da balburdia de muitas embarcações, a adoravel rapariga polaca teve um doce grito de jubilo, ao descobrir, de repente, na agua azul cheia de sol, o pequeno cutter de Affonso, o noivo querido, que demandava o *steamer*, velejando a todo o panno.

Momentos após, n'um enleio, sob o toldo fresco de pôpa, no vasto convés asseiado do *Golden-Kaiser* se encontraram os dois amantes — o coração aos saltos, os olhos humidos de emoção, n'uma d'essas horas de alada mas contradictoria ventura, em que a alegria da boa-vinda é ao mesmo tempo empannada pela amargura do adeus!

Longo tempo então, n'um recanto isolado da borda, se fizeram confidencias, desfiando tris-

temente recordações e saudades, onde doces scenas passadas reviviam vagamente d'envolta á irradiação inolvidavel dos dias felizes em que se tinham dado. E a voz de ambos, fugindo em murmurio nas azas do vento do mar, n'essa funda expansão intima— talvez a ultima que trocavam!— tomava, por vezes, uma inflexão anciosa, como sob um peso de lagrimas.

O velho conde, no emtanto, magro e alto, no seu luto perpetuo de viuvo e de conjurado, com as bastas suissas alvissimas moldurando-lhe o rosto fidalgo, de nobres linhas augustas, onde se desenhava firmemente o cunho superior de uma raça— vigilante e severo, não cessava de os olhar fixamente com os seus vivos olhos septuagenarios, que pareciam dois myosotis inquietos, na sua face de pergaminho rosado.

Mas a hora da partida chegava. Por todo o vapor, no convés, passageiros afainados cruzavam, por entre grandes rumas de caixotes e malas, que marinheiros herculeos e louros, os largos peitos descobertos pela aberta da camisa azulada, moviam de um para outro bordo com enorme actividade.

Na bahia, em redor, coalhava já a superficie cerulea a immensa frota graciosa dos escaleres do trafego, rumando, n'uma alvura de velas, em direcção á cidade.

Subitamente, n'esse instante, um silvo grosso de *basso* rasgou o ar, para a prôa, a bordo do *Golden-Kaiser*. As raras embarcações retar-

dadas, que ainda cercavam o costado, largaram logo, ás remadas. E os primeiros movimentos das helices bateram a agua, fazendo trepidar o colosso e retezando as amarras.

Affonso então apressou-se. Correu para o velho conde polaco e deu-lhe um forte *shake-hands*. Depois, voltando-se para Sophia, que chorava já loucamente, quasi desfallecida contra a balaustrada, o rosto afogado no seu lenço branco laborado, onde buscava abafar os soluços — tomou-lhe as mãos, muito pallido, cobriu-as de beijos ardentes, e, com os olhos marejados de lagrimas, abraçou-a longamente, sem uma palavra.

Em seguida, deixando-a quasi desmaiada entre os braços carinhosos do pae, dirigiu-se para a escada, em demanda do cutter, que já arfava lá em baixo, nas ondas, preso aos croques reluzentes, o alto latino caçado.

O transatlantico poderoso entrou então a virar, barrando de giz a bahia, buscando as vagas da barra.

E como a marcha era lenta pelo extenso canal, que altos bancos ladeavam, o joven official de marinha resolveu acompanhar o paquete, no seu cutter velejante, até á linha do mar alto. Emparelhou-se com o *steamer* e começou a voar ao seu lado á aragem fresca do largo, enquanto a amada querida, debruçada tristemente á borda do *Golden-Kaiser*, agitava para elle, em adeuses repetidos, o seu lenço de cambraia.

Seguiu assim muito tempo, e só volveu para terra, quando o enorme casco fumegante se sumiu pela prôa, perdido na noite densa e nos grandes balanços do alto mar







## PAINEL MEDIEVAL

---

**D**E pé, junto ás pedras das ameias, n'um recanto isolado do velho castello gaulez, erguido sobre a ponta penhascosa de uma enseada da Armorica cheia de tradições e legendas, uma d'essas princezas venéatas, vaporosas e albetes, que eram o encanto dos Bardos e dos Cavalleiros, fixava longamente, com os olhos humidos de saudade, as aguas mansas de Quiberon, desdobrando-se para além, cobertas de frisos de ouro sob a illuminação do poente.

A pequenina cabeça alourada, de um contorno raphaelesco, estava inclinada sobre a planura azulada do golpo como ao peso dos seus sonhos ou da sua cabelleira, premida artisticamente sob a alta touca frouxelada de rendas, de onde jorravam para a testa, por cima das sobrancelhas escuras, leves madeixas côr de fêno. E seu rosto formosissimo, de um rosado pennu-

gento, apoiava-se a uma das mãos firmada n'uma aberta das ameias, enquanto a outra, suspensa no ar, agitava um lenço claro, que ondulava ao vento.

A dous passos, para traz, aprumado e elegante nas suas vestes estreitas, a listras escarlates e pretas, o espadim de prata pendendo ao talim de seda, o bello Pagem favorito, segurando ás mãos, n'uma attitude de respeito, a longa cauda opulenta do seu vestido de velludo azul, guarnecido de barras de arminhos e bordaduras de ouro reluzentes. Olhava tambem o mar, mas o seu olhar amoroso, de um brilho meigo, sorria como n'uma vaga alegria, em que a sua alma exultava intimamente incendiada n'um clarão de esperança que lhe inflava o forte peito, sempre abatido e oppresso, no seu amor obscuro, pelo alto desdem da Princeza.

E agora, que o Duque partia na cruzada aventureira para as batalhas da Religião em terras remotas do Oriente, surgia-lhe a vaga esperança de que ella viesse, um dia, movida de compaixão ou affecto, suavisar, com um sorriso de graça, as amarguras da sua existencia. E sentia se que o seu grande desejo, n'esse supremo momento, era que a frota aventureira, alli singrando lentamente, desaparecesse, de uma vez e para sempre, arrastada pelas ondas, no seio da bruma argentea.

Mas a loura castellã, na dôr d'esse apartamento, indifferente e chorosa, nem sequer obser-

vava de leve o jubilo do joven Pagem, immersa como estava na contemplação dolorosa das ve-  
las queridas que fugiam para além.

A galé do Duque pannejava ainda entre pontas, em meio ás aguas dormentes. A alta pôpa vogadora, toda coberta de incrustações e ornatos onde corriam grossos verdugos de prata sobre largos quadrados de marfim e perola, destacando no coral do poente, fazia como o relevo risonho d'essas ilhas encantadas que appareciam e desappareciam, outr'ora, tentadoramente, pelos occasos ou madrugadas do norte, na limpidez sonhadora das lendas. E as outras naves menores, com as suas azas de lona diminuidas já á distancia, deslisavam para o sul, como um bando de alcyones albrantes.

A formosa Princeza, n'esse momento de maguas, esquecia-se, a olhar as fugidias velas boiantes, evocando tristemente a sua vida de outr'ora, desde o dia glorioso em que o amado Paladino germanio chegara ao seu castello bretão. Fôra ao tempo d'essas batalhas memoraveis da Escocia, em que Wallace, á frente dos seus altivos *higlands*, batia-se leoninamente contra as hostes de Eduardo I. Os ruidos da derrota final d'esses celtas insubmissos mas desventurosos, tinham chegado á Bretanha com os primeiros nevoeiros d'inverno. Dezembro, com os seus furores e os seus ventos glaciaes, fustigava toda a costa, sublevada n'uma tempestade tremenda. Uma noite, em que o noroeste pare-

cia querer arrancar os carvalhos nas florestas e despedaçar as cabanas nas landes e montanhas brumosas, a sentinella do Pharol das Rochas déra para o castello o signal de um naufragio sobre os altos cabeços. E logo a guarnição despertara ao stridulo clangor das buzinas, rompendo d'entre as ameias. A Princeza acordara tambem, na sua camara vermelha, illuminada nebulosamente pelo clarão da *veilleuse*; e, envolta no seu manto de pelles, correrá aavez das salas silenciosas até ao Torreão do Occidente, para vêr o que occorria sob a borrasca inclemente. Das janellas ogivaes pôde divisar vagamente, como na allucinação de um pesadelo, a scena agitada de uma nave ao longe, despedaçando-se por sobre os penedos. Accommetteu-a uma emoção e seus olhos marearam-se de lagrimas, quando as rajadas tumultuosas do vento lhe trouxeram aos ouvidos gritos roucos e afflictivos de naufragos morrendo. Sentia-se inquieta e queria descer aos pavimentos terreos para dar ordens aos marinheiros. Mas socegara logo, porque descobrira á claridade dos fuzís, que abriam por vezes aavez da noite densa, a sua brava gente maritima já ás voltas com o barco, nas rochas ou sobre os vagalhões desfeitos. Não parara, porém, toda a noite, e ao outro dia, erguendo-se muito cedo, dirigia-se para o Salão dos Tropheus, quando o Pagem surgira, narrando-lhe tudo minuciosamente. « A nau se desfizera totalmente, perecendo a tripulação,

e só se salvando um homem que parecia o almirante, um príncipe talvez, pelas suas vestes e o seu nobre aspecto guerreiro. Fôra recolhido sem sentidos, com a fronte ferida e as vestes despedaçadas; e assim se achava ainda fóra das muralhas, no alpendre das galés e das rêdes. »

Ella ouvira a narração n'um desassocego e n'uma pallidez, e déra ordem para que accomodassem o naufrago no Torreão do Oriente. À noite, fôra ella própria velar o enfermo, que repousava sobre um vasto leito de acajú, todo esmaltado de chaparias de prata e finas ramagens em relevo. À luz de uma lampada fosca, feita de vidro verde, suspensa do alto tecto de carvalho entalhado por delgadas correntes de bronze sahindo de um fôfo de seda e oscillando brandamente, se destacava, sobre o velludo amarello dos grossos travesseiros, o seu rosto bello e forte, aureolado por leve barba loura e longas madeixas á nazarena. Tinha o encanto marcial de um heroe e a enformatura masculina de um deus. Por isso ella se lhe rendera logo, tomada de uma forte paixão de gauleza. Mas, só alguns dias depois, já convalescente, é que elle poude bem observá-la, encantar-se tambem pela sua feitura soberba. E, n'uma mesma fascinação e magia, ficaram-se amando loucamente.

Elle disse-lhe então o seu nome, a sua vida, o seu reino. Era Ludwico, da Germania. Possuía terras, castellos e innumeradas legiões guerreiras. Reinava sósinho, e respeitado pelas ou-

tras nações, sobre um povo poderoso e valente, para quem elle era a suprema felicidade e o supremo bem. Mas um emissario da Escocia chegara um dia. E logo abandonara as suas terras, o seu throno, e atravessara o mar com o melhor dos seus guerreiros. Batera-se pelos escocezes, tivera victorias, fôra cantado nos hymnos caledonios pelos bardos cavalleiros. De uma feita, porém, n'um encontro terrivel em que houvera traição, perdera-se a batalha, ao mesmo tempo que outros revezes succediam em todo o campo, coroando as armas inglezas. A Escocia submettera-se; Wallace, ferido, fôra feito prisioneiro. E como elle, Ludwico, escapasse ao desastre com um grupo de guerreiros, resolvera partir, tornar ás suas terras do Rheno. Após alguns dias de viagem, uma tempestade cahiu de repente: a frota então dispersara, sob a ira dos ventos; e a sua galé, dismantellada e perdida, rolara para o sul, sem governo. Depois fôra o naufragio sobre aquelles cabeços.

Ella, ainda mais apaixonada e impressionada por aquella historia aventureosa e heroica, decidira immediatamente esposal-o, encantada e n'um deslumbramento. E foi por uma noite luarenta da Armorica, cheia de canticos druidicos e da espiritualidade das lendas, que os esponsaes se celebraram, no castello em festa, cujas janellas flammantes illuminavam phantasticamente as planicies e as aguas, despertando

a somnolencia das landes e agitando as velhas almas sagradas que rondam á noite, os *menhirs*. Por fim, vieram os dias gloriosos da tumultuosa jornada ao Sequana: o inimigo submettido, em meio aos vivos guerreiros, riquezas adquiridas, tropheus conquistados, e alargadas as terras do castello em novos e poderosos dominios. E agora? O apartamento tristissimo, a saudade dolorosa e atroz. E ainda aquella jornada sobre o mar infinito. Voltaria? Quando? Ah! sorte enygmatica, insondavel e mysterioso destino!.

E junto ás pedras das ameias, recortadas em silhueta de corôa, a Princeza scismava, e de seus olhos transparentes e azues as lagrimas corriam, enquanto ao lado, occultamente, o Pagem exultava e a galé velejante do Duque desaparecia além, sob o poente dourado, n'uma esteira sinuosa de espuma.

Rio—1894.







## O VELHO COURAÇADO

(A Julio Brito).



BRIL chegara com os seus dias frescos e suaves. O sol tinha já na sua luz profuza e d'ouro um empallidimento hybernal. As madrugadas mostravam-se agora, pelas encostas das serras ou sobre os planos do mar, envoltas em vastas faixas de gaze, de uma brancura ideal. As tardes, muito limpidas e despidas de nuvens, expiravam lyrialmente em rosados esmaecidos ou em leves barras douradas. Os occasos não tinham mais as galas pomposas do estio, mas nuances esbatidas de aqua-marina ou de nacar. E a cada Avè Maria, no alto azul do firmamento, corria um bafejo algido.

Havia quasi um mez que o desolado echoar dos bombardeios tinha cessado de todo, trazendo a paz e o esplendor dos dias felizes á grande capital, tão longamente agitada durante os me-

zes lutuozos da guerra civil. Mas a tempestade tremenda rugia ainda para o sul, juntando o furor dos seus raios ao dos cyclones austraes, estourando já sobre os mares em torvelinhos de espuma. Em breve, talvez, esmagado pela fatalidade, um dos dous adversarios pujante ia rolar para sempre, vencido, n'uma medonha hecátombe.

À maneira da capital, Nictheroy, que durante os seis mezes da lucta soffrera os mais vivos tiroteios, tornava agora á tranquillidade primitiva. Já na sua maior parte, como uma tribo de andorinhas felizes, vinham chegando alegremente aos seus ninhos as familias que, atemorizadas com os horrores da guerra, se haviam asylado em tumulto pelos sitios interiores. Pelas ruas restabelecia-se pouco a pouco o movimento de uma cidade, que, abandonada por instantes, se repovôa de repente, reentrando na sua actividade pacifica. E por tudo pairava como que o alvorozo triumphal de uma nova vida.

N'aquelle dia, entre as ultimas familias que voltavam, contava-se a do barão de Sant'Anna, antigo e abastado fazendeiro, cujo palacete ficava situado n'um arrabalde littoral, de onde se dominava a bahia. Collocado para os lados da Armação, o bello solar tivera por vezes o vasto terraço da frente e as altas cimalthas rendilhadas ameaçados de ruina pelos disparos dos navios e lanchas nos pequenos desembarques da arrojada marinhagem. Mas os pontos attingidos já haviam

sido reparados e a magnifica habitação parecia mais nova que nunca nas suas brancas columnas de marmore e nos seus ricos ornatos, vassados em estylo corynthio.

À tarde, na alegria d'aquella reinstallação socegada e na plena posse de seus dominios, as filhas do sr. Barão, um bando de moças adoraveis, ao receberem as primeiras visitas das amigas da visinhança, que ha tanto tempo não viam, irromperam pelo jardim e o pomar em grazinada festiva. Foram então brinquedos e correrias, alacres ao longo dos canteiros floridos e pelas sinuosas áleas areadas, pittorescamente ensombradas pelas altas frondes ramalhosas das arvores fructiferas.

À noite, após o jantar, reuniram-se todos nos grandes salões illuminados, cujas largas janelas de marmore abriam sobre a bahia. O rico piano de cauda foi desde logo assaltado pelas moças que, no seu constante alvoroço de jubilo, succediam-se na execução de variadas peças communs, em geral valsas e polkas brasileiras, muito dançantes, de um rhythmo e graça caracteristicos. De vez em quando, porém, os ritor-nellos simples d'essas musicas ligeiras cessavam. Havia uma pausa, em que se ouvia sómente o doce gorgear amoroso das vozes femininas.

Aproveitando um d'esses fugidios instantes, uma das moças vizinhas destacou-se do grupo das outras, e, muito alegre, n'uma pressa galante, dirigiu-se á sr.<sup>a</sup> Baroneza, pedindo-lhe para

se fazer ouvir n'um dos trechos da *Gioconda*, que ella cantava tão bem. A sr.<sup>a</sup> Baroneza, que apesar dos seus cincoenta e tres annos conservava ainda muito viva a sua antiga paixão pelo canto, um dos triumphos maiores da sua encantada mocidade pelos salões aristocraticos de então, ergueu-se logo a sorrir, e, atravessando rapidamente a sala, foi sentar-se ao piano.

As meninas correram immediatamente para as estantes de musica, a procurar a opera. Al-buns e librettos de ricas capas douradas foram então folheados febrilmente por mãos delicadas e brancas, em cujos dedos faiscavam aneis. Mas o livro onde estava a *Gioconda* ninguem atinava com elle. E na impaciencia da procura fez-se uma alegre confusão, em que as folhas se voltavam tumultuosamente, por entre exclamações e risadas.

De repente, uma das moças, erguendo ás mãos um livro de capa de velludo azul, sahiu a correr em direcção ao piano, com gritinhos alviçareiros:

— Achei, sr.<sup>a</sup> Baroneza! Está aqui a *Gioconda*!

E collocando o livro sobre a pequena estante do teclado, abriu-o na aria que canta o tenor, um principe genovez disfarçado em marinheiro dalmata, a bordo do seu bergantim romanesco, onde se improvisara corsario.

Então a bella voz de soprano da sr.<sup>a</sup> Baroneza começou a ondular na sala, em notas de

uma encantadora melodia saudosa, que exprimiam vivamente as incertezas e as interrogações amorosas que Enzo, enlouquecido da paixão pela divina Laura, lançava desoladamente á immensidade e ao vago, de pé, á tolda balouçante do *Hecate*, singrando o mar de Fusina ao clarão triste da lua:

Cielo e mar! L'etereo velo  
Splende come un santo altare...  
L'angiol mio verra dal cielo?!  
L'angiol mio verra dal mare?!...

E a aria findou pelo alvoroço de uma atracção em pleno mar. Era uma galeota illuminada, que surgira de repente á pôpa, vindo de terra a toda a força, ao cantar rhythmado dos remos, em demanda do navio. Enzo depara com o vulto da amante adorada, vaporoso e feérico como uma visão edenica, á luz vermelhante dos archotes ensanguentando estranhamente as aguas. Emocionado e ancioso por apertal-a em seus braços, corre para o espelho de ré e joga um cabo á galeota, n'um tumulto febril de palavras:

Qua la fune... aggrappa... annoda  
Le tue mani... un passo ancor...  
Non cadere! approda! approda!...

As moças, entusiasmadas pelo canto e a magistral execução, applaudiam alegremente. Mas Cecília, uma das filhas mais novas da sr.<sup>a</sup> Baroneza, tinha os seus negros olhos scismadores cobertos de um véo de lagrimas. Aquella musica melancolica, que ha tanto tempo não ouvia, avivara-lhe subitamente no espirito a dolorosa saudade d'aquelle a quem de muito votara a sua alma. Desde que rebentara a revolta que nunca mais o pudera vêr, porque elle, seguindo os seus companheiros d'armas, se fôra enfileirar entre as suas phalanges guerreiras, em o navio onde se achava. Uma semana depois, no receio d'aquella lucta terrivel, ella partia com a familia para um sitio do interior, e não tivera mais noticias d'elle, nem mais soubera 'o destino que levaria! Dizia-lhe, porém, o coração que elle vivia ainda, e pelejava lá pelos mares do sul, de onde certamente deveria em breve voltar.

E sob o pungir d'estas recordações, a moça encaminhou-se para o amplo terraço que duas grandes lampadas verdes alumiam com um vago e fôsko clarão de esmeralda. Ahi, para não ser perturbada pela alacridade buliçosa das irmãs ou das amigas, que a não deixavam um instante quando a viam immersa nas profundezas d'aquelles scismares, foi accommodar-se n'um recanto escuso, entre a folhagem rendilhada de alguns arbustos e de pequenas palmeiras, que alli cresciam prisioneiros em grandes tinas pintadas.

A noite arrastava-se serenamente no espaço azulado, que estrellas rareadas picavam com a sua pontilhação tremeluzente e dourada. Para um lado a cidade estadeava-se na sua casaria branca toda cortada pelas infindaveis linhas flamantes dos combustores de gaz, aqui e alli empallidecidos pelo clarão astral de uma ou outra lampada electrica; para o outro, eram as pequenas cordas em sombra das collinas da Armazém; e, defronte, estendendo-se entre o bordado em relevo das pontas littoraes, as aguas escuras da bahia ondulando vastamente para além até ás enfiadas de luzes infinitas dos planos e montes da capital, desdobrando-se depois para a barra até aos páramos indecisos e empastados de treva das vastidões do mar alto.

Com o pensamento no amado, e tão sómente n'elle, n'uma vaga palpitação que a fazia suspirar, Cecilia investigava com um olhar melancolico a superficie immensa das vagas, buscando distinguir entre a leve mancha negra dos numerosos cascos fluctuantes o perfil querido dos navios da esquadra, que ella conhecia por elle lh'os haver mostrado muitas vezes, quando, nas frequentes idas á capital, atravessavam juntos na barca. Mas, em meio á multidão das frotas estrangeiras fundeadas no porto, desconhecendo totalmente a posição em que teria ficado a armada revoltosa ao ser abandonada, embalde procurava descobrir os seus navios, que a legalidade vencedora dispersara para o fundo da *ra-*

*de*, e que, além de tudo, a escuridão da noite cruelmente lhe occultava.

E n'essa ancia de incerteza e desejo insatisfeito, lembrou-se de repente do *Sete de Setembro*, o bello e velho couraçado, que, segundo lhe constara lá no interior, onde se achava, os revolucionarios haviam propositalmente afundado alli, em frente á cidade, a poucas braças do caes. Quando recebera essa noticia experimentara uma grande tristeza e derramara mesmo algumas lagrimas, porque amava esse navio como a um velho symbolo sagrado, que entrara accidental mas significativamente na sua existencia, pois fôra a bordo d'elle que pela primeira vez vira o Alvaro, o seu noivo adorado, quando, ainda segundo tenente, chegara de uma viagem ao Prata. Já lá se iam dez annos, tinha ella apenas treze! Mas lembrava-se tão bem do velho couraçado como se ainda o houvesse visto na vespera!

N'esse tempo conservava o couraçado a sua alta e magnifica mastreação de fragata. O seu longo costado de aço, onde a prôa se desenhava na linha característica dos navios de ariete, erguia-se a meio n'uma grande casa-matta, onde os temerosos canhões espreitavam sinistramente para um e outro lado do mar, por quatro grossas portinholas abertas. Percorrera esse compartimento com toda a familia, ao lado de Alvaro, que lhes mostrava tudo minuciosamente. Vira de perto esses canhões, tão limpos e poídos que

pareciam de prata. E o camarote do commandante? e a praça de armas?. Parecia que os estava ainda a vêr, esses departamentos, com as suas pequenas salas ouro e branco, os seus espelhos, os seus tapetes, os seus aparelhos e instrumentos de guerra, os seus quadros de batalhas navaes. A praça d'armas a encantara sobretudo, porque era n'ella que o Alvaro tinha o seu camarote, um quartinho quasi de bonecas, com um beliche esguio, tão estreito e tão baixo que ella não sabia como uma pessoa podia alli dormir sem morrer suffocada! Recordava se tambem do tombadilho, um logar muito vasto, tão bem assoalhado e asseiado como um grande salão. O que, porém, ahi mais a impressionara tinha sido o largo panno claro que tremia ao vento, esticado horisontalmente em grandes varões de ferro, e que dava uma tão doce frescura ao navio, protegendo-o contra o sol da tarde. E fôra á sombra deliciosa d'essa especie de tecto de tenda marinha que o Alvaro, de pé ao seu lado, n'um recanto da borda, aproveitando um rapido instante de isolamento, lhe dissera, n'um vago enleio, as suas primeiras, inolvidaveis palavras de amor.

E n'este triste desfiar de saudades, Cecilia percorria a bahia com os seus olhos lacrimosos, buscando, por todos os pontos, o vulto do velho couraçado, ou a sua mastreação, que deveria plainar ainda acima das ondas bravas. A escuridão sobre as aguas era, porém, n'aquella

altura, de uma grande intensidade, devido ao forte contraste das luzes vivas do caes; de sorte que ella só podia descobrir os cascos altos das barcas, que chegavam ou que partiam, n'um grande silvo metallico.

No entanto, uma vaga claridade láctea apontou saudosamente por sobre os montes de leste. Malhas rutilas de vidrilhos accenderam-se sobre o mar, lá contra a costa fronteira. Então, a meio do golfo, os navios entraram a destacar-se pouco a pouco, em vagos debruns de alvaiade, sobre um fundo de *fusain*. E por fim a lua surgiu, triumphal, abrindo um leque de prata sobre a negrura das aguas.

N'esse instante, justamente, o olhar triste da moça pairava n'um ponto das vagas onde havia um casco negro. Era o velho couraçado. Estava já desmastreado e sem cabos, as bordas despedaçadas. Ella julgou a principio que não fosse elle, mas alguma velha barça que alli se houvesse afundado.

— Não, não é possível! dizia de si para si. O bello navio não póde estar assim tão desfeito, tão desmantelado.

E esquadrinhava todo o porto, a vêr se algum outro casco seria o bello vaso de guerra, onde encontrara o seu noivo e lhe fallara pela primeira vez, n'uma emoção que constituiria para sempre a sua maior felicidade. Mas nenhuma outra embarcação grande se via alli que pudesse ser o *Sete de Setembro*. Era elle portanto aquell-

le casco informe e negro, que as ondas amavam e iam esconder para sempre, de certo, no seu scio de esmeralda.

È enquanto no vasto salão illuminado o canto e a musica proseguiam festivamente, ella, n'uma infinita saudade do noivo, contemplava sem cessar os ultimos destroços perdidos do velho couraçado, que a lua, galgando agora o zenith, fazia destacar mais e mais sob o seu clarão nostalgico.

Rio — 1899.







## NATAL NO MAR

---

(*A Elyseu Guilherme*).



**C**APITÃO tinha dito na vespera que se o tempo se aguentasse e o vento fôsse favoravel, por aquella semana, e Nossa Senhora os não desamparasse, iriam passar o Natal na sua freguezia, no descanso da viagem. Os marinheiros, occupados, ao momento, em remendar as velas, á prôa, sobre o castello abaulado, sorriram, por instantes, na doçura d'aquellas palavras, que lhes alegrava a alma como um prenuncio suave.

E um rapaz moreno, de vinte annos mais ou menos, que estava sentado á gaiúta, as pernas cruzadas, a fronte pendida sob o bonet de pala larga, afagado pelas densas madeixas escuras do seu cabello annelado, tendo sobre os joelhos uma lousa, onde fazia o calculo da ultima singradura andada, ergueu docemente os grandes

olhos negros, cheios de um brilho nostalgico fixou rapido o capitão, o timoneiro robusto, pousando-os longamente, em seguida, sobre o mar azulado. Depois, inclinando outra vez a cabeça, proseguiu mudamente no calculo, embranquecendo a pedra de numeros, que o lapis abria em bordados. Absorvido na tarefa, só se interrompia algumas vezes para folhear as *Taboas nauticas*. Suspirava então, de leve, como n'uma abafada saudade.

Levou assim muito tempo, até que o capitão, voltando da pôpa, onde estivera a deitar a *barquinha*, perguntou-lhe com a sua voz grossa e aspera:

— Então, quantas milhas andou o patacho?

— Noventa, fez elle de prompto, erguendo o rosto queimado, onde os olhos fulgiam, accesos ainda n'um clarão de saudade.

A face carregada do velho marujo illuminou-se então d'uma expansão de bondade, e sua boca alentada, de finos labios energicos, descerrou-se n'um sorriso de jubilo, sobre os bellos dentes alvos. Achegando-se da gaiúta, onde o rapaz, já de pé, pegava as *Taboas* e a pedra para descer para a camara, pousou-lhe a mão sobre o hombro, e, fitando-o muito com os seus olhos claros, raiados de sangue nos cantos pela idade e pela refracção do sol no mar, disse-lhe, enternecido, n'um vago ar paternal:

— Assim, meu rapaz! É puxar pelo casco, é puxar pelo casco! É deixa-te lá de casorios,

que tu não tens idade! A Luiza que espere. Faze-te homem, primeiro. A tua mãe, coitada, precisa de ti. Bota p'ra fóra as tristezas! E alegra-te, que vaes ainda passar com ella o Natal!

Inleiado de repente por aquellas palavras, a cabeça baixa, os olhos fígados na tolda, o Venancio, colhido assim no seu segredo intimo, nem sabia o que dizer. Mas como o velho Sociero, que elle tanto respeitava e temia pela sua severidade e rigor em viagem, lhe fallasse d'esta vez com tanta bonhomia, ousou responder vagamente, todo rubro, n'uma titubiação de palavras:

— Não, senhor. não, senhor. eu não penso em casar.

E desceu para a camara, carregando os objectos, n'uma pressa de se libertar do «aperto» em que o puzera o velho nautico. Entrou no camarote, e sob o jubilo que o tomava, n'aquella doce esperança de ir passar o Natal no seu arraial, abriu a caixa da roupa, saccou de dentro um pequeno registro colorido do Senhor do Bomfim, que era o padroeiro do logar, e beijou-o longamente, pensando na mãe e na amada.

Mas um pampeiro do sul cahiu inopinadamente, uma tarde, na ante-vespera do dia almejado. E o navio, com o littoral já á vista, pela prôa, foi obrigado a fazer-se ao mar. Desde essa hora até ao dia seguinte, ninguem a bordo pa-

rara, n'uma faina contínua, quando o vento começou a amainhar e o patacho metteu de novo na bordada de terra. Até á tarde, porém, não se avistou a costa; e a tripulação, agastada com aquelle demonio de tempo, praguejava rudemente, perdida agora a esperança de ir passar o Natal em seus lares.

O proprio capitão, de pé ao catavento, junto ao homem do leme, mostrava, n'esse instante, o rosto carregado como n'uma contrariedade. No entanto, durante o vendaval, a sua larga physionomia de leão do oceano se conservava placida e animada, n'essa serenidade incomparavel de espirito e d'alma, que é a superioridade do marujo ante esse temivel adversario — o mar. É que o velho Soeiro tinha tambem esposa e filhos a quem idolatrava, e mais do que todos, a bordo, sentia o desejo insaciavel de mergulhar o coração sequioso de affectos nas caricias e benções do lar, onde todos os que vogam nas ondas encontram sempre um asylo remançoso e sagrado.

N'um recanto da pôpa, entretanto, o Venancio, a quem o velho afagara nas vespas, junto á gaiúta alta, satisfeito e feliz por encontrar n'elle um discipulo digno e que não temia bater-se com as vagas, promettendo dar de si um marinheiro que o saberia honrar; n'um recanto da pôpa, o rapaz não cessava de olhar, um momento, o horisonte além, onde lhe parecia ainda ir surgir de repente, sob a nevoa dourada do

poente, a curva branca e saudosa do seu golfo natal. Alli ficou muito tempo, até que a sineta de bordo o despertou para o quarto.

Já então, para leste, uma cinza subtilissima se alastrava nas aguas. Descia a noite lentamente; na barra verde do occaso, onde brilhos vagos morriam, na gloria do sol que findava, um ponto fulvo pequenino, Vesper, a estrella da tarde, n'uma scintillação tremulante e faustosa, que convidava a amar, rolava no concavo azul do firmamento, como uma camandula dourada.

Nas amuradas, á prôa, e sobre o castello arqueado, os marinheiros em grupo, esquecidos já do pampeiro, n'uma resignação invejavel de almas sãs e amoveis, que não dão nunca abrigo e guarida a odios mas a amores e maguas, cantavam saudosamente e em côro essas bellas cantigas do sul, que sonorizam as estradas e praias alvas dos sitios pelo tempo do Natal.

Em baixo, na camara, o capitão, vendo que não chegariam á barra senão ao outro dia, pela tarde, pois estavam ainda a mais de dois grãos ao mar, abriira os mappas sobre a meza para traçar os rumos andados e pôr o *ponto* na carta. Mas a saudade da familia trabalhava-lhe a alma. E, ás vezes, quando o canto da maruja estalava mais forte, á prôa, sob o ranger surdo dos mastros, elle, subitamente enternecido, os olhos arrazados de lagrimas, erguia a cabeça

leonina, branqueada pelos annos, e punha se a olhar tristemente a luz amarella e saudosa do pharolim, pendendo osciladoramente do tecto, na sua manga de vidro cercada de um gradil de metal.

Em cima, ao pé do leme, sentado em frente á bussola, na gaiúta fechada, o Venancio enlevava-se tambem longamente n'aquellas cantigas nostalgicas. Conhecia-as bem, pois a sua infancia dourada havia deslizado entre ellas, n'um embalamento de jubilo, na sua aldeia adorada. E quantas vezes as cantara, em menino, no bando alegre dos amigos, em noites assim de festa, seguindo, com a lua no céo, de presepe em presepe, os ranchos palheiros das raparigas amadas!

Assim scismava tristemente, quando o côro dos marinheiros, a vante, cessou de subito, n'um profundo *stacato*. Fez-se um momento de silencio, em que só se ouvia o murmuro saudoso das ondas batendo nas amuradas. Era meia noite, uma d'essas meias noites soturnas e quasi tragicas do mar.

Então, sob os quadrados alvos das velas nevando o espaço no alto, vozes roucas e másculas, gritaram, á uma, do castello:

— Tocar a Natal! Tocar a Natal!

E logo a sineta de bordo, em repiques vibrantissimos, de uma consoladora alegria de alvorada de calma, cantou o nascimento divino do Menino Jesus, que docemente eccoou pelas aguas;

rolando allí, marchetadas de estrias de luz, sob a rêde de ouro dos astros.

O capitão, n'um enlevo, subiu á pressa ao tombadilho, chamando os marujos á ré. E todos, n'um forte unisono festivo, que arrebatava a alma, entoaram vigorosamente, na tolda, entre aquellas velas felizes dominando o oceano, este estribilho devoto de um velho hymno christão:

« Salvè! ó divino Jesus!  
Luz do nosso coração,  
Que vieste hoje ao mundo  
Para nossa salvação! »

Rio — 1896.







## GALAXIA

---



O varandim columnado de um antigo palacio, inclinada sobre a balaustreada branca toda de marmore de Paros e entrelaçada de rosas, ella olhava melancolicamente as aguas mansas do Pireu, onde o luar despontava cobrindo o golfo com o seu immenso zaimph de prata. Havia horas, longas horas de placidez e silencio, arrastadas lentamente sob o azul magnifico da noite saronica, que o seu olhar não parava, sondando incessantemente a amplidão reluzente do mar.

Para leste e para o largo, perdendo-se na limpidez espelhada do horisonte sem raias, por onde a lua subia na sua olympica illuminação ethereal, desdobrava-se vagamente um scenario de ilhotes e ilhas, em silhuetes de renda sobre a ondulação azulada. Pela costa, correndo de norte a sul, trechos curvos de praias alvas, faiscando idealmente, n'uma vasta pulverisação de alvaiade, por entre os grossos cabeços abruptos

das rochas basálticas, em altos relevos phantásticos. Manchas negras de sombra, em largas pastas angulosas malhavam retintamente as aguas, ao longo de dorsos dentados de peninsulas e cabos, cortados apenas, em um ou outro ponto longinquo, por algum saudoso, tremulante debrum de luar. É só além, ao longe, onde o Mediterraneo ia alto, n'um afastamento confuso e nostalgico, em que errava nebulosamente a espiritualidade sem fim das viagens, o grande véo de Diana, suspenso e aberto no ar, illuminando a rota escura das velas, n'uma pompa nupcial.

Um silencio elegiaco e dolente, cheio de infinita saudade, evocativo de luminosas estancias passadas — episodios romanescos, aventuras amorosas — palpitando, outr'ora, tumultuosamente sobre aquellas aguas lendarias, pesava, sob o lacteo velario do céo, n'essas plagas da Helade. Nenhum som se abria na noite além do meigo ciciar da aragem, errando queixosamente pelas penedias e areias faiscentes, afogadas na caricia espumosa das vagas. E pelo vasto littoral rendilhado, o soturno adormecimento solemne das horas altas, em que a propria Natureza omnipotente parecia repousar longamente, na suavissima exhaustão de um lethargo.

E ella, a Visão lactea e bemdita das noites claras, agitava-se pouco e pouco, no largo varandim branquejante de marmore de Paros. Uma vaga inquietação invadia-a, augmentando

de instante a instante; e seus olhos riosos, cada vez mais incertos, investigavam incessantemente os ilhotes, os promontorios e peninsulas, correndo com sofreguidão amorosa, todos os recantos escusos da planura ondulada.

De repente, uma vela esguia e alta alvejou ao longe melancolicamente, na esparsa caiação do luar, e lentamente, n'uma ainura alada e larga, inclinado á brisa, na altura esfuminhada de sombras de uma ilha isolada, nankinada densamente no horisonte pelo vivo contraste violento de um chamalote de prata, ardendo sumptuosamente nas aguas — o seu bojo avançava n'uma fina esteira de espuma, em direcção á faixa curva da praia. O seu vulto voador de aza clara ora singrava em cheio na bruma luminosa do largo, ora esbatia-se tristemente, quasi extincto e sem fórma, no seio negro das abras.

Então ella, a flôr linda do Pireu, no varandim magnifico de marmore de Paros entrelaçado de rosas, corria já, em pequeninos passos nervosos, de um para outro lado, alvoroçada e alegre, a seguir, com o olhar radiante, as bordadas alvacentas da barca.

Em pouco, libertada de todo dos numerosos recortes salientes das rochas basalticas, a vela alta vogadora começou a plainar, como um guião de escumilhã, no seio da enseada. Ao abordar a praia, bem em frente ás largas portas chapeadas do velho palacio, faiscando agora feé-ricamente sob os aljofares pulverisados do luar

que encantava — rasgou o silencio luminoso da noite a sonoridade arrebatadora e saudosa de uma balada de mar

Então, d'entre as columnas branquejantes, todas de marmore de Paros entrelaçado de rosas, a voz d'ella se elevou, velludosa e dolente, fugindo toda para o alto, para a lua, n'uma tremulina de ais!. E logo outro canto nostalgico, mas vigoroso e viril, rompeu de baixo, da amúra alvacenta da vela, supplicante e gemente, como n'um chamamento sagrado:

— Ó Galaxia!. Ó Galaxia!.

A grande porta do palacio se abriu n'um rumor abafado, e um vulto olympico de mulher assomou, deslisou, sob a lua, em direitura á praia, envolta mysteriosamente em longa tunica alva.

A vela largou de subito, afastando-se lentamente para além, para além, no Mediterraneo azulado.

Rio — 1895.





## POENTE

---



EZEMBRO, de tarde.

Do alto e fresco varandim do palacio, dominando amplamente a paisagem em redor e o porto, ao longe, com as suas aguas serenas e azuladas, manchadas aqui e além pelos cascos dos navios, os altos e finos perfis das mastreações e por pequeninas brancuras de velas, como azas, docemente roçando aquella superficie polida — contemplavamos tranquillamente e sorrindo, sobre o poente em chammas, um estranho amontoamento de espessas nuvens pardacentas, que, em lentas movimentações periphericas, se franjavam de repente de ouro vivissimo, fazendo desenhos excentricos, alados, originaes e felposos como trabalhos de lã, em proporções cyclicas, sobre um fundo de talagarça.

E á maneira que o monstruoso cumulos se distendia, especado como um cabrestante em

faina por faiscas de luz ao alto, semelhantes aos braços espaçados de um moinho gigantesco — distinguíam-se fugidamente, empastados e extravagantes perfis de coisas, objectos e animaes pre-historicos, predominando sobretudo, abundantemente, successivamente, como n'um apoucado recurso de artista esteril e rude, estampas de ursos descommunaes e de adamatores titaneos.

E tu, então, adorada e carinhosa Amada, com os teus bellos olhos embebidos na saudosa iluminação do crepusculo, admirativamente, n'uma vivacidade alegre, rompias de vez em quando ao meu lado:

— Olha! Olha! — e apontavas com o teu dedo rosado — Vês aquella nuvem lá, do outro lado, solta no céu e só? Parece uma cegonha voando.

E eu te olhava, e olhava a nuvem, enlevado na tua formosura e no encanto e na serenidade da hora.

— E aquella. esta de cá. meio clara... que está junto áquella outra, de um cinzento intenso. assemelha-se tanto ao Leão, o nosso bom e velho terra-nova. E essa outra... ali. bem ao centro, onde ha um pequeno ponto de luz rubra, dir-se-hia como uma grande aguia, de olhar em sangue, aza aberta no espaço, espreitando a preza. E lá no alto... aquelle filete de algodão, como a torre de um pharol que esmorece á distancia, perpendicular

e só n'aquelle canto azul aberto. E ainda mais lá. além. dois immensos flocos de arminho, como dois corações. E movem-se ao mesmo tempo, e ligam-se, e fundem-se na luz radiosa do céo.

Arrebatado, e tomando-te as mãos rosi-brancas, murmurei então :

— Sim, amor! São os nossos corações!.

E ficamos a olhar longas horas, docemente enlaçados, unidos e n'um embevecimento, aquelle espectáculo encantador, onde as nuvens, em mutações kaleidoscópicas, punham uma série infinita de visões na luminosa e opulenta vermelhidão do occaso.

Desterro — 1888.





# OS TELLES D'ALBERGARIA

POR

C. MALHEIRO DIAS

*É este o titulo do novo romance que a nossa casa editora, por todo o mez de Março, exporá á venda, devido á penna do eminente romancista do FILHO DAS HERVAS: um dos maiores successos de livraria e de imprensa d'estes ultimos annos em Portugal.*

*O novo romance OS TELLES D'ALBERGARIA está com certeza destinado a um exito ainda superior, attendendo ao palpitante quadro historico que descreve e que um commovente episodio de familia atravessa, n'uma constante e poderosissima attitude dramatica.*

*N'este seu novo livro, o romancista occupa-se da historia d'uma familia liberal, cujo chefe, nascendo em 1826, por occasião da proclamação da Carta pelo marechal duque de Saldanha, vem morrer á data da revolta republicana do Porto, na memoravel madrugada de 31 de Janeiro de 1891.*

*Fixar n'uma familia de provincia, cruzada de proveniencias miguelistas e liberaes, o desenvolvimento da ideia nova, dentro d'uma sociedade que permaneceu por educação amarada á ideia antiga, e estudar atravez um extenso quadro de costumes o desenvolvimento e paralyisia das suas tendencias oppostas — eis a obra superiormente notavel de intuitos a que visou o romancista. A historia, olhada atravez esse criterio inedito, passa a ser o commentario humano dos acontecimentos sociaes nos seus effeitos. Esta a novidade d'um livro onde todas as poderosas faculdades de emoção do auctor, a que o FILHO DAS HERVAS deu o mais prestigioso renome, são postas de novo a serviço de uma acção violenta e commovedora, arremessada em crescendo pelo livro e attingindo na sua ultima phase uma imponentia verdadeiramente aterradora de tragedia.*

*Livro d'um conceituoso por indole e de um audaz por temperamento, OS TELLES D'ALBERGARIA esboçam ainda uma critica de sombria audacia á pratica do liberalismo, como systema politico, em Portugal, que serve de taciturno panno de fundo á violenta acção dramatica das personagens.*

*Recommendo pois aos nossos leitores OS TELLES D'ALBERGARIA estamos convencidos de que lhes proporcionamos a leitura de um dos mais arrojados livros da contemporanea litteratura portugueza.*

**TAVARES CARDOSO & IRMÃO**

EDITORES

5—Largo de Camões—6

LISBOA





## O PALACIO DO REI LUIZ

---

(A Alcides Cruz).

**B**ELLA tarde de outubro, aquella em que eu, já ha annos, transpunha, alegre e descuidado nas minhas habituaes caminhadas, as pequenas collinas do Estreito em direcção á Praia de Fóra! Depois de cruzar varias trilhas e atalhos, por entre herva-gens espessas e sebes de arbustos floridos, n'essa península pittoresca em que assenta o Desterro pelo norte, descia lentamente a larga rua do Soeiro, correndo a cem metros do mar, sobre uma espalda curva de outeiro, e seguia, enlevado e saudoso, as velas brancas de um brigue fugindo airosas além, quando uma voz, acolhedora e amiga, inesperadamente rompeu, baixando do alto sobre mim, d'entre um massiço de verdura que ficava á direita:

— Olá! por aqui? Ha que tempo o não vejo!  
Surprehendido, estaquei, procurando descobrir quem me fallava n'uma voz não estranha,

mas cuja identidade eu não podia bem conhecer ao momento. E, sem avistar ninguém, passeava em balde os olhos curiosos e ávidos pela folhagem densa, n'essa parte agreste da rua em que a vegetação crescia á lei da Natureza e onde se erguia a prumo o córte aspero do terreno, á maneira de um velho muro todo coberto de musgo e lianas, entrelaçando-se em delicada urdidura verde.

A voz estalou de novo, forte e meiga :

— Então, goza-se a vida e passeia-se?.

É a figura esguia e alta do meu amigo Trompowsky appareceu, n'um talude ao lado, caminhando ao meu encontro, atacada n'um leve e claro costume de verão, o rosto fino e rosado, os labios vagamente sorrindo, barbicha loura ao queixo e uma radiação carinhosa de affecto nos bellos olhos glaucos.

Feito o costumado cumprimento e trocadas algumas palavras sobre o sitio que elle escolhera para passar a calma estival d'aquelles mezes, fomos descendo vagarosamente para a Chacara Garcia, onde a Praia de Fóra começa, alva e recortada, contornando a agua azul com o seu crescente de areias. Palravamos cordialmente de tudo, parando, de momento a momento, para admirar a paizagem e o littoral esplendido, quando, de uma vez, avistei, a pequena distancia, para o lado de baixo, por sobre a cêrca de espinheiros, recentemente roçada, uma especie de alicerce em ruinas, n'um vasto terraplano qua-

drado, aberto sobre um dorso alto de outeiro, que entrava mar a dentro como um pequeno promontorio, cujo extremo findava n'um monte de rochas agrupadas em cabeços.

Interessado e curioso, perguntei ao meu amigo se sabia a origem d'aquellas bases de construcção, que tinham ficado apenas em inicio n'esse viso de collina maritima, que era talvez o mais bello ponto paizagista da costa, revelando assim um fino gosto aristocratico de artista em quem o escolhera para n'elle levantar o seu ninho. E, attrahido por aquillo, examinava com afan toda a sebe, em busca de uma passagem que me levasse até lá, emquanto o amavel Trompowsky, fixando-me com um sorriso, ajuntava fleugmaticamente a meu lado, procurando acalmar a minha curiosidade febril:

— Espere, homem, eu lhe explico. Aquillo tem uma historia interessante. Não é preciso romper assim tão loucamente os espinhos! Olhe, alli está um atalho que lá vae ter direitinho.

E mostrava-me, adeante, uma curva reenfrante da cêrca, onde havia uma porteira.

Era já no suave, verdejante pendor arborizado da Chacara Garcia. A rua perdia-se ahi sob as frondes amplas e altas das nogueiras e dos camboins, estendendo-se sinuosamente para longe, mosqueada aqui e além pela alvura das casas, surgindo entre moitas tremulantes de bambuaes verdissimos.

Apressando o passo, transpuzemos a can-

cella, e, em pouco, pela fita rubra da vereda que se torcia em meio a grama, chegamos ao terraplano que se via do caminho. Este lugar aprasivel, fechado do lado de fóra pelo semicirculo de rochas erguendo-se em recorte cinzento, era totalmente descampado e coberto deervas rasteiras, formando justamente a pontasul do crescente em que se talhava a bahia. D'ahi o panorama littoral se desenrolava aos meus olhos n'um relevo impressionista.

A essa hora, o sol ia cahindo lentamente por traz da linha ondulosa dos cerros das Tijuquinhas. Toda a costa do continente e da ilha desenhava-se nitidamente, a uma e outra banda do golfo, nas rendas alvas das praias curvas, na tumidez verde dos outeiros viçosos e no declive magestoso de espaldas esmeraldinas. As casas da Praia de Fóra, pousadas á beira d'agua, a frontaria batida do sol, n'um concavo de areias limpidas, fulguravam pela vidraçaria radiante n'um incendio purpurino. Á direita era a ponta do Recife. Cacupé, Santo Antonio, Sambaqui, o Rapa e o Arvoredo, com os seus topos solientes d'hervagens, perdiam-se além pelo mar, sob um véo d'ouro subtil. Á esquerda a brancura dos arraiaes e freguezias maritimas, espiando do alto dos cabos, ou sobre a encosta dos montes, as velas claras que singram. E no estôfo infindo da vaga, malhado de frisos d'espuma, a tumidez graciosa de pequenas ilhas, boiando, como cabazes floridos, sobre a planura infinita.

Depois de olharmos um instante o occaso admiravel, entrei a examinar detidamente o vasto terraplano quadrado, onde se erguiam os ali-cerces de pedra, que mostravam, em certos pontos, fendas e desmoronamentos, cobertos já pelas hervas, dourando sempre as ruinas de uma eterna primavera. E calculava, admirado, as proporções cyclopicas que não viria a ter o edificio alli projectado, se fosse levado a effeito — quando o meu amigo, convidando-me a sentar ao pé d'elle, sobre umas pedras altas, começou a narrar a historia d'aquellas ruinas, que, segundo me disse, eram de construcção recente, pois vira elle preparar-se o terreno para os primeirós trabalhos.

O rei da Baviera, Ludowic II, que era um verdadeiro doudo (o Trompowsky, com o seu espirito equilibrado e terra á terra de homem pratico, posto que intelligente, não admittia paixões artisticas, phantasias, idealidades), tivera a ideia, uma occasião, de mandar á America, por sua conta, o seu secretario particular, com o fim unico de escolher um sitio para a edificação de um palacio que elle viria habitar, um dia, quando cançasse de reinar (o Trompowsky accentuava este *cançasse* com um riso ironico e caustico). O homem recebera para essa commissão instrucções especiaes, entre as quaes figurava a condição principal da aprasibilidade e encanto do logar, seguindo-se, na hypothese da escolha, a remessa para Munich de photogra-

phias, plantas e quadros. O primeiro paiz onde aportara fôra os Estados-Unidos, seguindo-se a Nova-Bretanha ou Canadá, o México, todas as Republicas da America Central e as Antilhas. Depois descera pela Colombia, Venezuela, as Guyanas até o Oyapock, atravessando pelo interior para o Equador, o Perú, a Bolivia, o Chile, a Argentina, o Uruguay, o Paraguay e o Brazil, que correu desde o Rio Grande do Sul, cortando pelos Estados do centro, até ao Amazonas, tomando após o littoral e visitando tudo até Santa Catharina, onde parara alguns mezes em continuas excursões pelas colonias allemães desde Angelina a S. Pedro de Alcantara, no sul, a Joinville, Brusque e Blumenau no norte. Por fim, chegara ao Desterro. E tinha sido aquelle alto de collina, acabando pittorescamente n'um cabo sobre o mar azulado, no meio de uma paisagem deliciosa e das mais originaes do mundo, o local escolhido pelo emissario do rei Ludowic para o seu novo palacio. Tiradas vastas e numerosas photographias, arranjados mappas e planos minuciosos de toda a ordem, e remettidos para a Baviera—um anno depois voltavam, com a approvação soberana, em copias nitidas e exactas, ás mãos do solcito mordome imperial, ao mesmo tempo que chegava uma turma de architectos, pintores, decoradores, estofadores, carpinteiros e pedreiros bavaros para as obras do grande castello ideal.

Eu ouvia tudo isto, que me parecia quasi

inverosimil e phantastico, n'uma arrebatção intima, gosando mais fundamente então, na minha nevrose pathologica de artista, a irresistivel *sympathia* desde muito votada a esse rei encantador, estranho estheta coroado que o mundo já vira um dia. E as suas grandes collecções artisticas, de uma riqueza «feita para desorientar a gente», como disse Oliveira Martins, composta do celebre lustre que a fabrica de Meissen levou quatro annos a fazer, de uma *toilette* de Saxe que jámais alguém possuira igual, de um leito todo incrustado d'ouro e de uma colcha da China que era uma maravilha,—bailavam-me na ideia n'um torvelinho rutilante de pedrarias e cousas preciosas e raras. Pensava nos seus palacios da Baviera «que eram de fadas, nos recessos mais agrestes das montanhas, sobre pinaros inacessiveis, ou em ilhas banhadas pelas aguas dos lagos alpestres». Via, claramente via pela imaginação superexcitada, a sua figura loura e colossal, «de noite, ao luar, na sua barca, fazendo de Cysne—o cysne da lenda, o Lohengrin da phantasia germanica!» E encantava-me, sobretudo, a paixão extraordinaria e mental que elle tivera por Wagner, dando-lhe especialmente um theatro para as operas geniaes e construindo-lhe outro em Beyruth, sob a unica condição, como diz ainda o egregio pensador portugues, de «ir ouvir, sósinho, ás escuras, a *Tetralogia* épica em que os seus sonhos tomavam realidade, e em que o mundo

lhe parecia um só, o da scena e o dos homens, o das visões e o dos factos, interpretados em symphonias de uma allucinação atrozadora...

Mas o Trompowsky proseguia:

Mal as obras começaram, o rei Ludowic consumido pelas dividas e dado por doudo pelos medicos, deixara o throno da Baviera, sendo acclamado, em seu logar, um irmão—outro doudo! O emissario, que dirigia os trabalhos suspendeu tudo, e, reunindo toda a gente, partiu. D'ahi a mezes chegava ao Brazil a noticia tragica de que o pobre Ludowic II, uma manhã do anno de 86, por um junho azul e suave, em Munich, andando a passear pelas margens floridas do Starnberg, atirara-se ao lago onde perecera afogado.

O Trompowsky calara-se um instante; depois, pousando os olhos no mar, que se ensombra já lentamente á ultima claridade do occaso, concluiu:

— Aqui tem, meu amigo, a historia verdadeira, mas que poucos conhecem, d'estes alicerces carcomidos que tanto o impressionaram.

E, levantando-se, desceu para o recorte de rochas onde o cabo findava.

Eu, sentado ainda sobre aquellas ruinas, embevecido com o que elle narrara, n'uma impressão extraordinaria, olhando vagamente as primeiras estrellas que radiavam a leste com uma luz etheral, evocava intimamente, no espirito, o verdadeiro perfil d'esse bávaro ineffavel, que,

rei e artista, só vivera para a Phantasia e para a Arte, figura impressionante e olympica, que eu vira, uma vez, havia annos, n'um bello quadro allemão, em Joinville, no grande palacete do principe d'este nome: um rapaz de trinta annos, fronte ampla e expressiva, cabellos d'ouro annelados e uns olhos rasgados e vagos, de um azul de faiança, voltados somnambulamente para o céo, como os de um mystico ou de um illuminado.

Rio—1896.







## A GAIVOTA AZUL

---



ENCANTO de Miss Anne a bordo era uma d'essas lindas gaivotas do polo, de alto pescoço gracioso e de uma alvura radiante, tocada levemente, nas azas, de uma nuança de azul.

Possuia-a havia um anno. Dera-lh'a o praticante da galera, uma manhã de julho, na costa da Groenlandia. Fôra após uma grande lucta com duas balêas, que tinham sido arpoadas pela meia noite no paralelo 70, junto á ilha de Hooker, sob esse clarão nebuloso e perenne das noites polares. As lanchas as perseguiram durante seis horas, n'uma faina contínua, finda a qual os arpões as venceram. Mas antes d'isso a embarcação que o rapaz patroava, tivera algumas taboas arrancadas ao fundo pela terrivel rabanada de um dos cetaceos, que a levara a encalhar n'um *iceberg* proximo, em cujas finas agulhas

de gelo pousavam bandos e bandos de passaros marinhos. Enquanto os tripulantes da baleeira tomavam os rombos com lônas alcatroadas, o George Dinger, com a sua espingarda inglesa, percorria a grande massa gelada, derrubando algumas aves, entre as quaes uma bella gaivota azul, que, viva e mal ferida n'uma aza, debatia-se, aos gritos, sobre um cabeço alto. Apanhada a *laurus glaucus*, ao voltar para bordo da galera, offerecera-a á Miss Anne, que era loyca pelas aves do mar.

A graciosa menina irlandeza nunca mais a deixara, tratando-a como uma boneca, fazendo d'ella o seu encanto. Puzera-lhe o nome de *Hope*, esperança, e trazia-a continuamente ao collo, cobrindo-a de mimos e beijos, repetindo-lhe d'istante a instante, na sua adoravel ingenuidade, como a uma companheira querida, palavras de doçura e meiguice — *oh my dear! oh my darling!*

Pela manhã, quando deixava o camarote, surgia no salão da camara já com a gaivota nos braços, a dar-lhe pedacinhos de biscoutos, miolo de nôzes e passas. E mesmo ás horas de leitura, das longas leituras britannicas, muito fundas e scismadas, com um grosso volume de Cooper sobre o regaço, nos vastos sophás das anteparas da camara ou no seu camarim sobre os estreitos beliches envernizados, junto ao vidro das vigias, aflagava-a ternamente, envolta nas suas vestes de pelles sob o frio boreal. Á tarde, nas

latitudes mais quentes, emquanto a galera bordejava, com os grandes corpos dos cetaceos amarrados ás bordas, na extracção d'esse oleo utilissimo que faz a riqueza dos armadores baleeiros de Mugford e do Donegal, vinha brincar para o tombadilho, empoleirando a gaivota nas enxarcias de ré, ou fazendo-a esvoaçar pela borda, presa de uma fita escarlata.

E era essa, agora, a diversão predilecta da filha do capitão Thomas Reider, um valente marinheiro, de tez lisa e côr de lacre, apesar dos seus quarenta annos de lida no mar. Cruzando os oceanos polares durante o verão, quer nas regiões boreaes, quer nas austraes, esse gigante das vagas, desde que casara, na primeira metade da sua mocidade, activo e ambicioso, encetara o commando de navios baleeiros, de onde se tiravam então riquezas incalculaveis. As suas primeiras viagens foram em navios do Canadá, e com tal exito se accentuaram para elle, que, dentro de seis annos, passara a armar por sua conta, em Foyle, na Irlanda, de onde era a mulher, formosa loura do Donegal, de forte descendencia maritima, cujos antepassados haviam perecido heroicamente nas grandes expedições arcticas. A morte d'esta, porém, n'uma invernação dolorosa no polo, onde todos estiveram quasi perdidos, logo após o nascimento de Anne, na sua esplendida galera *Mermayd*, desgostara-o de tal modo que vendera os seus navios e bens, e, voltando ao Canadá, passara alguns

annos em terra, com um *Ship-chandler*, para educar a filha e descansar um pouco dos labores do mar. Mas o negocio fôra para traz, durante uma grave pneumonia que quasi o matara, e, perdido tudo, apenas se restabelecera, embarcara outra vez para a pesca polar. E alli ia, agora, aos sessenta annos e pobre, só com aquella filha adorada, no alto casco da *Farwell*, para as aguas austras.

Miss Anne era uma menina de quinze annos, alta e cheia, de um busto de gigante das *Sagas*, robusta, septentrional. Tinha os cabellos crespos e côr das praganas dos milhos, a pelle fina e rosada, os olhos de um verde de onda do largo. A bocca fresca e polpuda, vagamente recortada em flecha, abria-se, sobre os dentes de neve, como um traço carminado. E do seu talhe alto e forte de deusa britannica, dourada pelo sol do mar, um resplendor sahia, nimbando-a de tal graça e belleza, que se diria uma apparição dos Eddas, surgindo, loura, das vagas.

George Dinger, que era um rapaz brasileiro, de cabellos castanhos e olhos negros inflamados, posto que filho de *yankee*, mal pisara o convés da galera impressionara-se por Miss Anne. E no espaço de quasi tres annos em que alli andava, cruzando as zonas polares, o seu coração enamorado não cessara um só instante de palpitar e gemer por aquella rapariga divina, que lhe arrebatara a alma. Mas a visão loura

das *Sagas*, na sua ingenuidade saxonia, durante muito tempo não lhe déra a menor attenção. E era embalde, e timidamente, que elle, ás vezes, á meza, lhe dirigia a palavra, amoroso e tartamudeante; ou que, pelas tardes veladas do pólo, ou sob os luares idealisadores dos céos tropicaes, a envolvia em seus cantares, fitando-a meigamente da borda, sob as velas enfunadas.

Miss Anne não passava de uma verdadeira criança com um porte colossal. Um dos seus entretenimentos mais queridos eram os jogos que, nos dias de calma e boa monção, lhe arranjava o piloto na tolda. Esse bom velho hercules, rosado e de barbas grisalhas, que, apezar de solteirão amava as crianças com um enterhecimento paternal, fazia consistir, de algumas vezes, as suas brincadeiras em correrias loucas atrás da menina, como se brincassem ambos o *Tempo será*; de outras, em agarral-a pelos braços e balouçal-a da borda sobre as ondas espumantes—tudo isso por entre um alegre tumultar de exclamações e risadas.

E o pobre George Dinger, debruçado da borda, ou de pé junto ao leme quando estava de quarto, vendo-a tão indifferente ao seu amor, suspirava baixo, n'um despeito e com um vago ar magoado.

Mas na occasião em que estivera quasi a morrer contra a ilha de Hooker, na perigosa arpoagem d'aquella manhã de julho — o peor dia

de pesca que experimentara depois que andava na *Farewel* — uma esperança de que a rapariga viesse a perceber o seu grande affecto por ella, nasceu-lhe subitamente n'alma ao apanhar a linda gaivota azul. Desde então, com effeito, Miss Anne se lhe tornara mais amiga, e, com a ave sempre ao collo, no tombadilho ou na camara, quando se encontravam, fallava-lhe com certa meiguice, envolvendo-o na dôce luz dos seus olhos.

Com o pretexto de afagar a gaivota, elle já-mais se descuidava de se approximar d'ella, dirigindo-lhe de continuo elogios e graças. Assim, dentro em pouco, começou a nascer entre ambos uma certa intimidade. Horas e horas, então, pelas manhãs transparentes e pelas tardes suaves, sentados alegremente na tolda ou junto das amuradas, apreciavam a aurora ou o crepusculo fulgindo em chammias de nacar sobre a vastidão do oceano, ao mesmo tempo que caricias languês de amor voavam de labio a labio, no murmurio vago das ondas quebrando contra o costado. E a gaivota azul entre ambos como um talisman sagrado!

Um dia, porém, ao deixarem o hemispherio do norte, a linda ave fugira. Miss Anne, inconsolavel e n'um pranto, fechada no camarim, não quizera fallar ao namorado, nem subira ao tombadilho. Elle tambem, por seu lado, triste e suspiroso, corria todo o navio, á procura da gaivota, que era a sua felicidade na vida.

Mas a gaivota do pólo lá\ia por esses mares, em busca dás terras arcticas.

E o capitão, indifferente, ria alegre com o piloto, enquanto a galera veleira singrava, airo-sa, á bolina.

Rio—1897.







## A SONATA DO LUAR

---



**A**NOITECIA, quando, pela varanda do lado dando para o jardim, nos encaminhamos para o grande terraço balastrado da frente, deixando a vasta e confortável sala de jantar, onde agora duas robustas criadas alemães, muito louras, a pelle fresca e rosada, os braços sahindo nós e roliços das mangas dos seus corpetes alvos, se agitavam apressadamente, arranjando e pondo em ordem a bella meza cheia de flores onde, havia momentos, festejamos com jubilosa cordialidade, tocando as taças de Joannisberg, o anniversario de uma d'essas pessoas queridas que são a graça e a benção de um lar.

Longe, no horisonte, sobre a negra muralha recortada da serra da Boa-Vista, a lua subia, abrindo deliciosamente no espaço o seu immenso sendal luminoso. Através o crivo escuro das trepadeiras, cujas folhas tremiam á aragem ci-

ciando-lhes mysteriosas caricias, pequenos discos de claridade lactea desciam até aos recantos mais escuros, batendo o marmore do terraço. Mas os balaustres do centro rasgavam como uma larga janella para o campo, para a amplissima paisagem ennoitada.

Ahi sentamo-nos todos, embevecidos no panorama do rio, estadeando se nas voltas flexuosas como uma estranha via-lactea, ao longo da grande avenida do caes. No fio da corrente; onde parecia que ferviam raios de prata em fusão, barcas a vapor, pequenos lanchões e hiates erguiam no ar vagamente a trama fina das mastreações debruadas de luar. Nos planos da outra margem, terminando em collinas longinquas, que se esbatiam na sombra diffusa, as culturas adormeciam no silencio do céu nevoso. Pela barranca cortada a prumo, aqui e além, na sebe raza dos arbustos, arvores moças e pujantes, um ou outro tronco decrepito, torcido já pelos annos e só coroado no alto por um pennacho de folhas, inclinavam as suas franças rendadas, como para ouvir as ondinas que lhes passavam junto ás raizes, cantando.

O maior encanto do quadro era, entretanto, uma pequena ilha fronteira, de cuja profusa vegetação uma casinha surgia, tendo a um dos extremos uma gigantesca palmeira, que, semelhante a um mastro, lhe dava o aspecto de uma velha barca de pastoral de outras épocas, apodrecida á margem de algum canal esquecido e

invasão por uma inundação de verdura. As águas, descendo com violência, abriam á sua prôa de hervagens longos florões prateados, que ondulavam e fugiam.

Mas, de repente, *fraulein* Elsa, a filha do dono da casa, em cuja honra era aquella festa, á frente de um bando alegre de amigas, appareceu, atravessando o grande salão illuminado, em direcção ao terraço.

As graciosas walkirias chegaram n'uma gracinada festiva, e, tomando o lugar em que estávamos, debruçaram-se aos balaustres, a contemplar o esplendor do luar que nevava todo o céo, a casaria de Blumenau, os cimos altos das collinas, das arvores, e a longa faixa flexuosa do rio. E de suas boccas mimosas, exclamações vivas fluíam pela noite admiravel. N'isto approximou-se do grupo o velho Carlos Schneyder, padrinho da festejada, que, dirigindo-se a ella, pediu-lhe que fosse tocar uma das suas musicas amadas.

Então, um rapaz imberbe e louro, a estatura gigantesca, athletico e virilmente bello, que estava de pé a meu lado, meio curvo na sua linha de *gentleman*, voltou-se todo para a moça e disse-lhe em allemão, n'uma accentuação muito intima:

— Beethoven, Elsa, Beethoven! *A Sonata do luar*

Elsa, muito alta e airosa no seu vestido claro de crepe, ergueu vivamente o lindo rosto

oval, de uma louçania celeste de corolla que se abre, e, com os grandes olhos azues, de uma transparencia e candidez ineffaveis, um sorriso nos breves labios rosados, murmurou uma recusa. Mas logo todos repetiram o pedido n'um côro solicitante e alacre:

— *A Sonata do luar! A Sonata do luar!*

Não houve então mais escusa possível. O bando chalrante enveredou para o salão como uma revoada de andorinhas voltando ao beiral de um castello do Rheno por uma tarde primaveral — e Elsa foi sentar-se ao piano.

O rapaz louro e athletico seguiu o bando adoravel, indo accommodar-se em um *divan*, o rosto muito rosado agora á luz profusa dos lustres e uma radiação amorosa nos seus olhos de faiança.

O velho Schneyder e os demais cavalheiros foram collocar-se ás portas, n'uma attitude de profunda attenção. Leopoldo Schwarz e a esposa, os bons paes de Elsa, ficaram commigo no terraço, sob o crivo das trepadeiras onde o luar peneirava a sua luz fôscas e alvas.

E logo as primeiras notas da sonata saltaram do teclado, voando a todos os angulos do salão. Os accordes suaves, de uma symphonia arrebatadora, ondulavam e fugiam, deixando no ar como um fremito de emoções. Envolveria tudo a nevoenta espiritualidade de um sentimento recondito, passado em almas que vivem perpetuamente na adoração do indefinido e do vago,

anciando pela realização de um amor que se livra nos páramos ilimitados de uma criação transcendente, na esphera subjectiva das illusões e dos sonhos.

Mas n'essa animosidade nebulosa de affectos idealizados e aspirações levadas para além da terra até ás raias da abstracção, havia toda a palpitação e embevecimento de uma paixão desvairada. E atravez d'essas volutas subtilissimas de sons, envolvendo como um fio de melodia dois corações que, polarizados pelo mesmo impulso, se attrahem e se fundem n'um só aneio de ideal, sem conseguirem entretanto a desejada ascenção ao seu Eden sonhado, se desenhava vagamente a inilludivel realidade da estancia mais notavel, talvez, da vida do grande artista, que concebera, n'um arroubo divino, aquella sonata genial.

Sob a grande execução, eu sentia debuxarse, em meu espirito, o esqu<sup>is</sup>so d'esse *lied* germanico. Era n'um velho solar palatino, por uma noite clara do norte. Um cavalleiro enamorado estaca subitamente o corcel sob as ramas das carvalheiras junto de um torreão rendilhado. A lua, com a sua luz mysteriosa e vaga, banha docemente os vitraes coloridos da janella gothica. Vibrando o seu alaúde, o paladino amante solta as primeiras estrophes sonoras de um meigo e velho rimance. Então a ogiva rutila estremece e um perfil louro de visão se debruça, arrebatado pelo canto. Depois o trovador

emmudece. E as horas vôam no silencio da noite nevada. Por fim, um cicio de phrases e beijos de amor passa de uma á outra bocca, de um a outro coração. É o momento da partida. Adeus, meu sol, meu thesouro! Adeus, adorado amor! E o cavalleiro galopa, fugindo na estrada branca.

Quando a ultima nota da *sonata* findou, Elsa ergueu-se, risonha e cheia de graça, com o seu alto porte de walkiria e a sua bella cabelleira loura. Todos correram a saudal-a, as moças como os rapazes, n'um alvoroço festivo.

O ultimo, porém, que a saudou foi o joven Apollo germanico, que se sentara ao *divan*. Mas a sua galanteria merecera tal acolhimento da moça que eu, vendo-os assim tão unidos, as mãos enlaçadas como n'um enlevo feliz, fiquei a pensar, por instantes, nos personagens ideaes d'aquella sonata magica.

Rio— 1899.





## NATAL

---

(À illustre escriptora portugueza D. Maria  
Amalia Vaz de Carvalho).



GRÁ vespera de Natal em Joinville, a formosa cidade teuto-brazileira do extremo norte, no estado de Santa Catharina. As derradeiras claridades rosadas do crepusculo esmaivavam pouco a pouco a oeste sobre as planuras que margeiam o Cachoeira, onde se recortavam pittorescamente, em massiços de folhagem, os extensos mangaes verdes, de cujo seio se erguiam, aqui e além, para os planos afastados, frondes de arvores ramalhosas e troncos torcidos e esguios de eucaliptus, abrindo no céo pallido da tarde os seus penachos de folhas embalados pelo vento.

O pequeno vapor em que eu ia, o *D. Francisca*, contornara já uma das amplas voltas do rio, de onde se começa a avistar, pelos rasgões da verdura, os telhados de ardósia vermelha das primeiras casas de paredes alvissimas da

cidade do Príncipe. È d'ahi a instantes as sébes densas de mangue, que cercavam a *espiègle* lanchinha singrando aguas acima, findaram de repente, surgindo então a meus olhos o caes principal de Joinville — uma linha cinzenta de cantaria, coroada por um renque de armazens que são depositos de mercadorias.

Marinhei apressado, com uma maleta de viagem na mão, uma das escadas de pedra, por entre um bando rumoroso e festivo de pessoas da cidade, mulheres e homens, que vozeiravam e riam, n'um portugues cheio de rr e em syllabas asperas, gutturaes de allemão. Eram familias e outros que vinham receber os conhecidos e amigos de S. Francisco e do Desterro em excursão de Natal á pequenina e nova Colonia d'áquem Atlantico, que é talvez a mais bella cidade do Brazil.

Uma trapalhada de carros tomava toda a praça que se estende por detraz dos armazens — carros de passeio e de carga, uns parados a receber volumes, outros a rodar, atulhados de gente, n'um movimento de chegada e partida, puxados por parellas possantes ao vivo estalar dos chicótes. Retido entre o borborinho, procurava eu um carro de aluguel ou alguem que me guiasse até á rua dos Lyrios, onde me esperava um nobre lar germano-brazileiro de familia querida, quando me achei subitamente arrebataado por dois braços robustos, a amplexarem-me com affeição e carinho :

— Oh senhorr amiga! Oh senhorr amiga!

Era Paulo Rosenberg, um hercules de dezoto annos, inteiramente imberbe, de olhos azues e muito louro, meu dedicado camarada e filho mais moço da familia que me aguardava á bella rua dos Lyrios. O rapaz, agarrando a minha mala, uma das mãos no meu hombro, carregou-me logo para o seu carro, no meio da balburdia que ainda reinava no largo, augmentada agora pela escuridão da noite envolvendo Joinville.

Galgado o estribo, e bem accommodados nas almofadas de marroquim, o cocheiro fustigou os cavallos e entramos a rolar pela rua do Porto, onde as primeiras habitações se mostravam já profusamente illuminadas, malhando fóra os jardins e o macadam alvacento com grandes faixas douradas. Pelas janellas e portas, abertas de par em par, ao centro d'esses recessos sagrados de serenidade e de amor, as lindas arvores tradicionaes de Natal destacavam-se n'um *bouquet* de verdura, estrelladas vivamente pelas chamma-sinhas fumarentas das microscopicas velas de cêra colorida, ardendo em todos os ramos no meio de *bibelots* variados e dôces de mil feitios. Revodadas de crianças, todas de cabellos côr de ouro, em leves vestes cheias de fitas, brincavam alegremente em torno de cada arvore, n'uma grazinada festiva. Sob as trepadeiras floridas que revestiam as varandas e cujas folhas miudinhas recortavam-se em fina trama de bronze n'um

fundo fulvo de luzes, homens e matronas, com rapazes e moças de *lieder*, as cabeças de um tom dôce de trigo ou feno em plena maturidade, em volta de longas mezas atoalhadas, cobertas de grandes bolos tostados e de copos e pelotões de garrafas, palravam e riam alacremen-te, bebendo fresca cerveja espumosa ou esses puros vinhos do Rheno que vêm de vinhedos lenda-rios.

Para alcançarmos a casa tínhamos de per-correr todo o coração da cidade — a rua do Meio, a do Príncipe, a de Ludovico, a da Ca-choeira e a do Norte, todas amplas, muito lim-pas, pautadas ao longo das casas por orlas de grama curta e por sébes de roseiras.

O nosso carro voava, cruzando dezenas de outros, atravez as ruas em festa, em meio a cor-renteza dos prédios, que, ornados e cheios de luzes, povoados de risos e cantos, com balões venezianos brilhando entre ramagens, a arvore amada das crianças erguida ao centro das salas, faziam esquecer por momentos a materialidade de sua structura, para tomarem á vista deslum-brada a architectura luminosa e rendada de cas-tellos phantasticos, d'esses que — rezam as *sagas* — fulgiam á noite pelos feudos, nos grandes fes-tins reaes. E o magnifico vehiculo só diminuia a marcha ou estacava por vezes para dar passa-gem aos numerosos grupos de raparigas e mo-ços que, aqui e além, tomavam as esquinas das ruas, vagando em todos os rumos, n'uma gran-

de cantoria choral, em que as notas graves dos *bassos* abafavam, a espaço, o unisono delicado das gargantas femininas.

Em varios pontos e quadras, edificios colossaes, com largos porticos e parques interiores, como immensos polytheamas, destacavam-se feericamente pelo extraordinario clarão de sua alta frontaria pejada de luminarias: eram os «bailes publicos», onde se reune a gente do povo, operarios e criadas para celebrar o Natal. Bandas musicaes de cem figuras e mais estrugiam dentro, em execuções vertiginosas mas de uma afinação impeccavel, desenrolando o infinito repertorio das polkas, schottischs e valsas, ao som das quaes se moviam jubilosamente multidões innumeraveis de pares, n'esses *zumb's* delirantes que começam com as primeiras estrellas e só findam á madrugada.

Durante meia hora talvez carruajamos assim, em meio a expansão collectiva e geral de toda a cidade, onde de certo poucas almas haveria que não palpitassem e gozassem no triumpho do Natal, essa festa caracteristica e eterna das nações septentrionaes. E foi justamente ao apontar sumptuoso da lua sobre as collinas de léste, onde o rio serpenteia por cachoeiras de prata, que nós entramos, muito alegres, a linda rua dos Lyrios, scintillando toda accessa pela fachada das casas.

Alguns momentos depois apeiavamos, sob palavras de boa acolhida, á entrada da ampla

varanda entre ramagens do palacete Rosemberg, onde o bom velho Wilhelm, o dono da casa, deixando a multidão dos convivas que lhe inundavam as salas, com a esposa e as meninas, um grupo ineffavel de walkirias louras — me veio cercar para logo affectuosamente, ordenando a Paulo que me conduzisse lá acima, aos aposentos que me destinara. Subimos, então, em seguida, e, demorando-me apenas o tempo indispensavel para sacudir a poeira de carvão da viagem, delongada de quasi seis horas desde S. Francisco até ao caes de desembarque — descí radiante com Paulo, para a apresentação aos amigos da família e a primeira visita á arvore de Natal, no salão nobre, onde as crianças traquinavam em deliciosa algazarra.

Na larga varanda balaustrada, abrindo para o jardim da frente, sob o denso crivo de trepadeiras e as luzes que o douravam, corria a immensa meza do festim de *meihnachten*, totalmente occupada por cavalheiros e damas, e á cabeceira da qual Wilhelm Rosemberg e a esposa, repousados e felizes, n'essa alta sinceridade de affectos que é o encanto da raça saxonia — faziam as delicias de todos, entretendo e animando a confabulação geral na mais doce intimidade. Cada um dos convivas, sentado familiarmente ao seu lugar, servia-se por suas mãos, pois n'essa noite não ha um só lar allemão que não dê folga aos criados — e esta é a folga sagrada do Natal, que ninguem ousa de

leve affrontar, ainda em casos excepcionaes. Os homens e rapazes tinham diante de si altos copos de litro, de porcellana ou crystal, com as finas tampas de metal branco reluzente erguidas para traz sobre a aza: dentro de cada copo a cerveja fervia, coroada de espuma, translucida, côr de topazio. As matronas e *fraulein* debicavam iguarias e doces, acompanhando os saborosos bocados com pequenos goles de Kocheim e Jahañnisberg, os famosos e finos vinhos capitosos do Rheno.

Assim que appareci com Paulo, o velho Wilhelm, empoltronado como estava, sem se mover, mas risonho e affavel, com os seus olhos vivos de sable cheios de uma grande ternura, a barba longa e grisalha, gritou o meu nome a todos, apresentando-me desceremoniosamente, e chamou-me para o seu lado, onde sentei-me, depois de corresponder ás cortezias, na cadeira deixada n'esse momento mesmo por uma de suas filhas, a encantadora Bertha, que sahia com dous pratos cheios de bolo e uma garrafa clara, em direcção á outra sala.

Passando-me a mão pelo hombro e afagando-me, depois de me perguntar delicadamente como passara na viagem e como deixara a familia, que elle conhecera de uma vez em que fôra ao Desterro, o bom germano dizia-me:

— Berthe foi levarr algume coise aos velhas que está na outtre sale com as meninas.

Os «velhas» eram os nonagenarios Rosem-

berg, marido e mulher, os nobres paes de Wilhelm, que tambem já contava sessenta e cinco annos. Como todos os annos, os dous velhos, apesar de alquebrados e tremulos pela idade, não queriam deixar o «seu throno» no salão nobre onde estavam os netos e bisnetos com a sua «arvore», sem que batesse a meia-noite, hora em que devia chegar o phantastico S. Sylvestre, *der Sylvesterabend*, com o pesado embornal de couro para a distribuição ás crianças dos presentes de Natal.

E conversavamos, emquanto Paulo, em frente a mim, do outro lado, servia-me cerveja e servia-se, partindo ao mesmo tempo queijo e fatias de bolo tostado. Por toda a meza, para mais de quarenta convivas de ambos os sexos bebiam e riam, alegremente e com sobriedade. Do salão grande, collocado ao centro, com interposição de uma sala e tomado ás portas por bellos reposteiros de cassa, vinha-nos de vez em quando, em rajada, a gritaria sonora das crianças, forte e viva como uma girandola de foguetes que de repente se desprendesse e espocasse no ar.

Depois de algumas horas eu quiz ir vêr com Paulo a arvore de Natal, saber de que proporções era, como a tinham armado n'aquelle anno e que surpresas guardava; mas o bom Wilhelm correu-me paternalmente a mão pelo hombro, dizendo-me que não, que esperasse para a vêr quando estivesse a entrar S. Sylvestre, que não tardava, pois já eram onze e meia.

Continuamos a cervejar e a confabular cordialmente, quando de subito uma campainha retiniu lá fóra, ao fundo do palacete, para os lados do pomar. As crianças, no salão, romperam em colossal matinada, como se alli se tivesse soltado inesperadamente um grande bando de gralhas. Alvorocaram-se as salas. E todos dá meza, a começar por Wilhelm e a esposa, ergueram-se, gritando com estardalhaço:

— Der Sylvesterabend! Der Sylvesterabend!

E precipitaram-se todos para o salão da arvore. Eu, levado pela mão de Wilhelm, lá fui tambem no torvelinho, palpitando de curiosidade.

No salão profusamente illuminado pelo grande candelabro e por arandelas douradas sahindo de cada portal, estavam ainda sómente os dous nonagenarios e as crianças, que, caladas agora e sentadas n'uma linha de ricas cadeiras de carvalho esculpido, não tiravam os olhinhos azues esbogalhados da cortina de damasco escarlata fechando o humbral do corredor ao fundo, que levava á varanda do pomar.

Emquanto o «santo» não surgia, pois que não dera ainda a tilintada final, formamos todos em dois grupos -- um a cada lado da sala. Os grupos partiam em direcção á fileira das crianças vindo do pequeno estrado recoberto de veludo vermelho, onde, sobre duas poltronas imperiaes, de alto espaldar floreado e marchetado d'ouro, estylo Frederico o Grande, se achavam

sentados os avós Rosemberg, com vestimentas características de outras épocas, traduzindo costumes obsoletos — magrinhos ambos, mas de ossada poderosa, fronte ampla e inteligente, o thorax alto e bem feito dos povos louros do Baltico. Tinham a larga face expressiva, engehlhada pelas emoções de uma existencia quasi secular, como de pergaminho rosado, onde luziam docemente os pequeninos olhos verdes, já vasiaos de esperanças e sonhos, é certo, mas humedecidos ainda de vaga ternura e saudade. Os cabellos inteiramente nevados davam-lhes um grande ar veneravel.

Ao centro das alas, entre o « throno » e a criançada, erguia-se a arvore, feita do cimo tenro de um pinheiro novo, d'esses que, quando em pleno desenvolvimento, coalham em florestas colossaes os planaltos de S. Bento e da Serra do Mar. Era a maior de todas as arvores de Natal apresentadas até alli pelo velho Wilhelm aos seus filhos amados: tinha cerca de quatro metros de altura, da peanha que a sustinha aos artesãos do tecto afundado. Toda coberta de luzes, como um recanto de céu estrelado, com *bibelots* variadissimos das celebres fabricas de Hamburgo e de Meissen, com uma multidão de pequenas massas e doces seccos representando uma série zoologica e as cousas mais singulares — a *sbaum* queridissima da infancia norte-europeia attrahia e deslumbrava n'um esplendor quasi phantastico.

Eu, no meu grupo com Paulo, já cansado da demora e com os olhos deslumbrados d'aquella maravilha de arvore, perdia-me enlevadamente a contemplar o rosto divino e casto de Bertha, que, postada em frente no outro grupo, me fitava ingenuamente, com os seus magicos olhos celestes, de um azul transparente de lago. E sonhava, acastellava deliciosamente no espirito as illusões embaladoras de um profundo amor de Germana, n'um lar cheio de pureza e de affecto, cheio de ordem e de paz — quando a campainha me despertou de subito, com vibrante tilintada.

Fez se pesado silencio: e todos olharam a porta recoberta de damasco vermelho, com ansiedade. De repente a cortina correu, colhida em préguas ao lado; as crianças ergueram se n'uma matinada; e um grito unisono e alegre partiu de todas as boccas:

— Der Sylvesterabend! Der Sylvesterabend!

Um velho gigantesco mostrou-se então no humbral, com uma grossa pellica cinzenta, um grande barrete de martha e um alto bordão de jornada. Os seus cabellos e barbas cobriam-lhe os hombros e o peito em largas pastas nevadas, as quaes lhe enquadravam o rosto veneravel, onde os olhos reluziam como duas turquezas molhadas. Á orla da pellica viam-se-lhe as pernas cheias e fortes, calçadas em grossas botas amarellas, enrugadas e como humidas ainda do chapinhar nos gêlos, de certo por alguma pla-

nicie da Prussia, de onde elle *viera* subitamente até alli como por milagre. Trázia um grande embornal de couro a tiracollo, tão grande que tinha a bocca\* occulta sob uma das axillas, enquanto o fundo, cheio e tumido como um ôdre, quasi tocava o soalho.

Com um gesto militar e sem proferir palavra, o santo protector das crianças e enterrador dos « annos velhos », que se precipitam no abysmo a cada gyro de translação do globo — marchou, circumspecto e severo, sem um sorriso que fosse, em direcção ao « throno », onde já o esperavam de pé, na sua tremura senil, os bons avós Rosemberg, que, mudamente tambem, mas sorrindo, lhe ôscularam a larga mão. Depois o « mensageiro do céo » estacou em frente á arvore, onde logo o cercaram as crianças, que após lhe beijarem o cajado, entraram a gritar vivamente reclamando as suas « festas ».

S. Sylvestre sorriu-se então vagamente, contrahindo as longas barbas: e muito meigo e carinhoso, curvando-se um pouco na sua estatura gigante, abriu o bornal de couro, repartindo pelas crianças uma série variadissima de encantadores brinquedos e caixas rútilas de *boubons*...

Os grupos romperam em palmas, n'um fervor de acclamação e em altos vivas ao « santo ».

E n'este rumor de alegria, S. Sylvestre foi recuando mansamente para o fundo da sala, sempre voltado para todos, até galgar o humbral do corredor, onde a cortina de damasco

vermelho, ao som da campainha resoando de novo, occultou por mais um anno, n'esse infantil e conhecido «mysterio» que faz a *great attraction* deliciosa do natal allemão.

Em seguida, na vasta sala contigua, começaram as danças, que se despenharam em successivas shottischs e valsas até aos primeiros clareões da alvorada.

Rio — 1897.







## A PRIMEIRA ENTREVISTA

---



'S Avè-Marias, arrumada a vacca e picada a ração para o cavallo n'uma especie de estrebaria improvisada sob as ramagens bastas dos cafeeiros, cercando ao fundo a cozinha, o João Valente entrou em casa, a tomar o seu casaco de brim e o seu bordão de cambuatá para as costumadas excursões nocturnas pela freguezia.

Estrellava, quando desceu o terreiro e os seus grossos tamancos de couro começaram a estalar em cadencia sobre o arcão da vereda que ia dar á estrada. Caminhava cantando, sob o esplendor da noite transparente, na doçura d'aquelle descanso bem ganho á labuta do campo. E a sua alma exultava, feliz, por entre as sébes do atalho, onde os grillos veladores soltavam já, pelas moitas, os seus pique-piques metallicos.

À porteira parou, porque ouviu de repente, para os lados de cima, uma algazarra de rapazes. Esperou um instante, para vêr se era a gente das rêdes ou alguns dos companheiros de andadas. Tirou o isqueiro do bolso e, accendendo o grosso cigarro de palha que trazia á orelha, pôz-se a escutar. Na volta do caminho as vozes se tornaram mais claras. Reconheceu, então, o bando costumado — o Lino, o Honorio e o Cosme, com a troça da tiririca — que lá vinha, nas habituaes correrias dos sabbados, para os fandangos da Baixada. Recolheu logo á porteira, correndo-lhe precipitadamente as varas, e agachou-se em seguida, escondendo o cigarro na escuridão das ramagens.

Não queria ser visto para poder escapar ao grupo, que, constantemente n'esses dias assim, o arrastava para aquellas folias nocturnas. Já estava cansado das longas caminhadas e festas por essas paragens distantes. Depois, n'aquella noite, não se pertencia, pois tinha de ir á rua Velha, onde o seu coração achara agora um encanto. E na ancia de se occultar, com medo de que o menor ruído o revelasse, comprimia o peito, soffrendo a respiração, para não faltar — louvado fosse Deus! — ao primeiro encontro que ia ter com a Rosinha, pela volta das oito, conforme haviam tratado em casa da tia Marciana.

Mas o bando passou n'um estrépito, n'uma alegre correria, em direcção á Figueira Grande,

onde a estrada real se bifurcava na da Baixada e na da Ponta das Cannas. E durante muito tempo o rumor dos passos e vozes echoou no caminho, afastando-se para longe.

Quando o silencio voltou, só interrompido vagamente pelo saudoso perpassar do vento na folhagem sussurrante, o João Valente ergueu-se e sacudindo a roupa meio irrorada pela humidade da grama, com o cigarro fumegando nos beiços, transpôz a porteira rompendo a caminhar á tola. N'um outeiro proximo, por onde a estrada subia para cair outra vez na planicie, entrou a moderar a marcha, porque sentiu novamente a barulhada dos rapazes estalar adiante. Já um pouco nervoso, desesperava-se, no temor de que as horas passassem e não pudesse chegar mais a tempo á casa da tia Marciana. Na descida parou á sombra de um vasto cafezal que margeava o caminho, e, enquanto o bando se perdia além, na zoadada que esmorecia para os lados da Baixada, impaciente e inquieto, ora batia phreneticamente com o porrete no chão, ora fixava as estrellas vivissimas, abrindo no alto um sendal d'ouro flammante.

Em pouco, porém, a matinada se escoou ao longe e elle volveu a caminhar a passadas gigantes. Pelo engenho do Silvano, situado antes da encruzilhada, encontrou o Rufino, um camarada d'infancia, que corria para casa do vigario a buscar remedio para a mãe, agonisante de repente com uma suffocação. Fel-o estacar por

momentos; e após algumas perguntas tumultuosas a que o outro respondia arfando, quasi a chorar, com umas garrafas na mão, inquiriu ainda:

—E uma coisa: não esbarraste com o bando do Lino n'uma baiburdia por ahi fóra?

O Rufino gritou-lhe, já n'uma andada de gamo pela ladeira acima, a cabeça voltada, a voz contrafeita pelo esforço da marcha:

—Não! Só se embarafustaram pela Figueira Grande.

D'ahi a instantes, o João Valente, passado o sitio da grotta, onde havia uma pequena ponte arruinada sobre um correjo murmurante, cujo fio d'agua prateada se perdia entre as hervagens do campo, entrou a demorar o passo, pois avistara lá no alto, contra o massiço escuro do pomar, a casa da tia Marciana.

Antes de tomar a vereda que levava até lá, cumpria evitar a cancella do velho Estevão Santos, cuja casa era logo adiante. O abastado lavrador, ou alguem do seu lar, se o visse passar, inutilisava-lhe immediatamente o «plano» e elle perderia, d'esta vez, a primeira entrevista com a amada.

Conhecia quanto aquella gente o malqueria e do que o velho era capaz, se viesse a saber um dia do seu amor pela filha, que idolatrava. Por isso, desde que o seu affecto nascera—havia um anno—guardava o maior sigillo, não o narrando mesmo á sua mãe, para que elle se

não divulgasse até que fizesse o casamento. E era por essa razão que, a muito custo, depois de enorme reluctancia da parte da Rosinha, obtivera d'ella, para aquella noite, uma entrevista em casa da tia Marciana, que protegia sollicitamente o namoro de ambos. Não queria, pois, por coisa alguma do mundo, perder a oportunidade de assentar, de uma vez, as bases da unica felicidade que aspirava o seu coração.

Metteu se, então, por um cannivial que acompanhava ahi a estrada até á porteira do campo, e foi sahir no atalho, bem em frente á casa da tia da Rosinha, que tinha luz na varanda. Botou-se á pressa pela vereda acima, muito alegre na sua paixão, e feita a volta da fonte, cahiu em cheio no terreiro, na empêna para onde dava a porta. A Rosinha e a tia, ao avistarem-no, ergueram-se logo do degrau onde estavam sentadas e correram para elle, exclamando:

— Boas horas! Estamos aqui ha que tempo. Que demora, Virgem Santa!

O Valente, apertando-lhes as mãos, ainda meio cansado da corrida, começou a contar-lhes, miudamente, as contrariedades que soffrera, desde a sahida da casa até áquelle instante. E ia para entrar, a pilheriar no meio de ambas, que se desfaziam em risos, quando lá em baixo, no caminho, uma voz grossa e forte estrugiu de repente:

— Ó comadre! Ó comadre! Olhe, a Rosinha que ande!. Eu cá estou á porteira.

Os tres estacaram, attonitos, ao som da voz tão conhecida e temida do velho Estevão Santos. E tia e sobrinha, assustadas e tremulas, correram para a varanda, dizendo apenas ao rapaz:

— Esconda-se, por Nossa Senhora, senão o velho o apanha.

O Valente, atarantado e indeciso, nos apuros do momento, procurava onde occultar-se, quando ouviu os passos do velho, que subia já em direcção ao terreiro. Desorientado, atirou-se á vereda, afim de alcançar um algodoeiro ao pé e galgar a estrada no outro extremo do terreno; mas, na cegueira em que ia, esbarrou, sem esperar e tão violentamente, com o velho, que o derribou contra a sébe, na escuridão das ramagens espessas.

O homem soltou um rugido abafado, em meio a terrivel surpresa, e, levantando-se logo, muito rijo e possante no seu todo herculeo de lavrador, desceu ao caminho, brandindo o seu grosso cajado de laranjeira, trovejando, indignado e colerico:

— Ah! canalha! Se te apanho, sacudia-te o pello!

O Valente, na disparada, saltara a cerca do outro lado, e, varando um mandiocal á esquerda, agachou-se entre as ramas, a espreitar o caminho, o coração aos saltos, com medo do velho Estevão. Só pôde respirar livremente quando o perfil gigantesco do homem se sumiu no ata-

lho. Sahiu, então, para a estrada e deu de andar para a casa, murmurando de si para si, entre des-  
apontado e satisfeito:

— Felizmente, o demonio não me conheceu!.

Outubro de 1896.







## TIRUNNAL

---

(A Luiz Murat).



MAKTÚ, o brahmane, voltava agora á sua terra natal, após haver soffrido longamente, com resignação e humildade infinita, sobre as aguas desertas do oceano, no solo estranho de uma ilha longinqua, as nostalgias e amarguras pungentes dos seus doze annos de exilio.

Á borda curva do junco velejando em demanda de Benares a bemdita, que já vinha apontando além, pela prôa, entre os pennachos tremulantes dos bambuaes verdissimos, n'essa manhã radiante de junho, em que o Ganges marulhava docemente, rolando as suas vagas sagradas n'uma magnificencia de ouro e rubis—scismava elle melancolicamente n'uma outra manhã, tambem sumptuosa e resplandecente assim e que já se ia apagando no fundo escuro e remoto de outros dias volvidos, na estancia tumultuosa

e sombria dos seus vinte annos, quando, agitado por uma allucinação e as impulsões de um delirio, com o coração despedaçado, perdido para a esposa e para a familia, como um bandido sinistro, descera chorando aquellas aguas, sob um clamor de maldição, esmagado por um crime.

Todo o seu ser parecia experimentar ainda, n'esse instante, os estremeções e arrebatamentos que o accommetteram violentamente, na tragedia horrorosa em que se ensanguentara a sua vida. Fôra após uma noite tempestuosa e terrivel. Desde mezes que a sua alma, ferida, se comburia á chamma occulta e crescente de um grande desejo de vingança. Conselheiro e confidente do Rajah, surprehendera-o um dia, voltando do Templo, n'um recanto isolado do paço, de joelhos e supplice aos pés da esposa adorada, a sua Damayanti florida. Com uma ponda de sangue á cabeça, entontecido, vendo tudo em redor escarlata, lembrou-se logo de agarrar alli mesmo o principè e rebentar-lhe o craneo contra as muralhas de pedra. Mas lá estava a sentinella para impedir-lhe o plano, e, sem poder vingar-se talvez, seria preso e encerrado para sempre nos subterraneos sombrios. Resolvera, pois, calar, sepultar tudo no fundo do seu peito offendido, e resignadamente, sem revelar a sua grande tortura, aguardar a hora e momento para a desforra temivel. Soffrera angustiosamente durante alguns dias, até que uma vez chegou

em que tudo occorreu como queria. O Rajah tinha de sahir, só com elle, uma madrugada, para as Aguas Sagradas, n'uma consagração especial do Rito. Partiram ao alvorecer nevoento de um dia tristissimo. O coração saltava-lhe no peito como n'um delirio. Ao sahir da floresta, quando a faixa liquida das Aguas Sagradas reŕuziu diante d'elles, limpida e azulada, n'um murmurio crystallino, um sorriso de sangrenta alegria aflorou-lhe aos labios febris. D'ahi a instantes, o Rajah desaparecia para sempre nas ondas. Sentira, então, tudo escurecer e ennovellar-se-lhe em roda, e vozes estranhas, erguendo-se de subito do nevoeiro das aguas, invocarem Varuna, clamando contra a sua cabeça assassina. Deitara logo a fugir, como um louco, pela margem do rio, ao longo da immensa floresta, que farfalhava lugubrememente ao vento, perseguindo-o com a zoada atroadora de infindaveis gemidos. Afinal ao passar um arrozal vastissimo, que se lhe afigurou fantasticamente como feito de sangue, cahiu pesadamente por terra, n'uma exhaustão de fadiga. Ao voltar a si, encontrara-se estendido sobre o convez amarello d'um grande barco, toldado de seda, que descia á vela na brisa fresca do rio, sob a manhã rutilante, de sol d'ouro vivissimo, em direcção a Akiab e Puri. Os de bordo, que eram vaiscias, reconhecendo n'elle um brahmmane, instruido nos Vedas e meditador das cousas divinas, o tinham carregado para o seu navio, certos assim de se tornarem

mais gratos ás boas graças de Siva. Ahí, salvo da justiça dos homens, mas sob a ira implacável de Savitar e de Mitra, pensara logo exilar-se, por doze annos, á maneira do glorioso, e divino Kaunaka, que fizera sacrificio semelhante na floresta de Neimasáa, e longe de todas as festas e gozos, na viuvez da alegria, faria a sua «rehabilitação de pureza», n'uma ilha solitaria e inhospita, no meio do mar bravio. Depois quando Varuna abrandasse, e todas as forças divinas, por essa sua humilhação voluntaria e absoluto desprendimento dos humanos ruidos, vivendo só na mortificação, resignado e humilde, voltaria então á terra natal, ao remanso da familia. De certo, todos o perdoariam porque fôra o primeiro a punir-se, a cumprir a sua longa expiação de martyrio. Um mez após ao delicto, chegara ás negras ilhas de Andaman, onde os homens o deixaram, sobre um alto costão pedregoso, batido do mar hostile. Todos os castigos desceram então sobre elle, n'uma successão de inenarraveis angustias. E allí ia agora, triste e alquebrado, em demanda de Benares a bendita.

Assim scismava Maktú, o brahmane, á borda curva do junco, vendo desenhar-se vagamente, ao longe, por entre a basta verdura, as cupulas altas dos templos, recortando a rendilhada branca na pureza gloriosa do céu azul da Índia. A vela larga e redonda bojava victoriosa á brisa, que aromava o ar, impregnada ainda de um

vago perfume de canella e sandalo, trazido dos bosques vigorosos que cobrem os planaltos extensos e as encostas verdejantes de Monghir. Toda a planura azulada do rio, em volta ao casco esguio do junco, estava cheia de apanhados de espuma, que balançavam, ondulando e quebrando-se uns sobre os outros, em murmúrios crystallinos. E pelas margens, ao longe, o reflexo sereno dos recantos d'aguas remansosas, onde a aragem do largo não levava um arrepio, deixando resaltar aos olhos esses espelhamentos de vidro das grandes toalhas liquidas, que retratam magicamente as paisagens e os céos, com a nitidez e o encanto dos esmaltes de Kingtetchim. Ao dobrar d'um pontal arenoso, onde a maré não subira ainda e onde os crocodilos dormiam estendidos ao sol, o grande templo de Jagrenat appareceu, de repente, n'um alto, faiscando sobre as aguas tremulas do rio.

Em volta de Maktú, então, no convez boleado de junco, coalhado de peregrinos, vindos de todos os pontos do littoral de Bengala e do Brahmaputra, para a festa de Tirunna, que se realisava n'aquella tarde, em Benares a bem dita — um côro immenso de vozes irrompeu do espaço, implorativo e gemente, entoando o mysterioso *oum*. Ante esse cantico tristissimo da lithurgia védica, que diz tão serena e nebulosamente toda a resignação e doçura das almas que findam no traspasse immaterial e subtil para a Essencia Infinita — o brahmane voltou-se

de repente, como arrancado, de um golpe, ao seu vago somnambulismo; e, de joelhos contra a âmurada, em silencio mas fervorosamente, como se estivesse prostrado aos pés do grande Idolo, os seus labios longamente tremeram, a desfiar as orações do rito.

Quando tudo cessou, Maktú ergueu-se vagarosamente e de novo cahiu em meditação, sob a vela, na borda, junto ás enxarcias esguias.

Agora, o seu pensamento se embrenhava pelos dias dourados e limpidos de sua infancia, de sua mocidade feliz. Nascera em Bohar e, aos cinco annos, logo que tomara *mekala*, o cordão mysterioso que os brahmanes cingem para nunca mais o deixarem, conforme o ritual, fôra, em companhia de um dos *gurús* que iniciam nos Vedas, para uma aldeia branca do Djennah, aninhada n'uma encosta florida, junto ás terras de Dehli. A casa que habitavam, toda cercada de rosas em meio as emanações das florestas em torno, era alegre como um ninho sob o esplendor do Azul. Ahi é que entrara a instruir-se nos Livros Sagrados, praticando as orações do *oum*, as oblações, as libações e os hymnos. Esse tempo, porém, ficara-lhe vagamente no espirito, sem emoções quasi e sem côr, como envolto n'uma remota manhã de neblina. Só pelos nove annos, quando já estava para voltar á familia, é que tudo começou a surgir a seus olhos, sensacionalmente, com certa nitidez e com brilho. O que mais o encantara então em

Djennah, n'essa quadra fugitiva, fôra a magnificencia incomparavel da immensa paisagem. E jámais se lhe apagara da memoria o espectaculo admiravel das neves perpetuas do Kaltchin, rutilando ineffavelmente á tarde sob o ouro do crepusculo, e os roseirae infinitos, de inebriante fragancia, manchando d'ocre as collinas, tão illuminadas aos poentes como nas manhãs de sol vivo! Completara os dez annos em caminho do lar, n'uma barca, em plenas aguas marulhosas do rio. Á noite, sob uma lua de lyrio, na barranca, os marinheiros fizeram uma fogueira, e collocando-o sobre um tronco cahido, queimando aromas do Indo, romperam em canticos, correndo e saltando as altas chammas vermelhas, que o vento torcia. Na casa paterna, ao chegar, foi uma festa ruidosa de rezas com fogos de artificio. Passado um anno, teve de partir de novo para longe dos seus, cruzando desertos e montes, afim de completar as instrucções do culto com os sabios Maharkis. Quando regressou, já iniciado e conhecedor dos Vedas, fixou-se em Benares a bemdita, onde, conforme os usos, lhe ordenaram o casamento. Este realisou-se por um grande amor, com uma virgem lindissima e de olhos côr de amora, Damayanti, a das tranças magnificas. Á cerimonia nupcial sentira-se como n'uma immensa alegria e quasi não pudera conter o coração, cheio de graça divina, ao receber a benção, quando o sacerdote lançou sobre elles, cobrindo-os, o largo panno de

ouro do culto, e ambos trocaram, com os olhos em choro, n'uma só emoção, em folhas verdes de palmeira, o juramento sagrado da fidelidade infinita. Como fôra venturoso então! Mas depois, com o decorrer dos annos. Ah! a desventura e o abandono das boas graças de Rama! E tudo por causa d'aquelle Rajah maldito!...

Um momento, a fronte serena e ampla de Maktú enturvou-se, cobrindo-se de dolorosos rictus, e de seus olhos tristes, cheios de uma luz de saudade, as lagrimas rolaram n'uma onda silenciosa de angustias.

N'esse instante, a embarcação ia entrando a grande curva do Ganges, onde se estadeava Benares a bemdita, resplandecendo pelos seus templos e pela sua vasta casaria. Outra vez, então, os peregrinos e a marinhagem alegre do junco entoaram, em côro, as plangentes orações rituaes a divino Jagrenat.

Quando todos saltaram, aos primeiros desbotamentos saudosos da tarde, a vetusta cidade indiana, toda em jubilo, apertava-se já nos ruidosos vae-vens de uma enorme multidão. Desde o longo caes de pedra as casas estavam todas enfeitadas, pelas cimalthas e janellas, com largos cobrejões de listas, cujas franjas d'ouro tremulavam ao vento. As ruas, inundadas de folhagens e arcos triumphaes de flôres e bambús, por onde deslisava e chocava-se, continuamente, com um rumor de rio cheio, aquella densa população do Oriente, nas suas roupagens faustosas —

davam a idéa hilariante e festiva de um immenso carnaval. E, a espaços, uma gritaria infrene de devoção ingente, atroava os ares, contrastando vivamente com a serenidade luminosa que pairava no alto, lá acima, n'aquelle céo dôce e avelludado da India.

Cabisbaixo, o coração dilacerado, o espirito opprimido, n'uma desolação sob o tumulto doloroso das recordações que o punham, Maktú enfiou, ao acaso, na primeira rua que encontrou, aos empurrões, ás guinadas, por entre as vagas colossaes da multidão. De repente, quasi sem saber como, no desembocar da rua, apresentou-se-lhe aos olhos, deslumbradoramente, a vasta praça de Chah-Limar, a dos grandes jardins. Todo o ambito, que é enorme, em redor das *corbeilles* de folhas e dos espessos massiços floridos, estava acunhado de povo, que, voltado para um alto onde reluzia o grande templo de Jagrenat, tomando todo um lado do céo com a sua grande cupula de esmalte — rompia, de instante a instante, n'uma explosão de gritos. No perimetro do templo, contornando um elevado pavilhão quadrado, que se erguia a um flanco entre palmeiras reaes — os peregrinos e devotos apertavam-se n'uma massa compacta, sobre o enorme atrio, ás escaleiras de pedra e pelos mirantes, terraços e cimalhas da casaria proxima, cujas paredes desapareciam de todo debaixo dos tufos multicôres dos cobrejões de sêda. Era o sanctuario de Tirunna, a Columna de Luz,

em cujo ápice de pedraria se entlironava já, poderosamente, para o gyro procissional, formidável e phantastico, o terrível Jagrenat. E de toda a parte, ainda, a multidão fluia, rumorosamente sobre Chah-Linjar

À sombra d'uma *corbeille* que olhava o Templo, Maktú estacou, offegante, e erguendo humildemente os olhos, os braços cruzados no peito, em extasis e adoração, ficou a rezar mentalmente, com profundo recolhimento, a litania védica dos que vêm de muito longe, do exilio, depois de uma ausencia de annos, e que tem a plangencia d'uma prece e a doçura d'uma saudação. Depois recahiu mudamente na espiritualidade melancolica das recordações, sob cuja claridade interior pouco a pouco surgia um perfil delicado e saudoso de mulher, que se ia accentuando docemente na imagem querida de Damayanti, a esposa adorada, que o Rajah tentara poluir, um dia, nos jardins do seu palacio. E, n'um desfallecimento, os labios brancos, os olhos mareados de pranto, pregados no frontal radiante do Templo, deixou sahir de seu peito opprimido esta queixa dolorosa:

— Oh Varuna, escuta as minhas preces, compadece-te das minhas dôres! Que te fiz eu, servo humilde e obscuro, para merecer tamanho castigo? É verdade que o meu crime foi grande, porém maior é a chaga da minha alma que sangra!. Maior é esta cruel expiação!. Socorre-me e ampara-me, na tua omnipotente

infinita bondade, oh celeste, oh poderoso e sacrosanto Varuna!

Emquanto assim fallava, despercebido e anonymo em meio á multidão, um clamor mais forte e maior, como o de um mar em tormenta, elevou-se, d'envolta com innumerous assobios silvantes, evocando o tumulto reboante d'essas antigas, remotissimas migrações aryanas, que atravessavam outr'ora, em busca de outros rumos e de outros destinos, os desertos adustos e as florestas seculares do Iran.

Era o carro colossal de Jagrenat, que apontava á porta do immenso pavilhão quadrado.

O seio denso do povo fendeu-se logo em abertas que descobriam o chão, e grossas cordas estenderam-se, cobertas de sêda vermelha e fios d'ouro luminosos, para o tiro glorioso do deus triumphante. E a pesada torre extraordinaria entrou a rolar para a praça, aos solavancos, vagorosamente, ao som mavioso d'um côro de bayadeiras, que dançavam e rodavam em rapidas deslocações, onde os corpos flexiveis desappareciam quasi, deixando no ar, vagamente, o disco aligero e subtil das saias esvoaçantes.

A multidão, agora, apertava-se para todos os lados, abrindo alas á marcha victoriosa do Idolo, rodando por entre gritos silvantes sobre a folhagem do solo, d'onde se desprendia, aromando o ambiente, um cheiro acre á canella, á laranjeira e a sandalo.

À sombra da *corbeille*, de pé, no mesmo logar

onde parara a orar, Maktú olhava melancolicamente o immenso desfilár, e de seus labios descórados e mudos nova prece fluiu docemente...

N'esse instante, a alta torre fulgurante estacara. As quatro faces amplissimas, elevando-se a muitos metros de altura, estavam crivadas de incrustações e baixos relevos, representando na maior parte figuras grosseiras e brutas d'elephantes, por entre versiculos complicados de inscrições rituaes, talhados em caracteres estranhos e indecifráveis. E acima do largo capitel em ornatos, o horrível Jagrenat, sentado sobre as pernas rachiticas e olhando o umbigo, com um manto de sêda escarlata ondulando-lhe ás costas, os longos braços dourados, cobertos de ramos de lotus, a vasta cara rugosa toda pintada a nankin e a larga bocca vermellia, de beiços revirados, sinistramente aberta na exhibição dos dentes formidaveis.

Quando a marcha recomeçou, ao rouco estalar dos hymnos que os sacerdotes cantavam, por entre os apertos da multidão fanatica, apinhando-se ruidosamente por detraz de Jagrenat, Maktú avançou desfiando ainda mentalmente as orações cultuaes.

Á frente do carro, onde se accumulavam os devotos da Guarda Sagrada que vão agitando os frescos ramos de flôres e as verdes palmas triumphaes, irrompeu então a orchestração allucinadora dos gritos e ais d'essa pobre gente da India, que tem a adoração do Nirvana, e que,

para agradar ao seu Idolo, n'um furor de devoção heroica, busca a morte loucamente sob as rodas esmagadoras da columna sagrada.

Todos, no prestito, iam pisando n'um charco morno de sangue, a que se misturavam esquirolas de ossos partidos e postas de carne triturada, no immenso lamaçal horroroso da hecatombe humana. E quem olhasse para traz, para os lados do Templo, agora vasio e deserto, n'um silencio de abandono, veria desoladamente, como atravez de um pesadelo, descendo o atrio e prolongando-se por Chah-Limar e ruas adjacentes, sobre o chão cheio de folhas, uma sinistra, tortuosa via-lactea de sangue.

Ao dobrar uma rua longinqua, de onde se avistava uma volta azulada do Ganges, resplandecendo já friamente sob o esmorecer do crepusculo, Maktú, que tomara a frente do cortejo, cada vez mais soturno e sombrio teve de repente um grito de espanto, ao divisar, adiante, caminhando impetuosamente para o carro, um vulto triste de mulher, em cujo rosto macerado reconheceu Damayanti. E n'um relance, vendo que ella se ia precipitar sob as rodas, animado subitamente pela mesma idéa atravessando-lhe o espirito como um relampago, atirou-se ao seu encontro, apertando o coração.

Ella o reconheceu, n'um terror, toda trémula, como diante de uma apparição, e balbuciando o *salvè!* acolhedor e bemdito de um cantico, cahiu-lhe entre os braços, bradando :

— Maktú! Maktú! de onde vens? Ah! que longa e dolorosa ausencia! Como eu sinto bater-me o coração!. Vamos, enlacemo-nos para sempre, agora, aos pés de Jagrenat triumpante. Morramos juntos. Eu já vejo para além ir-se abrindo o Nirvana. Morramos... Prolonguemos até Varuna a delicia incomparavel d'este supremo instante!.

Elle, desvairado, n'uma estranha emoção, apertava-a, apertava-a docemente, e, com os tristes olhos afogados em pranto, os labios a tremerem, ia murmurando atordoadamente as gloriosas orações do *oum*. Depois, prorompeu com ancia :

— Sim, adorada Damayanti! Morramos! Acabemos de uma vez com esta desventura, tamanha. Entoêmos a Varuna nosso cantico derradeiro. E voêmos para além, para o silencio infinito do supremo descanso!.

E loucamente, n'uma extraordinaria sofreguidão de morrer, arrebatou Damayanti, atirando-se vertiginosamente com ella sob as rodas esmagantes.

Tirunnal, então, a tórre sagrada dos brahmanes, teve um forte solavanco. E continuou a rolar, lenta e esmagadoramente, enchendo com o seu vulto colossal e sinistro todo um lado do céo, manchado agora, a oéste, de longas barras de sangue.



## ABANDONADO

---

L'amiral dit: — Timonier?  
Fait's moi vit' monter l'aumônier!  
L'aumônier n' fut pas long à v'nir  
Avec tout c' qui faut pour bénir  
I' nous dit face au pauvre mourant  
La prière des agonisants!

(YANN NIBOR — *Les Albatros.*)



**H**OMEM ao mar! Homem ao mar!  
E o grito doloroso, partindo da prôa, echoava desoladamente sobre a tolda do couraçado, que as ondas sacudiam, em vaivens, no seu dorso espumoso. Bategas d'agua consecutivas cahiam em cordas, em meio as rajadas indomitas, assobiando pelos cabos furiosamente. Uma nevoa muito densa encobria o convez, as amuradas, os mastros, rolando em grandes pastas pardacentas. Do mar em desordem, só se viam os rendados gigantescos d'espuma, que alagavam o costado quando embatiam os

vagalhões desfeitos. E uma symphonia atrodadora dominava tudo, silvando e reboando, n'um estranho concerto.

Mas o grito explodia em direcção á ré, afogado, despaçado pelo fragor da tormenta.

E só quando toda a guarnição, já em cima, repetiu o mesmo brado, n'um côro de trezentas vozes afflictas, é que o official de quarto, de pé no passadiço, junto ao homem do leme, ouviu, como um debil som esmorecido, o echo lastimoso que o cyclone abafava ainda no seu clamor tremendo.

N'esse instante, o guardião e outros marheiros, subiam precipitadamente a escada, a dar parte do sinistro.

Fôra um cabo-marinheiro que o mar levára do gurupés, n'uma caturrada terrivel. Estava a ferrar as velas de prôa com seis camaradas, e ia galgar o estribo da giba, para fugir á montanha d'agua que vinha sobre o beque na occasião em que o navio descia no jazigo da vaga, quando aquella rebentou de repente. Os seis homens tinham sido impellidos contra o molinete, ficando todos feridos. Mas o cabo-marinheiro *ninguem* o vira mais, arrebatado pelo torvelinho.

O official, inquieto, foi até á amurada, investigando o mar em volta, sob o nevoeiro; e tornando após, agarrado aos varões grossos de metal por causa dos balanços continuos, ordenou que safassem promptamente os escaleres e os salva-vidas, ao mesmo tempo que expedia o

guardião a dar parte ao commandante de todo o occorrido.

Os marinheiros desceram logo e, momentos depois, o commandante e demais officiaes subiam ao passadiço. Novas ordens soaram, d'envolta com apitos silvantes, cruzando a coberta, sob o cyclone bravio.

E como o casco pesado não podia manobrar debaixo da capa em que ia, a uma voz do commando, foram lançados ao mar, presos de longos cabos de Cairo, os grandes discos salva-vidas.

Marinheiros, ás bordas, investigavam as ondas em roda, a vêr se deparavam o naufrago ou se ouviam algum grito, enquanto outros, á prôa, preparavam os escalares, n'uma faina vivissima.

As vagas, porém, não cessavam de alagar o navio, rolando contra elle serras de vagalhões, que interrompiam as manobras, desfaziam tudo, com a sua colera impassivel. O primeiro escaler que boiou, uma volta de mar carregou-o, n'uma corôa de espumas. Isto desesperou a rude marinagem que, furiosa, na labuta incessante, praguejava e maldizia-se, ao mesmo tempo que invocava o céo com fervor, fazendo promessas piedosas á Senhora da Bonança.

Valerosamente, de novo, á voz do official, a guarnição atirou-se ao outro bordo, onde as ondas quebravam com menor impulsão. E, acautelado tudo, um segundo escaler arriou-se, tripulado por dez homens. Mas apenas se afastara umas braças, atravessou ás vagas quasi sosso-

brando. Os marinheiros aproaram então ao navio, onde, em confusão tumultuosa, no meio da atracção difficilima se lhes jogaram cabos, para salvar-lhes a vida. E mais este escaler foi levado na crista espumosa das vagas. Agora, todos, a bordo, permaneciam hesitantes. Officiaes e guarnição não sabiam o que fazer ante o furor do oceano. O commandante, no entanto, velho marujo bretão, não trepidava um momento, e, mandando safar com presteza vergas e masta-réos sobresalentes que vinham no porão, ordenou se fizesse uma jangada e se lançasse ás ondas. E voltando-se para os officiaes, dizia, referindo-se ao pobre cabo-marinheiro:

— Se elle ainda vive, terá ao menos um pedaço de taboa para se agarrar até que o tempo amaine.

E cada qual voltou ao seu posto, ficando apenas de vigia os grumetes e marinheiros de ronda.

Quando a jangada foi jogada da borda, suspendia o nevoeiro. As bategas d'agua diminuiam e já se via em redor o desdobrar rhytmado dos vagalhões. Pouco a pouco tambem, a planura do mar começou a desnudar-se, na sua deserta, infinita amplidão. E á claridade frouxa do sol, já descendo no poente, de bordo do couraçado, todos puderam vêr com profunda tristeza, boiando além, pela pôpa, sob uma nuvem de albatrozes voejando em torno, um pequeno ponto negro.

Era o infortunado marujo, que lá se debatia no esforço derradeiro.

Mas o navio corria ainda á capa e todo o soccorro era baldado.

O commandante, outra vez no passadiço com toda a officialidade, mandou arvorar na enxarcia uma grande bandeira branca, como um triste signal de despedida ao infeliz companheiro, ao mesmo tempo que no mastaréo da gavea, pendia, á meia haste, funerariamente, o glorioso pavilhão francez.

Em seguida, a guarnição formou ás amuradas, na tolda e pelo tombadilho, voltados os rostos abatidos de dôr para o ponto negro longinquo, que os albatrozes cercavam corvejando em torno.

Chamado o capellão, que tomou lugar no passadiço, ao lado do commandante, paramentado com as insignias sagradas e tendo um grande Christo de prata suspenso bem alto nas mãos, como para ser visto pelo naufrago—entrou a rolar sobre as vagas, d'envolta com os uivos do vento, n'uma tristeza inexprimivel, a prece dos agonisantes.

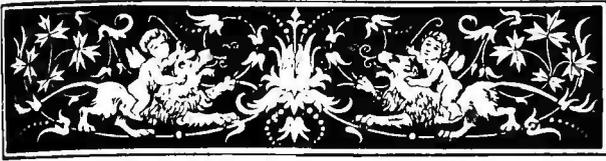
Uma desolação plangentissima pesou, de repente, mais forte, sobre aquelles corações varonis, afogando-os n'uma ancia. Alguns marinheiros soluçavam, outros tapavam o rosto com as mãos, emquanto em cima, no passadiço, commandante e officiaes, cercando em silencio o sacerdote, tinham os olhos arrazados de pranto.

Por momentos, então, muito alto e solenne, nos dedos tremulos do padre, o grande Christo de prata dominou o oceano, sob o murmurio da oração santissima, por entre o silvar rijo do vento e o desdobrar marulhoso das ondas.

No emtanto, muito longe, pela pôpa, no crepusculo cinzeiro da tarde em tormenta, acompanhado dos albatrozes grasnantes, o ponto negro fugia, a boiar sobre as aguas, como um estranho enterro.

Rio—1897.





## A HECTICA

---



ELLA costumava passear todas as manhãs, á sombra das altas arvores copadas, na larga rua arenosa e agreste d'aquelle arrabalde.

Eu via-a passar muito pallida, de uma fragilidade de lyrio, vagarosa e offegante, com esse ar indifferente e desolado das molestias chronicas, que sugam pausadamente, sorrateiramente a vida. Tinha o olhar languido, frio e saudoso das pessoas exaustas, perdidas, que se sentem desmoronar aos poucos.

Trazia sempre um *waterproof* azul-marinho, com uma fita de seda preta envolvendo-lhe a cintura delgada, e cujas pontas esvoaçantes cahiam-lhe, por detraz, em laço. Nos seus hombros curvados, e pelas espaldas deformadas e osseas, o grosso tecido de lã murchava desoladoramente, em pregas longas e tristes.

O pae, um velho magro, de physionomia

agradavel e respeitosa, ainda erecto de robustez, os cabellos algodoados pelos annos, o ar *gentleman*, dava-lhe com segurança o braço e a envolvia, muito carinhoso, em animações tão meigas e consoladoras, pronunciadas a voz forte, que ella chegava a sentir, por momentos, alagar-lhe o coração ondas de saude, d'envolta com essas palavras!

Achava-se até melhor, mais rija, n'aquella grande esperança que acompanha intimamente os tísicos, e vinham-lhe sorrisos rapidos, que lhe faziam contrahir levemente os labios desmaiados, deixando a descoberto a claridade alinhada dos dentes sãos; fitava o velho com alegria, com ternura: era a sua saude!

Mas logo depois, o nervosismo, o hysterismo faziam-n'a cahir n'uma nostalgia funda, de todas as horas, n'um presentimento vago e fatal de tumulo proximo; e então desatava a chorar perdidamente, apparecendo-lhe, com mais violencia, uma tosse secca e tilintante, acompanhada de ruidos soturnos na caverna do peito e borbotões quentes de sangue vivo.

Uma manhã, deixou de dar o seu passeio costumado. O Azul estava fresco e scintillante, alastrado de luz, cheio de aromas e cantos, cortado da alegria da terra. O sol surgia claro e magnifico, confortador e bom.

Passei todo o dia com a imaginação cheia da lembrança d'ella, preocupado, temeroso, na incerteza do que lhe teria acontecido. À tarde,

um tropel de gente, no rumor discreto e pacato d'aquelle arrabalde provinciano, fez-me chegar repentinamente á janella.

E deparou-se-me a scena luctuosa de um cortejo funebre: um esguio feretro azul balouçava, carregado por seis homens, das alças finas de velludo. Acompanhava-o um grande sequito de luto. E um velho alto, descoberto, a figura spectral, a cabeça alvissima inclinada sobre o peito, como ao peso de uma desgraça, seguia, com passos incertos, á cabeceira do caixão. Tinha os olhos arrazados de pranto e soluçava alto como uma criança. Reconheci-o n'um ah! de dolorosa surpresa.

Era *ella*, a triste e desventurosa creatura que eu via passar todas as manhãs, que partia agora para além, e que nunca mais, nunca mais voltaria!..

Desterro — 1885.







## VELADA

---

(A Leopoldo de Freitas).

**G**M frente ao Rio Grande, o *Itaóca* bramava surdamente pelas grossas chaminés desprendendo fumaça. O longo casco assetteado, que varava as ondas, engulindo as distancias a milhas, na sua velocidade de expresso, retezava, á prôa, a forte amarra ingleza, oscillando levemente, mergulhada já a faixa rubra do fundo, na planicie das aguas. Prompto e carregado, estava a largar n'esse instante para o Rio de Janeiro. E como um cavallo de raça, todo elle fremia, impaciente da demora, arfando, dando golpes de helice, abrindo a *rade* em frisos tremulos de espuma.

Escaleres e lanchas vindos de terra a toda a força de remos, manobravam e ciavam á pôpa, junto ao leme, abalroando-se ás vezes na pressa da atracação. Catraeiros aos gritos, n'um tumulto, xingavam-se mutuamente, em protestos hos-

tis—uns, de pé, brandindo os croques contra o patamar da escada, ou sobraçando malas e bagagens; outros, debruçados da borda os braços estendidos, amparando as embarcações. Passageiros retardados, da ultima hora, anciavam, mudos em meio á balburdia, pelo portaló do paquete. E escada acima, um fervilhar de corpos e volumes, em demanda do convez.

No alto, á balaustrada, o immediato, a tez queimada e côr de papoula, berrava para os botes, ordenando que atracassem tambem pelo outro lado. Dizia mesmo palavras asperas aos botelheiros recalcitrantes, tratando rudemente a todos, na azafama da partida, indignado por deixarem tudo para os ultimos momentos. Inflava-se tanto que o commandante julgou dever intervir:

—Mas, para que essa rascada? Temos tempo. O navio não precisa d'isso; em chegando lá fóra come leguas.

E voltando-se para os passageiros, que curiosamente olhavam tudo aquillo, accrescentou:

—Quatro ou cinco dias levam os outros vapores até ao Rio de Janeiro; para o *Itaóca* tal viagem é questão de quarenta e oito horas...

E, mãos nos bolsos do grosso jaquetão de panno piloto, atacado de alto a baixo e contornando-lhe densamente as fórmias robustas, subiu para o passadiço correndo sob os toldos brancos.

À ré, n'um recanto isolado, junto ás gaiutas da camara, sentada em uma cadeira de viagem, uma moça, especie de *miss*, envolta em custosa

pellica, parecia alheada de tudo. A physionomia, bella e triste, tumida de lagrimas, mostrava a-travez o véo espesso que a cobria, as ecchimosos de uma longa amargura. Os cabellos, ondulados e bastos, cahiam-lhe pelas costas em madeixas escuras da maciez do setim. E seus olhos formosissimos reluziam vagamente, n'um encanto doloroso, sob o pranto que fluia.

Ao seu lado, uma figura de governanta, esgrouviada e velha, lembrando, na face, o perfil de uma avestruz, procurava consolal-a, dizendo-lhe de instante a instante:

— Não se afflija mais, Dóra! Procure distrahir-se. Olhe que a senhora assim se está matando.

E permaneciam ambas indifferentes ás manobras e ruidos em torno, voltadas para os lados de terra, olhando saudosamente a cidade e o recorte meridional arenoso da Lagôa dos Patos. Ahi a planicie infindavel corria longinquamente até ao horisonte, tendo apenas, de espaço a espaço, grossas intumescencias ou traços fugidios de arvoredo, nas margens razas dos rios. Para oeste, longe, nuvens densas de inverno, faziam como o vago desenho de serras, ondulando em recortadas silhuetas. E para leste, entre as duas pontas aguçadas da costa, o rasgão azulado da barra, espumando em gigantescos vellos de prata.

Afinal, o paquete zarpou em direcção ao pontal do sul, onde se ergue a torre esguia do

pharol, semelhando á distancia o chifre colossal de algum rhinoceronte phantastico, cujo focinho monstruoso mergulhasse no mar; e, em pouco, entrou a cabriolar na tumidez bramante das ondas, rolando em vagalhões alterosos e cobrindo de largas rendas de espuma a vastidão curva das praias. Nos bancos de areia a agua torvelinhava, enovelava-se em fôfos alvacentos de arrebenção, dando um signal e um aviso de lugar temeroso aos transeuntes da barra. A um lado, os cômoros de S. José do Norte, de uma alvura immaculada, pareciam collinas de gelo. O oceano bramia furiosamente, n'uma perpetua revolta de costa indomavel, recordando os mares bravios do norte da Europa, onde a vaga jámais dorme na sua ronda infernal.

Os passageiros, amedrontados com os balanços do vapor, nas vagas curtas do canal, n'um temor de morte ou na repugnancia do enjôo, recolheram-se logo ás *cabines*. E foi só quando os vagalhões amainaram, em pleno mar largo, por occasião do chá á noite, que de novo se reuniram, n'uma algazarra alegre e na camaradagem intima das viagens, deixando as profundezas das cellas de bordo.

Os olhos baixos e tristes, as lagrimas mal contidas da moça passageira, o véo espesso occultando o rosto, a extranheza da face excêntrica da governanta, tinham lançado a bordo uma curiosidade intensa. Na desocupação da viagem, todos estavam curiosos por saber a his-

toria da triste creatura e a origem do seu pranto, que jámais estancava, teimando em fluir involuntariamente d'aquelles olhos de *miss*. Indagavam insistentemente, n'um zumbido segredeiro correndo de labio a labio o salão do paquete; e, por fim, se soube todo o caso mysterioso por um velho estancieiro de Bagé, que vinha n'um camarote, muito prostrado pelo enjôo.

De Bajé era tambem a moça, e na scenographia pittoresca dos arredores d'essa cidade de campanha, se tinha passado um nobre romance a dois. Um filho de fazendeiro, instruido e opulento, com um porte fidalgo e o dandysmo caracteristico dos rio grandenses, e que se educara na Europa, fôra o galã d'essa historia de amor. Quando voltara definitivamente á sua terra, mais fidalgo e mais dandy que d'antes, fascinara irresistivelmente a adoravel timidez de uma das filhas de um tio estancieiro, uma prima formosissima, chamada Dóra, e que tinha sido educada nas irmãs de S. José, em Porto Alegre. A joven, após seis annos de collegio, tornou á Bagé, justamente por aquelle tempo da chegada do primo. Toda ella era uma belleza seraphica, com a diaphaneidade de uma Virgem de missal. Jámais namorara, e era um lyrio. A sua prece, no rosto lindo, dava-lhe a attitude ideal da figura de um quadro celebre, *A oração*, que a reprodução oleographica, abastardando a genialidade do grande artista que o fizera, espalhou por todo o mundo. O seu perfil de santa medieval,

tocado de uma aureola mystica, dava-lhe a placidez, a humildade e a resignação das *Horas Marianas* e da *Imitação de Christo*. Mas a natureza, collocando-a frente á frente ao bello *guasca* elegante, traspassou-a vivamente com a espada das paixões, flammejando-lhe o ser na faisca dos affectos supremos. Amou violentamente, arrebatadamente, a celeste creatura, na intensidade de um unico amor triumphante...

Entretanto, o robusto rapaz, fidalgo e dandy, que suscitara as flammas d'aquelle sentimento, cahiu de repente anniquilado por um typho dos campos, durante os calores candentes do verão, nas imprudencias de cavalgatas e caçadas ao sol brutal, escaldante. O rude golpe prostrou Dóra para sempre.

A mesma violencia que mostrara ao amor, votava agora á viuvez ou á orphandade de seu coração. E, dentro em pouco, a Heloisa que existia n'ella feneceu, e em seu lugar reapareceu a freira de outr'ora, de espessos véos e fronte mystica de anjo, a velada do Senhor, a noiva viuva, aquella que as irmãs de S. José tinham feito nascer para a Crença e para o Sonho.

E agora, após uma prostração de mezes, lá ia ella, n'um apartamento ordenado pelos medicos, em demanda do Rio de Janeiro, para a companhia de uma tia, na esperança de toda a familia de que a immensa capital, rumorosa e alacre, conseguisse dissipar aquelles véos espessos, afogando em esquecimento a funeraria lem-

brança assoladora da existencia de Dóra, e aguardando ella volvesse liberta para sempre de dôres passadas, abrindo outra vez, á alegria e á vida, a sua alma de vinte annos.

Talvez que semelhante cousa viesse a succeder mais tarde.

Mas, toda a viagem, a viuva e noiva triste, conservou inclinada languidamente, sob a tulle espessa do véo, a face empallidecida, immaculada e virginal de monja.

Rio — 1895.







## ULTIMA LEMBRANÇA

---



A partir.

De pé, á pôpa, junto á amurada, n'um recanto isolado do tombadilho do *steamer*, o seu vestido de viagem atacado até ao queixo, triste e soluçante, ella me disse, tirando da sua bolsa preta de couro da Russia um pequenino envelope branco:

— Olha, toma esta lembrança . . . É uma porção de mim mesma que ahi te fica, e que te acompanhará durante toda esta ausencia . . . Nunca a abandones, pois, tral-a contigo sempre, sempre . . .

E tinha a voz presa, velada, sacudida pelos soluços, enquanto as lagrimas jorravam-lhe dos bellos olhos glaucos, agora raiados de sangue, duas a duas, rolando-lhe pelas faces rosadas e cahindo, ainda quentes, sobre as minhas mãos tremulas que enlaçavam demoradamente as suas.

Guardei, commovido, a encantadora lembrança, que era uma pequena madeixa da sua

amada cabelleira de ouro, que em noites venturosas tanta vez se desmanchara e rolara, em ondas, sobre as brunidas espáduas de alabastro, ao assalto dos meus dedos febris.

E nervosamente, em silencio, beijei-lhe as mãos, que tremiam, estreitando-a longamente contra o meu coração.

Já o vapor soltava um longo silvo metallico, dando o signal da partida.

Então, trocado o adeus derradeiro, afastei-me tristemente para o portaló, vendo-a amparar-se de repente, muito pallida e pendida de dôr a radiosa cabeça sonhadora, sobre a balaustrada branca.

O *steamer* arrancou.

E eu, ainda sobre o caes, sósinho, alheiado de tudo, seguia, de olhar fixo, obstinadamente, esse casco negro que a levava para outros destinos; e acenava sempre um adeus em direcção ao seu vulto gracioso, destacando-se ainda á pôpa alta do vapor, que deslisava já n'uma esteira de espumas, cuja alvura ondulosa parecia-me a torrente virginal dos acenos do seu lenço tremulante, que procurava chegar até mim. . .

Permaneci assim por instantes, chumbado ao solo, n'uma nostalgia immensa.

Lentamente, porém, a poeira negra do crepusculo alastrou-se no ar, apagando além o recorte azulado das montanhas, envolvendo-me na treva espessa, quando o brilho sanguineo e vivo de uma queimada ao longe arrancou-me d'esse

abatimento, abrindo-se, como uma chaga inflamada, no seio da noite densa.

Veu-me então uma superstição, uma fé mystica e profunda, e, seguindo com o olhar a fogueira longinqua e saudosa, beijei doudamente, como n'uma consagração propiciatoria, aquella adorada lembrança que ia ficar para sempre illuminando e guardando, como uma lampada sagrada, o santuario vasio do meu coração!.

Desterro — 1887.







## NERAH

---

O gracieux fantôme, enveloppe-moi de  
tes bras. Plus ferme, plus ferme encore !  
presse ta bouche sur ma bouche ; adoucís  
l'amertume de la dernière heure.

*Henri Heine.*



CONHECIA-A n'uma pittoresca cidade do sul. Era alta e alourada, um d'esses typos ideaes e esguios onde as linhas triumpham em esplendores de belleza rara, lembrando o perfil niveo e franzino d'essas virgens de ballada, que passavam outr'ora, n'uma fascinação etheral, atravez das estrophes plangentes dos *lieder*, entre sons melancolicos de harpas edenicas, tangidas por obscuros artistas idealizados, sob o velario nebuloso d'uma lua de lenda, debaixo das ameias dos castellos adormecidos á margem de rios e lagos, ou á beira das estradas silentes, enflorescidas, da média-idade.

O seu pescoço alvo, de uma pureza de ala-

bastro, por onde desciam os longos cabellos esparsos em ondulações de ouro ardente, como uma esteira de astros, tinha a contornação pura, a veludez seraphica, a doçura açucenal e celeste do das virgens de Velasquez. Seus olhos azues, grandes, magnificos, de uma candidez espiritual, immersos sempre n'uma humidez de languor e n'uma ternura ineffavel, tentavam com attracção irresistivel, venciam e algemavam as almas. Notava-se n'elles como que o desejo acariciador e subtil de um aconchego ou de um enlace.

Sua existencia, embalada pela harmonia e os brilhos de uma vida ideal, em que as esperanças e sonhos passavam e repassavam em faiscante e dourada parabola, como um rosario de estrelas, se expandia sumptuosa, n'uma alta paragem de selecção e nobreza que não permittia quasi a escalada das paixões humanas. Parecia viver de abstractas alegrias aladas, n'uma immaterial transcendencia, conduzindo luminosamente a sua aspiração e sonhos pelos vagos céos azulados, onde o seu espirito phantasioso e mystico se fôra amorosamente aninhar. Mas, por vezes, no seu olhar quente e transparente, fluctuava uma languorosidade meridional de morena, que anceia e freme nas palpitações de uma paixão mundanal, e então, em sua face nevada e limpida de remota origem scandinava, accendia-se a carminação ardente dos fructos tropicaes.

Era intelligente e nervosa e tinha a vesania artistica dos poentes engalanados, em que a sua

alma se inebriava n'uma saudade estranha do Infinito, onde o seu sonho constellara illusões na explosão luminosa e sangrenta da agonia solar. Em sua imaginação nevrosada, de arrebatamentos subitos e irradiações impersistentes, surgiam, ás vezes, como desenhos kaleidoscopicos, idealidades errantes, com intensidade de allucinações e coisas sem fundamento, illogicas.

A sua vida era como uma orchestra de violinos e orgãos, cheia, umas vezes, de surdinas aereas, muito altas, arrebatadoras como hymnos religiosos de cathedraes saxonias, que enterram as flechas no céo; e outras de turbilhões convulsos, phantasticos, como coruscações de relampagos cortando o escuro molhado das noites invernosas.

A primeira vez que a ouvi fallar, senti a maior saudade saudosa de uma canção distante, no azul luminoso e fresco de uma tarde americana: a sua voz dulcissima, como cordas tremulantes de cytharas vibrando sob as abobadas de um claustro, ficou-me a cantar longamente nas cellulas rutilas de meu espirito e nas paredes vazias da minh'alma. E quando, horas inteiras, fixava os seus olhos castos, de uma doçura e brilho de sacrario illuminado, vertendo angelicamente nos meus a sua luz de turqueza ideal, o meu triste coração de solitario, tão cheio de desillusões e saudades, calmava de repente o seu pulsar inquieto, para cahir docemente na immobilidade de um extasis ou de um sonho constellar.

Por fim, uma vez, á bem dita claridade nevosa de uma noite enluarada, atirei-me genuflectivamente ante a sua apparição tentadora, n'uma adoração prosternada; e longamente, inigualmente, por semanas incontaveis, em que todas as delicias humanas se idealisaram como em um vasto ninho ethereal, suspenso do céo no meio de uma clareira de astros, o meu ser arrebatado incessantemente se expandiu e rolou nas allucinações de um delirio divino e de um bem incomparavel!

Um dia, porém, inquietante dia nebuloso de desespero e cuidados, empastado tenebrosamente no alto de carbonosas tintas tumultuarias, que um grande vento de inverno intumescia e agitava fazendo chorar, a espaços, em aguaceiros nostalgicos o triste azul enlutado na viuvez desoladora da luz, morta de repente no seio incinerador das léstadas — ella, a radiante creatura estellar, a Astarte alvinitente, a Diana boreal, a minha gloria, o meu amor, o meu Caminho de S. Thiago, começou a esmaiar pouco a pouco em sua irradiação sideral.

Lentamente então a sua fina structura de marmore, animada pelo sangue nobilissimo de urna antiga descendencia fidalga, entrou a perder as suas linhas recurvas, de uma modelação sonhadora de estatua, cahindo dia a dia n'uma progressiva consumpção nevoenta, de dolorida poesia funerea, que lembrava um perfil de Walkiria, passeando o seu mal ideal entre grutas de

pedraria, no fundo de aguas lendarias. E este definhar continuo, que lhe dava ás fórmias uma diaphaneidade subtil, tornando-a como uma d'essas visões nebulosas que fluctuavam outr'ora em legiões alvissimas na imaginação evocativa dos mysticos, á meia luz esfuminhada das cellas e carceres, fazia com que o seu talhe delicado adquirisse mais e mais a doçura soffredora e angelica, a contornação leve e vaga, a divinisação ineffavel que exornavam de graça sagrada as monjas medievaes.

Os dias, as semanas e os mezes passavam, com tintas de ouro ou de sombra, n'uma lentição inquisitorial, estendendo-lhe sendaes de saudades que afogavam aqui e alli as ultimas florescencias dos jubilos passados, dentro do seu coração já vencido na dilaceração angustiosa de antigas e santas imagens. . .

Percebia claramente, inilludivelmente, que tudo ia em breve findar e que dentro em si alguma coisa — o espirito? a alma? — já vagamente se debatia, em ancia, para o transe convulsivo do Derradeiro Suspiro. Antevia, pelo pensamento, quasi sorrindo e com serena resignação, as paragens sombrias da Patria Sepulchral. . . Mas nunca, um só momento, mesmo nas mais agudas e despedaçadoras crises, seus labios desbotados e tristes deixavam passar de leve, como tão commummente acontece, um ai de blasphemia ou queixume. Só apenas, um ou outro dia de mais carregada nevoa e *spleen*, em

que a terra e o Azul se despojavam da alada alegria dos brilhos no seio denso e revoltado das invernias bravas, e pairava no ar gottejante um gemer plangentissimo de petalas e ninhos perdidos, a affectuosa creatura amada voltava para mim as espheras azues dos seus olhos radiantes, e, apertando-me vivamente as mãos, que eu trazia sempre envolvendo docemente as suas, tomada de subito de uma certa melancolia e saudade, me dizia lentamente na sua voz casta e velada:

— Como é desesperador e terrivel, meu amigo, este lento desmanchar de uma vida! E isto na gloriosa plenitude da mocidade e do amor! Se ao menos, quando os males nos tocassem, fosse subitamente e de uma vez, no esmagamento completo de todo o nosso ser, em instantes tão rapidos que não pudessemos sequer ouvir, dentro em nós, o funebre prantear offegante das chimeras e dos sonhos. Mas não! É um moroso sangrar inclemente, uma tortura sem nome, que parece infligida pelas mãos assassinas de um inquisidor, que possuisse nos seus nervos sinistros o segredo tenebroso dos supplicios ineditos. Ah! se pudesses imaginar o que soffro!

E a sua cabeça tão loura, de uma seducção immortal, tombava anciosamente sobre o macio espaldar do *divan* de Smyrna, livida e sublime, cheia de dôr e de sonho, como a de Jesus no Calvario.

Uma tarde, em que maio floria nas planícies e valles e pelas montanhas verdes, ao cantar crystallino de fios d'agua correndo em *plissés* de prata sob o meigo gemer das ramagens, ella, como de costume, pediu-me carinhosamente que a levasse para o grande salão dos damascos e que lhe abrisse os amplos vitraes do occidente, porque sentia, n'esse instante, sangrar-lhe intensamente no espirito a nostalgia plangente dos seus queridos occasos. Ahi, junto aos grandes portaes ogivaes, longamente amparada em meus braços, alheia de tudo, inerte e como magnetizada, ficou saudosamente a olhar a extraordinaria illuminação do poente, poente que eu já-mais vira, e que me deixou, no seu esplendor incomparavel, esta nevrose singular pelas côres que tanto flammeja em minlia alma.

Era um d'esses recantos encantados de mar, que visionam profundamente, em irisações feéricas, a retina extasiada dos paizagistas. Uma sanguinea immensa começara a alastrar o horizonte e se espalhara sobre as aguas em gigantescas brochadas rutilas, que inflammavam os longes neblinosos e vagos. Pinceladas de ouro riscavam, com grandes franjas luminosas, esta tela colossal abrindo-se, aqui e além, como uma velha clamyde gloriosa, em rasgões violentos de andrajos, por onde surgia serenamente um fundo leve e saudoso de deluida esmeralda. Veios brancos suavissimos alternavam com toda esta bizarra fileteação de amarello e sangue, que es-

maiaava para o ar, em gradações nacarinas de conchas. Em cima, todo o céu se vestira de uma tenuíssima floração de lilazes, tremendo brandamente ás badaladas plangentes do *Angelus*. Uma paz messianica, que encantava a alma n'uma contemplatividade sem fim, estagnava-se religiosamente por toda a amplidão. E uma vaga espiritualidade de aventuras e viagens longinquas, sob os céos de outros paizes, pairava nostalgicamente, além, na linha fugidia do horizonte. . .

Mas densos véos de nankin entraram a rolar mortuariamente do alto, e tudo se envolveu em suas dobras sombrias que vestiam os corações em crepes negros de angustias. Ella então, n'uma subita agonia, lívida e estertorosa, murmurou toda fria:

— Ampara-me, leva-me d'aqui. Eu já não posso mais, eu morro.

E, estendida sobre um amplo *divan*, não fez mais um movimento, no seu bello roupão de setim, cujas pregas ondulosas rojavam agora no chão, esquecidas. Os longos cilios escuros, outr'ora palpitantes e vivos, ficaram para sempre cerrados, como as franjas de um sudario tristissimo. O rosto, opalescente e esguio, cobrira-se de absoluta serenidade, n'uma etherea castidade de lyrio. E as suas mãos afiladas e brancas, parecendo cinzeladas em blocos de marfim velho, fundamentalmente evocavam á lembrança essas santas mãos de promessas, que se vêem alvejar nas

procissões, levadas piedosamente por virgens descalças, em penitenciações fervorosas e mysticas.

Dilacerado e afflicto, n'uma angustia tumultuosa em que a razão se me abysmava, atirei-me para a rua, e, horas e horas, n'uma precipitação de perseguido, vaguei sem parar, illuminado dantesicamente pela minha dôr, sob o velario agourento da noite que negrejava no alto toda crivada de cyrios!.

Rio—1895.





## A CHUVA

---



A seguramente tres dias que não vivo, que não vejo o sol, nem fallo. E ella, a minha adorada Everalda, não veio, não virá mais, de certo. E no emtanto, dizia me na sua carta de uma letra fina e miuda: « Ámanhã, quinta-feira, vou. Estou louca por abraçar-te... saudades. não imaginas. . »

A chuva tem cahido e cae incessante, desventurosamente. O céu, pardacento, de uma claridade esmaecida e igual, jorra a agua em fios, como se a passasse por uma peneira gigante.

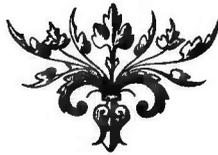
Um arrepio de sezões anda-me nas carnes e o negro e fundo *spleen* aristocratico e *mylord* ataca-me com furia o coração, onde o fel rebenta em ondas. Tenho as unhas roxas e a pelle engelhada, como um cadaver. Sentado, o busto inclinado sobre a meza da escripta, o braço direito em angulo, apoiando o rosto, voltado para a janella, os olhos cravados longe, atravez dos

vidros açoutados pelas rijas e sonoras bategas — aqui estou, mudo e tempestuoso, n'uma formidanda excitação de nervos e penso profundamente na mais amada das mulheres, sentindo, na sofreguidão immensa de a possuir, uma electrica nevrose de ferocidade animal, que me incendeiá delirantemente.

Debalde intento lêr. O meu livro mais querido, *O Primo Bazilio*, o livro extraordinario, que está aberto diante de mim, não me glorifica, nem me atira para o alto.

E quando subitamente me acode ao cerebro, como uma desolação, a idcia de que talvez mentisse a mais amada das mulheres, inflamma-me o sangue um furor nefasto e ruge no antro o coração indomado.

Mas não! ouço na escada um frú-frú roçagante, um passo nervoso e miudo. E os meus labios, por muito tempo, ficaram collados aos labios d'ella.





## IDYLLIO NO MAR

(*À senhorita Mercedes Pagés*).

Impressões de uma tarde saudosa a bordo da polaca hespanhola *Mercedes*, do commando do velho «caballero» catalão D. Francisco Pagés, de Masnou.



QUELLA tarde esmorecida de outubro, de uma suave illuminação ethereal, deixou-lhe para sempre no espirito uma saudosa impressão de marinha sonhada, em alguma tela encantadora de Bury ou n'um d'esses romances nebulosos de mar, em que os artistas da Britannia põem, com o seu alado idealismo abstracto, noivados festivos e louros singrando enseadas em calma, dentro de *yachts* veleiros, com galhardetes de flôres coroados latinos dourados.

Era uma vela vogadora de cutter, que andava ao longe a errar em contínuas bordadas inquietas, n'uma brancura idealisante de ave poplar, apparecendo, desaparecendo ás vezes, por

entre a immensa, fluctuante floresta núa dos mastros. Pelas aguas marulhosas, riscadas de rendas de espuma, pairava um dôce fremito viajeiro de viração austral, mansa aragem bonançosa, amiga acariciadora das pequeninas velas albrantes que cruzam o seio das *rades*. E no ar mórno e macio, de uma doçura tropical, por entre a vespertina transparencia dos brilhos, o encanto delicioso do céo alto e arqueado, com um leve desbotamento siderio de velho velário çeruleo.

Debruçado da borda, no tombadilho da polaca, elle olhava melancolicamente aquella mancha singlarora de latino alvo, sentindo desfilar no espirito um tropel de recordações amadas. . . A plangencia das longas noites do oceano, em que o seu coração anciara e chorara, orphão de affectos, em meio á solidão sem raias, vibrava ainda as visões rutilas do seu sonho e as cordas vivas da sua alma. E, pensativo e dolente, na ebriedade colorida de um silforama de imagens, desenrolado em effervescentes scismares, ~~quedara-se~~ a olhar somnambulamente para a singradura vaporosa d'aquella vela alada, que a enlanguecia ali, no poente d'aquella rutilosa viagem, em que toda uma porção do seu ser, na attracção de uma belleza divina, ficara a boiar sobre as aguas, longe, na magnificencia de uma cidade bemdita, n'uma ilha de ballada.

Mas o alto panno ~~nesgado~~ se ~~aproximava~~ lentamente, na sua alvura enfunada, em pares

de aza serena levada n'uma rajada, por entre os cascos adormecidos das naves, sonhando nebulosamente—quem sabe!—n'um estado de quasi espiritualidade, com a agitação marulhosa das viagens ao largo, fecundas dos inauditismos de um mar que não finda e da magia scenographica dos espectaculos solares.

N'aquelle navegar para elle, n'um murmurio longinquo de aquosa cristanilidade, a rasgar victoriosamente o vitral da planura infindavel, como demandando a polaca, a vela clara aviva-lhe aos poucos, nas cellulas em que fulgia o clarão de uma saudade ineffavel, o esquisso immaterial e celeste de uma estancia enluarada, que lhe estava a bailar desde instantes, incompleto e esparso, na gestação incuriosa e dormente da sua imaginação de nostalgico. E, de olhos em extasis, com uma luz espiritual insufflando côr e vida á sua Visão constellar, sob o brilho aureolante de uma claridade magica, já lhe tremia na emoção, suprasensivelmente, como o *frisson* psychologico de uma surpresa que raia.

Com effeito, repentinamente, o branco latino encantado desenhou-se inteiro n'uma aberta resplandescence das aguas, como se fosse a alma errante do Mar, um sonho albente das ondas, o symbolo rutilo das Rótas — guia bom das singraduras, benção augusta da bonança, bandeira dos ventos, pregoeiro das viagens! E o lento approximar d'esta embarcação velejada sob o entardecer tropical, tão repassado de nostalgia e

sonhares á sombra silenciosa que ia alastrando lentamente as ethereas paragens — abria-lhe agora, com nitidez, na memoria, a fulgida cadencia sonora d'aquella estrophe de poema d'alma, que lhe nascera, uma tarde, por um crepusculo oceanico de lenda, ao abordar o littoral pinturesco d'essa ilha querida, onde o seu amor torrera illusões, como uma Eiffel rutilante em demanda do infinito sonhado.

À medida que o cutter avançava, n'um vasto sulco onduloso, em direcção á polaca, todo o seu casco esguio e alvo se detalhava nas vagas, em linhas finas e artisticas de requintada construcção naval, desde os vivos frisos das bordas ao tópe do mastaréo triumphante, erguido no ar como a ponta de um gigantesco florete embolado, ferindo verticalmente o Azul, que se diria sangrar sobre o mastro, na golfada de sangue tremulante de um galhardete encarnado.

Mas de repente, e a pequena distancia, a esguia embarcação começou a pannejar, atravessada ao vento, n'um embalo rhythmado, sobre a ondulação inquieta, e elle pôde vêr, atravez das irradiações do seu sonho e da vaga luz interior da sua nebulose mental, a silhueta ineffavel de dois seres amantes, destacando á balastrada oscillante da pôpa, na liquida toalha de espuma, como um casal divino de deuses sahido de um mytho da Helade. Banhava-o idealmente a claridade cendrada do alto, descendo em desmaio de tons sobre as óndas e rolando etherea-

mente por entre a cordoalha e os mastros. E ali a boiar, como n'um fundo azulado de opera marinha, aquelle idyllio de costa europêa septentrional, cortava de um encanto fidalgo, de velhas civilisações cheias de arte, as aguas de Guanabara.

Na frouxidão alvacenta do panno murcho e rugoso, a estalar contra os cabos n'essa virada de bordo, e erguendo ao ar oscilladoramente como uma teia de aranha phantastica, o cutter cahia, cahia na corrente, em busca do beijo cheio da aragem. A pequena coberta recurva apparecia agora amplamente, em linda modelação quasi oval, reluzindo artisticamente na variada collecção dos objectos nauticos, que se exhibiam ahi em singular exposição fluctuante de alfaias estranhas ou de bric-à-brac. E o que mais sobressahia, no meio d'esse luxo naval, eram as altas amuradas corridas onde se erguiam as enxarcias, a gaiuta envidraçada, as malaquêtas de metal e d'aço, o bordado trinca-niz amarello, o pequeno castello inclinado, os turcos curvos e em gancho como antigas armas de abordagem, o cintado cabrestante encapado, as pequenas ancoras pesadas, os finos croques reluzentes e o molinete rodante onde se prendem as amarras . .

N'esse instante, porém, nada d'isso impressionava já a sua imaginação visionada, arrebatada n'um enlevo ante o formoso e louro par, vo-gando ineffavelmente sob a luz fugidia do occa-

so em meio a *berceuse* da vaga. Subtilmente todo o seu ser vibrava, na doçura d'essa contemplação, aclarada interiormente pelos affectos passados, no enternecimento de uma grande sympathia por essas almas aladas, noivando, na tolda da bella embarcação adejante, sob o encanto do céu vespéral.

Mas a alta vela nevada fugia, batida de uma rajada — e o gracioso casco vogador retomava a primitiva bordada, n'uma faixa meandrosa de espuma que esfervia e ondulava. Agora, á balaustrada branca, tombada para a borda roladora, o bello casal olhava o mar, invadido de ternura, algemados os olhares em fundos extasis de amor.

A tarde fenecia nos páramos azulados do espaço, desolado já n'um esmorecimento saudoso. Longe, muito longe, na amplidão curva do horisonte, onde as vagas tremiam em longos frisos de esmeralda, uma branda mancha de sol vermelhava, sobre as brumas do occidente, como um esbatido de nacar. E o bello cutter sumia-se no estofo ceruleo das vagas. Mas por muito tempo ainda a lactea brancura nevoenta do seu alto latino, suggestiva de lembranças passadas, n'uma alegre estancia vivida, ficou a boiar além, n'uma nevoa de saudade.



## HISTORIA D'UMA GAIVOTA

(No album da senhorita Emilia Shutel).



CONHECI, uma vez, uma menina ingleza, de cinco annos, galantissima e loura, que não sabia ainda gorgear, trinar a linguagem cantante e musical de v. ex.<sup>a</sup>, e que cantava com graciosidade infinita e interessante difficuldade de expressão, a um gruposinho encantador de crianças, a historia adoravel de uma gaivota que possuira.

Era á beira-mar, n'uma dourada tarde de setembro.

A historia, que pude recolher com fidelidade no meu espirito, pela galanteria e ingenuidade, repassadas de affeição e tristeza com que sahi d'aquelles labios de boneca — foi a seguinte:

«Eu tive uma gaivota. Era mansa, muito mansinha. Já cantava e voava. Depois. depois *moriu!*. .»



Senhora! — foi o que succedeu á minha  
Musa.

Santa Catharina — 1885.





## O MAR

---

(A Alfredo Soares).

**T**ODAS as tardes, agora, depois que os seus olhos luminosos deixaram de arder, extinctos e gelados para sempre; que a sua bocca limpida e sonora, favo de mel que seccou, não póde mais vibrar a crystalina melodia dos beijos; que a sua espessa juba loura revolta, de um fulgor de estrellas, deixou de agitar-se, quente e crespa, por sobre a alta cabeça encantadora e as brunidas espaldas de marmore; que o seu corpo formoso, erecto e sem defeito, de um glorioso conjuncto de inauditas linhas, não se erguerá mais para o Amor, nem para as conquistas triumphaes da Belleza, fechado, como está, em uma cova estreita e florida do cemiterio do sitio; — todas as tardes, agora, eu vou sentar-me no alcantilado promontorio da ilha, sobre as penedias tão ami-

gas das ondas, para saciar no sombrio encanto da monotonia e do vago a lancinante e intensa magua que toda aquella paixão legou-me e que só o vasto Mar ulullante poderá bem comprehender e amenisar.

Ahi me vem envolver, quasi sempre, uma mortalha de crepe, a cinza densa e funeraria da noite que desce, quando estou quasi a surpreender, n'uma nevrose da visão, obsecado por sentimentos agudos, atravez das brancas espumas ferventes, a alma azul do Oceano, que ama e envia no estrondo incessante das vagas a sua dôr ao Infinito!

Então, imagino phantasticamente qual o ideal capaz de amparar aquelle sedento e largo coração de leão. E avalio bem, por fim, que nenhum sentimento satisfará, nunca, o Titan eterno!

A Immensidade etherea e longinqua que elle constantemente busca e fita com o seu immenso olhar de esmeralda, e para onde joga os soluços bramantes de apaixonado Cyclope — permanecerá sempre, ante o seu profundo e tempestuoso amor, enygmatica, fria, silenciosa e immovel.

.

Oh Mar! oli velho Mar gigante! tentas embalde o goso, a alegria e a paz suprema: no meu coração, como nas tuas aguas, onde tanta vez se reflectem a azul serenidade do Céu, as

settas de ouro do Sol e as lagrimas prateadas das Estrellas, ha uma doença secreta, um amargor terrivel, um rolar de vagalhões continuos em perpetua desolação!.

Santa Catharina -- 1887.







## GALÉ DA DOR

---

(Ao dr. Fabio Luz).



**O** MAURICIO, um bello rapaz, fino, intelligente, elegante, estava agora perdido para sempre. Aparecera-lhe inopinadamente a «molestia maldita», a cuja lembrança tanta vez a sua alma gemera e gelara, porque sentia rolar no seu sangue aquelle *virus* horrivel, que desde os seus antepassados — havia um seculo — decepava cruelmente os meliores varões da familia.

Muito rubro, com todos os germens d'aquelle «mal» hereditario, tinha um grande cuidado consigo; mas n'esse dia de sol escaldante, em que uma viva combustão estival pairava nas camadas aereas, entrara da rua fatigado e mettera-se n'um banho frio.

Tigrou-se-lhe a pelle de roxo, engrossaram-se-lhe os tecidos. O rosto, maculado, engurgitou-se, tomando um aspecto duro, turgido. As

orelhas encorporaram se prodigiosamente, e o nariz, violaceo, intumescceu de maneira brutal, dilatando as narinas. As conchas das palpebras espessaram-se, reviraram-se, n'uma tumidez enorme, conservando os olhos uma humidade mucosa, pellados de sobranceiras. A bocca tumefacta contorcera-se em tromba, de onde manava uma saliva ichorosa, torpe, putrida. A pelle gretara-se, dissorando pús.

Tornara-se medonho, repellente; sentia vergonha de si proprio; não apparecia a ninguém. Só furtivamente, de um modo tímido, nos dias alegres, a cabeça envolta n'um *plaid*, deixando vêr apenas os olhos sem cílios e debruados de vermelho, chegava á janella de um torreão da casa que deitava para o mar.

Era ás vezes pela tarde. Seguia, então, horas e horas, as velas cruzando a larga superficie verde. Contemplava o casco dormente dos navios ancorados, o alto perfil das mastreações, as montanhas do continente, desenhando-se saudosamente sobre a tela esmaiada do firmamento, os bellos occasos de estio, accesos n'um alastramento de *flomboyants* em flôr.

E enclausurado n'essa vida de tumulto, contemplando a natureza como quem já não pertence ao mundo, abalado por uma plangencia sem nome, abandonava a janella, nervoso, tremulo, soluçando. A nostalgia enterrava-lhe no coração os seus bisturis.

E n'esses instantes amargos, a imagem ru-

tila da Amada, evocada intensamente pela imaginação, apparecia-lhe, nimbada de luz, por uma aberta de nuvens, no céu sereno de seu espirito, como uma Nossa Senhora que acudisse piedosamente á supplica fervorosa de um mystico, por entre os murmurios de uma oração.

Amava, com todas as vehemencias febris da paixão com todo o ardor tropical da sua alma, de vinte annos, a uma virgem ideal, branca como uma estatua de marmore, pura como as estrellas, olhos azues e castos como os myosotis, luminosos e lindos como as nossas manhãs. Era uma menina angelical, que fôra a companheira querida de sua irmã, nos bons tempos do collegio, que costumava conversar com elle, outr'ora, nos dias felizes. E a não via, já lá iam dois annos! Que dôr, que immensa saudade, saber que ella alli estava, defronte, n'aquelle mesmo bairro pittoresco de littoral florido, e nem ao thenos a poder contemplar um instante, temendo ser visto!.

Vinham-lhe, então, desesperações formidaveis, blasphemias, gritos de desgraçado contra Deus, irritações de atheu, e, após tudo isso, um certo temor religioso, um remorso afflictivo, uma idéa muito viva da Providencia, que fazia o seu pobre coração torturado cahir de repente em constricta adoração, murmurando: « Eu creio em ti, oh Deus! . . »

E quedava-se demoradamente n'uma immobildade de magnetisado, enterrado n'uma ca-

deira de braços, perdido n'um scismar profundo, o rosto tombado sobre a mão, n'um arrepanhamento de feições que lhe torcia a bocca, tornando-o horrivel, com o olhar fisgado no chão, sem movimento, inerte. Permanecia assim até alta noite, até á madrugada, em insomnias esmagadoras. E todos os dias a mesma vida, vazia, deserta, negra, tumular, até que cahisse por fim na augusta pacificação do Nirvana.

Mas á maneira que a molestia avançava, implacavel, sentia crescer, deitar mais fundas raizes no seu peito, aquelle amor indomavel, desalentante e descorrespondido agora, que nunca o vencera e torturara tanto.

Um sabbado, quando as suggestões do desespero e da duvida, como um bando de lavras estranhas, surgiam-lhe no cerebro, a devorar-lhe os filões do discernimento — ruidos espalhafatosos de carros que se approximavam, sublevando a costumada quietitude do bairro e fazendo estremecer os predios, trouxeram-lhe de repente ao espirito uma lembrança terrivel d'ella, da radiante creatura que o fazia viver ainda e por quem e para quem era perdido, perdido.

Então, arrastado por um presentimento extraordinario, atirou-se audazmente á janella ante os olhares espantados de todos, e, ahi, apparelhado, tremulo, estrangulado quasi por um aperto de dôr na garganta, viu-a passar, n'um *coupé*, ao lado de um bello rapaz — magnifica, a grinalda de flôres de laranjeira cingindo-lhe a

cabeça de virgem, o longo véo de tulle cahindo-lhe pelas costas, sobre as núas espaduas bruni-das, n'um tecido tenue de bruma.

Como um animal apunhalado de repente, em pleno coração, o Mauricio teve um grito sinistro. Depois retirou-se mudo, tonto, tresvairado, indo cahir de bruços sobre a cama, n'uma dôr omnipotente e sobrehumana, n'um traspas-samento de maguas supremas e infinitas!.

Desterro — 1886.







## TZAR

---

(Ao dr. Gama-Rosa).



ELLE era o inaccessible, supremo. A sua vontade trazia tremulos e angustiados noventa milhões de subditos. Os pensamentos d'estes homens morriam inexpressos, temerosos da omnipotencia fatal do gigante autocrata. Uma palavra, uma suspeita, faziam voar em trens expressos para a Siberia os delinquentes, n'um degredo tumular.

Nas grandes revistas de cem mil homens os estandartes da Nação, coroados pela aguia d'ouro, como insignias fracas, abatiam-se á sua presença real, n'um *Te-Deum* de acclamação. Quando passava nas ruas, augusto e refulgente, envolvido no estrepito, nos brilhos metallicos do seu sequito ostentoso e guerreiro, deixava, por sobre as multidões agglomeradas, o deslumbramento e o assombro que assignalam a passagem d'um trovão.

Havia em torno d'este homem como que

uma atmospherã de força brutal, junto á sobrenaturalidade d'um monstro phantastico, cuja proximidade dava morte. Mesmo no seio do seu palacio, os seus validos, a sua familia, tornavam-se gelidos tremulos á approximação soberana, porque havia n'elle a ferocidade rija das machinas, das engrenagens e a crueldade subtil e allucinante do cholera-morbus. Achava-se alli, no meio d'aquella immensa Nação, como um formidavel animal pre-historico. O monstro tinha a intuição do seu valor e da sua força: e nunca os seus labios sorriam para ninguem, porque não considerava semelhante ninguem!

Nas solemnidades babilonicas da grande cõrte do Neva, cercado do grupo dourado dos generaes do Imperio, n'uma sala feerica de decorações e constellada pela belleza exuberante e olympica das altas damas palacianas, collocadas alli ás centenas, como os nobres dignitarios da Nação, em presença dos embaixadores de todas as potencias do mundo, o grande monarcha, postado no meio das sumptuosidades d'aquella kermesse official, no cachoeirar estri-dente das orchestrações guerreiras, alheiado de tudo, prodigioso, sobrehumano — fugia para longe d'essas glorias que detestava, e, de olhar amortecido, sem uma palavra, sem um gesto, transportava-se para além, para o *menage* querido, onde estava a sua Amada, a deliciosa creatura pela qual se sentia menino, gostando de chorar no seu seio.

Imaginava-a deitada sobre a alvura flacida das pelles de ursos brancos do polo, n'um pequeno *divan*, o corpo docemente premido no seu roupão de velludo negro bordado de filigranas, o pescoço e os pulsos envoltos na morridão suavissima dos arminhos da raposa azul, feliz, á espera d'elle com sorrisos adoraveis e umas caricias que lhe faziam tão bem!.

Sentia um enternecimento em pensar n'ella e aspirava por chegar ao ninho tepido e perfumado onde era tratado como um bebé, reprehendido crystalinamente pelas suas faltas e castigado por aquella mão rosea e setinosa, que sabia, muito justa, distribuir a pena e a recompensa. Queria ineffavelmente mergulhar o seu rosto nos flocos d'ouro d'aquelles cabellos slavos, para fugir ao perigo da sua omnipotencia, n'um remanso carinhoso e sagrado. Dominava-o um desejo irresistivel de humanisar-se, de perder-se nas suavidades do sentimento. E tanto gozava d'aquella creatura divina, que experimentava já a invasão deliciosa das ardentes meiguices de amor. Votava-lhe tal adoração que se enternecia e soffria saudades nas horas que não passava a seu lado. E mudamente, em seu cerebro, durante a grande recepção, revolvia-se convulsamente esta exclamação torturante: « Ah! como as suas funcções de monarcha o privavam cruelmente d'aquelles sagrados encantos!... »

Então, ainda mais alheiado de tudo, o seu

espírito fugia, internando-se pelo lar, n'uma ancia de affeições.

O mundo que o cercava, esse mundo alli prostrado a seus pés em continuas oblações, desaparecia então por momentos, como sob o nevoeiro d'um sonho, e elle via-se já, o grande Imperador, entre os gorgeios dôces do ninho, cercado das crianças louras, os filhos do seu amor, sentindo-lhes as mãosinhas carnudas baterem-lhe o rosto, revolucionando-lhe a barba, sem brutalidade, sem colera. Amava todas essas ternuras, enlevado e commovido, aconchegando ao peito e beijando os celestes cherubins. Depois ia cahir inebriado nos braços da sua Niwaia, que o enlaçava na sua eterna paixão.

Em pouco a solemnidade terminaria e elle retomaria a sua feição humana, subindo, com o coração palpitante, a escadaria dourada do seu castello de amor

Mas, de repente, fez-se um pallôr no rosto do Tzar: seus olhos amorteceram, extinguiram-se, e elle viu ao longe, no horisonte immenso das steppes nevadas, uma multidão de homens vestidos de luto, que se approximava com a rapidez d'uma Visão, e sentiu que uma bomba enorme de dynamite, abatendo-se a seus pés, explodia, afogando-o em ondas de lava.



## EM VIAGEM

---

*(A minha Mãe).*

**E**STA novella, como em geral todos os trabalhos do auctor, tem muito da vida real, ou melhor, é formada de scenas ou episodios vividos e longamente observados. Representa mesmo, e com côres as mais verdadeiras, uma boa parte da sua infancia. Foi com saudosos trechos de reminiscencias da longa e bella viagem feita á Havana e ao Rio da Prata, depois de ter deixado o Collegio Naval, em 1879, que todo este livro se compoz, desde o conjuncto aos minimos detalhes. — Mas é impossivel que não haja n'estas paginas alguma creação da phantasia! dirá o leitor. Perfeitamente. Entretanto, a psychologia, o sentimento, os encantos, as alegrias, como os sobressaltos e as amarguras da vida de bordo, acham-se aqui, por assim dizer, photographados. É talvez o unico merito d'esta novella que, além de tudo, foi escripta com verdadeiro amor por quem, descendendo de maritimos brazileiros e portuguezes, pelo lado paterno e pelo materno, e creado de menino a bordo e no pittoresco littoral de Santa Catharina, adora os navios e tem uma profunda paixão pelo mar.

*Rio de Janeiro — Dezembro de 1900.*





## EM VIAGEM

---

### I



'ESSA manhã, a bordo, todos irromperam alegres no tombadilho: era a bonança, o bom tempo, o sol. Havia seis dias que ninguém punha o nariz fóra da *cabine*, por causa da borrasca. Começara por aguaceiros ao sul, n'uma madrugada, depois de muitos dias claros de norte. Mas o vento, que cahira pelo sueste, rondara para leste, e o temporal se desfez intensamente sobre o mar. O navio metterá logo á capa para aguentar: gaveas em terceiros, velacho baixo e bujarrona, alagado de proa á pôpa pelos vagalhões. No alto, o céo torvo e revoltado, em pastas d'um cinzento molhado, vertia cordas d'agua incessantes. Sobre as escotilhas fechadas e o convez raso invadido constantemente pelas ondas em furia, que torvelinhavam e varriam tudo despedaçando-se em altos rolos de espuma, como contra um cachopo isolado, a mastreação e os

cabos dançavam e assobiavam sinistramente, n'um sabbat formidavel. E á symphonia disparatada e louca da tormenta infrene, o brigue rolara, dia e noite, aos boleus, sobre as vagas rugidoras. Tudo cessara, porém, na vespera á noite, em que o céo festinara cheio de estrelas. E o oceano agora, sob a immensa curva azul transparente, branco e espumoso ainda do colerico vergastar dos ventos, estendia-se em redor, profundo, amplo e montanhoso, na vastidão solemne. A luz jorrava do alto côr de gemma de ovo, accendendo na planura liquida placas infinitas e rutilas. Nos longes alvissimos, fechados, brumosos, nem a mancha clara de uma vela — apenas o isolamento, o deserto.

Á ré, sentados sobre a meia-laranja, á sombra do mastro grande, alguns passageiros, n'um grupo, faziam enorme algazarra. Uma brisa de nordeste, muito doce, bojava as velas, deitadas a um bordo. Pannos de sol, como um estofo amarello, riscado das sombras dos cabos, estendiam-se no convez, a correr, nos balanços, de bombordo a boreste, por debaixo das amuras. Havia ainda um grande jogo. De vez em quando, um ou outro vagalhão mais alto borrifava a tolda, á meia-nau, por cima da borda.

O capitão, um homem herculeo e grosso, era muito louro, de origem dinamarqueza, carregando uns quarenta annos robustos. De pé, junto aos passageiros, o bonet sobre os olhos, ria com os seus bellos dentes sãos, contando o

que eram os temporaes de inverno em toda a costa-sul do Brazil.

— Estavam agora mesmo — dizia apontando com o braço estendido o horisonte ao largo — na altura do cabo de Santa Martha, a um grau de terra, n'um dos pontos mais perigosos da costa. Alli constantemente occorriam naufragios, porque o *carpinteiro*, todos os ventos rijos do quadrante do sul, e os cyclones, n'essa quadra do anno, trabalhavam dia e noite o vasto litoral desabrigado. Sempre para baixo, d'esse ponto em diante, a costa augmentava de perigo até ao Albardão.

Mas á pôpa, vestida de azul-marinho, uma *miss* loura e forte estirava-se sobre uma larga cadeira de lona. Tinha uma grossa brochura amarella sobre o regaço; e uma das mãos, muito branca, marcava a continuação da leitura, mergulhada nas paginas, emquanto a outra, pouxada no espaldar de verniz, junto ás tranças d'ouro, fazia repuxar o corpete na manga, desenhando-se amplamente a linha esculptural da cinta, e, sob a fazenda demasiado tensa, n'um contorno de couraça, o esplendor dos seios tumidos. Parecia indifferente á conversa e seus olhos garços, limpidos, virginaes, cheios de desejos e preocupados, ora fixavam os mastareus oscillantes, as costuras symetricas do panno, as taboas estreitas do convez, ora o céu de azul e seda e o mar resoante para além das amuradas.

Ás vezes, quando o navio caturrava mais

violentamente na vaga, uma faixa de sol banhava-a, dourava a toda, cahindo por entre as velas. Batiam-lhe então as palpebras, os longos cilios escuros, sob a luz intensissima. Mas era só um segundo, porque a sombra volvia logo, e ella reabria, sorrindo, os olhos deslumbrados.

A seus pés, dormitava, estendido, guardando-a, um esplendido terra nova, todo negro e de longos felpos reluzentes. Era o vigia de bordo, que velava, á noite, durante os dias de descarga nos portos, sendo tambem um recurso de primeira força na salvação, quando algum homem ia ao mar, em viagem. Com um anno de idade, já tinha o tamanho de um bezerro. O capitão trouxera-o pequenino da America do Norte a ultima vez que lá estivera, e como o cão nadava prodigiosamente desde muito novo puzera-lhe o nome de *Golfinho*.

Os passageiros continuavam a tagarellar, na doce cordialidade de bordo, ouvindo dos labios do capitão o claro desfiar das tormentosas historias do oceano. Mas a sineta, em baixo á porta da camara, bateu as sonoras tilintadas do almoço e todos desceram apressados.

## II

O brigue tinha duas camaras magnificas— uma em cima, na tolda; a outra em baixo, na coberta. A primeira, muito vasta, com embuti-

dos de pallissandra, incrustações e dourados, era como um salão de *steamer*: um piano de meio armario, coberto de um panno verde bordado, jazia á entrada, junto ao mastro-grande, para alegrar os passageiros em viagem; duas amplas mezas, forradas de um tecido côr de cereja, corriam a um lado e outro; por cima, *glass-rak's* de madeira negra envernizada, guarnecidos de metal, pendiam do tecto branco; grandes espelhos de Inglaterra, cercados de douraduras, abriam-se ás anteparas; um largo córte no centro, quasi em oval, coincidia com a meia-laranja, deixando jorrar para o interior toda a luz do alto; proximo, mas a ré, uma descida communicava as duas camaras. A segunda era um compartimento corrido, com camarotes ás amuradas e um pequeno salão á pôpa para senhoras, todo estofado a velludo côr de vinho e cheio de quadros, representando trechos risinhos de campos e praias européas, d'entre os quaes sobresaía, ao fundo, uma bella tela de mar alto, assignada por Joseph Bury.

Taes accommodações, luxuosas e raras nas embarcações á vela, davam uma singularidade ao navio, que havia sido paquete nas viagens da Oceania, carreira da Australia, para que fôra construido especialmente por um rico armador de Londres, ex-embarcadiço, cuja fortuna colossal tornou-se, em poucos annos, das mais consideraveis da Gran-Bretanha, o que o levou, logo após, a abandonar o commercio e os na-

vios, e entrar na politica, liquidando a casa ao ser eleito deputado, isto aos cincoenta annos de idade.

O brigue, que se denominara outr'ora *Rose of England*, fôra casualmente vendido para o Porto, sendo o seu novo proprietario um velho portuguez do Douro, atarracado e sanguineo, perfeito typo do *master*, rude marinheiro, trabalhador e tenaz, que possuia uma enorme ambição e uma sêde incomparavel de riqueza. Mal se arranjava nas trabalhosas viagens da India, começou logo a comprar navios, mandando tambem construil-os nos estaleiros de Villa do Conde. E como por esse tempo um movimento enorme de Portuguezes para o Brazil inundasse o convez dos navios de vela, por serem raros os vapores e muito alto o preço das passagens, tratou immediatamente de encarregar a sua frota para o Rio de Janeiro. Posto que rico e já idoso, com toda uma descendencia em Vianna, terra em que casara e estabelecera o lar, o seu entranhado amor ao oceano, onde rolara por espaço de quarenta annos de alegria e saude, junto ao enthusiasmo da excellente compra do barco, levara-o de novo ás ondas, fazendo-o tomar o commando do brigue, a que, com ênfatuação plebéa e maruja, denominara — *Sem Par*. Mas o pobre lobo do mar, logo á primeira viagem, uma manhã de verão, n'um dia de chegada ao Rio, ao ir para terra, cahiu ao portaló, com uma apoplexia.

O navio então fôra á praça. Comprara-o um valente marinheiro catharinense, o capitão Roberto Nielsen, homem de longas viagens á America do Norte, ao Rio da Prata e ao Pacifico. O brigue passou-se a denominar *Ondina*, uma doce e velha reminiscencia da mythologia scandinava, que fizera deliciosa impressão no espirito do Nielsen quando, em menino, á noite, nos serões de inverno, agasalhado ao collo da mãe, junto á çhamma amarella do candieiro, ouvia ao velho Roberto, seu pae, as lendas poeticas e nevoentas do Baltico, que este, por vezes, applicava á terra catharinense e á sua bella capital. Depois fôra tambem em honra á sua filha mais velha que o navio tomara esse nome.

No *Ondina*, em duas ou tres viagens aos Estados Unidos e ao Chile, o Nielsen levantara um pequeno capital para carregar por sua conta; e, muito feliz nos primeiros carregamentos dando-lhe grandes resultados, resolveu encetar immediatamente o negocio da herva-mate, viajando entre Santa Catharina e as fortes praças commerciaes de Buenos-Ayres e Valparaizo, esta ultima já muito conhecida das antigas viagens. Na impossibilidade de uma longa demora em terra, e principalmente no Desterro, onde quasi não tocava ao volver das grandes travessias no mar, instalara a bordo a familia, e, como o navio tinha accommodações de paquete, recebia tambem passageiros para aquelles portos. As passagens eram muito em conta — uma terça

parte das dos vapores estrangeiros ou nacionaes — o que fazia com que os catharinenses e outros com negocios n'aquellas cidades, bem como os commerciantes de lá com interesses n'esse Estado do sul, procurassem sempre o *Ondina* para as suas viagens.

E por isso alli singrava o brigue, cheio de passageiros, na altura do cabo Santa Martha, n'um dos seus costumados percursos ao Pacifico com escala pelo Prata. Jámais porém o colhera, n'essa latitude, tamanho temporal. Felizmente, o navio era como um passaro nas vagas, e apesar da tormenta desfeita não recebera a menor avaria. Satisfeito com tal felicidade e com a segurança quasi invencivel do barco, o Nielsen, excessivamente jovial e sem cansaços, respirava agora livremente, a rir e a palpar no meio dos passageiros, o coração em festa na manhã dou-rada.

Todos tomaram logar á meza. Só a filha do capitão, a moça loura que olhava os mastareus e o Azul no tombadilho, desceu primeiro á outra camara, á *cabine*, onde deixou a brochura amarella, voltando d'ahi a instantes, a sorrir levemente com os seus lindos dentes claros. Mas em seus olhos glaucos havia uma inquietação e melancolia. Ao sentar-se lançou em volta um olhar que procurava vagamente alguém ou alguma coisa, e que se cobriu de repente de uma leve humidade de lagrimas. Depois, reclinando-se um pouco no banco, pôz-se a fixar o *convez*,

lá fóra, onde o panno se encurvava pardacento e em bojo. E ficou como perturbada, a physionomia um momento hesitante, uma contracção nos labios, que empallideceram vagamente.

Um dos passageiros, ao lado, inquiriu-a então :

— Mas o que era aquillo? Ondina estava tão triste, tão silenciosa.

— Oh! não! ella era sempre assim; murmurou, escarlata.

Os outros protestaram: « que não, Ondina não era assim, ninguem melhor do que ella para brincar, gracejar. . »

Mas o capitão, que se demorava ainda lá em cima, a dar ordens, appareceu, muito preocupado, como sob um peso intimo.

Os passageiros perguntaram-lhe então assustados:

— Alguma novidade, commandante? Mudança de tempo? nova borrasca?.

— Não, era o piloto. Adoecera, o valente rapaz, que vinha de dar a melhor prova de marinheiro ás direitas n'aquella viagem. Durante a borrasca secundara-o, a elle capitão, nas monobras com um sangue-frio e coragem admiraveis. Sósinho, uma noite, na maior intensidade do vento, a equipagem já exhausta, fizera seis horas de leme sem fraquear! A elle se devia, talvez, o estarem todos alli n'esse instante.

E tomou a cabeceira da meza com um encolhimento de resignação nos hombros herculeos, tordada agora a larga face cheia de sol,

de pelle lisa e fina, onde o sangue affluia, còr de boa noite, n um jorro incessante de vida.

A moça, que o escutava, preocupada, teve um tremor: e seu rosto rosado e limpido, no alto do vestido azul-marinho, banhou-se de uns tons frios de lua em céu varrido por vendavaes.

### III

Na vespera o piloto recolhera-se ao camarote pela madrugada, quando o nordeste se declarou trazendo o bom tempo. Estendera-se no beliche extenuado, quasi morto de seis dias e seis noites de faina infernal, mal comido e mal dormido, como toda a campanha, sobre o mar desmontado, no torvelinho da borrasca. Dormira um somno profundo, um d'esses somnos que vêm após as grandes fadigas, mas accordara como se tivesse a cabeça atulhada de pedras, volumosa, collossal. Não a podia erguer quasi. Tinha os beiços resequidos, queimados por um calor interno, uma sêde insaciavel.

Um dos moços de camara, ao vê-lo assim abatido, correria logo a chamar o capitão. E como vinha a bordo um medico, o dr. Barroso, n'aquelle dia muito prostrado no camarim com o enjôo, o Nielsen desceu immediatamente a consultal-o. O medico não se podia erguer, com

tonturas; mas inquiriu se havia aconito, mostarda, e receitou sinapismos, um suadouro.

— Depois, vêr-se-hia. disse penosamente, n'uma angustia, tomado por uma anciedade de vomito.

O capitão subiu, apressado, para applicar os remedios, e após o almoço voltou a vêr o doente, acompanhado por alguns passageiros: ia bem, mais calmo, suando muito, sob um grosso cobertor de Montevidéo.

A esposa do Nielsen, boa e solícita sempre, com uma immensa piedade pelos soffrimentos alheios, uma senhora robusta e bella apesar dos seus quarenta annos e dos seis filhos são que creara, com os quadris amplos e fecundos de onde sahiam titans — lá estava já, com a Ondina, a fazer quarto ao enfermo. Sentada n'um banco de lona, aconchegava a roupa ao pescoço do rapaz, que, muito pallido, em suores, rolava a cabeça sobre o travesseiro, sem poder abrir os olhos. Ao lado, por detraz d'ella, a filha, que a pouco quasi desmaiara na camara, de pé, apoiada ao lavatorio o fixava affectuosamente com os seus olhos garços, que reluziam melancolicos. Desde manhã andava com o coração oppresso, porque ao subir para a tolda, depois do temporal, o piloto não lhe apparecera como costumava. Sabia bem quanto elle a amava, mas ficara aborrecida temendo lhe houvesse occorrido alguma contrariedade.

Esse affecto de ambos procedia da infancia,

dos ultimos tempos do Collegio Willington, onde tinham andado. Fôra no Desterro. Tinha ella nove annos, elle doze. Viam-se todos os dias, apertavam-se as mãos, estavam juntos horas, porque ia sempre para as aulas com a irmã d'elle, a Ritinha, intima camarada e confidente, uma menina da sua idade, morena e de grandes olhos negros, com longos cabellos cacheados. O rapaz era já robusto n'essa época, o Yôyô, como então o chamavam; mas o seu verdadeiro nome era Carlos Valle. Alto, os olhos castanhos, os dentes alvos, um rosto grande e redondo, a pelle muito clara, impressionava as meninas, dando-lhes uma emoção. N'esse tempo andava a tirar preparatorios para a marinha — e, um dia, pela tarde, acompanhado do pae, do velho Guilherme Willington e de alguns camaradas de estudo, lá embarcou para o Rio. Toda a familia chorara desesperadamente, e ella que estivera em casa d'elle, n'esse dia, sentira então a sua primeira magua: á noite chorara muito e só conseguira dormir muito tarde. Passados dois annos, deixando a marinha de guerra, Carlos voltara á provincia, já quasi um homem, bonito e com um buço forte. Na sua grande paixão pelo mar, uma enorme vocação, só fallava em viajar, correr oceanos, terras longinquoas — a Europa, a Asia. O pae embarcou-o, então, com muitas recommendações, em um navio hespanhol que se destinava ás Antilhas, e d'ahi a Barcelona. Partiu por uma manhã rumorosa de

abril, n'um fresco sueste que carregou a polaca. Voltou d'ahi a seis annos, depois de percorrer todo o Antigo Continente em numerosas viagens. A sua chegada ao Desterro foi um acontecimento: não se falou n'outra coisa durante dias, como sóe succeder em terras onde as noticias escasseiam. O club *Doze de Agosto* deu uma partida em sua honra, e o velho José Maria do Valle levou uma semana de festa na sua chacara do Matto-Grosso. Permaneceu em terra muito tempo, porque o pae, homem de influencia e chefe politico do logar, andava a arranjar-lhe um commando de paquete na Companhia Nacional. Mas como isso tardasse, o rapaz, soffrego de novo pelo mar, apenas entrou o *Ondina* tomou logar de piloto a bordo. O Nielsen chegava então do Prata, e o acolheu com effusão, fazendo-lhe todas as vantagens. A familia, que estimava o Carlos e o não via desde annos, teve uma grande alegria ao saber que elle ia para o brigue; e houve verdadeiro jubilo, a bordo, no dia em que levou a bagagem. Que de emoções experimentou então a Ondina, e como se sentiu tão mudada! O seu amor, tão longamente interrompido, reatou-se logo, e com maior intensidade, tornando-se em verdadeira paixão. Ao rapaz é que lhe não succedeu o mesmo, posto a estimasse ainda e correspondesse de certo modo aos affectos; e isso era devido a uma grande *toquade* que sentia agora por uns olhos peninsulares que lá deixara em

Hespanha, chamado de repente ao seu torrão natal. No Desterro contava-se o «caso» vagamente, mas ninguem ousava affirmal-o. . .

Comquanto mais calmo, o doente continuava ainda com uma febre alta. A moça e a mãe davam-lhe os remedios com exactidão, não se retirando um instante do camarote, situado no convez, n'um compartimento em frente á camara. D'ahi, por uma larga vigia de vidro, dando para ré, avistava-se todo o tombadilho.

Era a hora do meio dia. O capitão, junto á gaiúta, horisontava o sextante para a observação. Em baixo, na camara, o praticante, um rapaz de quinze annos mais ou menos, socado e rijo, mettido n'um jaquetão de flanela escura, espreitava o chronometro. Á meia tolda e pelas amuradas, passageiros conversavam, em grupos. O contra-mestre, ao pé da borda, assestava o oculo para leste, com os cotovelos erguidos. E marinheiros, com um ar repousado e sereno, cachimbavam, n'um falatorio, á sombra do traquete. O mar desdobrava-se em torno, manso e transparente, em vagalhões corridos, apenas levemente estriados de espuma. A barlavento, proximo, o sol cegava, em combustão d'ouro nas aguas. E lá ao longe, os pannos d'uma galera, seguindo para o norte, á bolina. . .

## IV

Durante tres dias, o navio correu á pôpa com tempo claro; mas na vespera á noite caíra um pampeiro, com rijas bategas d'agua, obrigando-o a amarar-se. Era uma quinta-feira de junho. O dia amanhecera enevoado, triste, carregado de aguaceiros. O brigue rolava, aos trancos, no mar muito cavado. Bordejava só em gaveas e velas de prôa, sem fazer caminho, porque as aguas corriam ao norte como uma bala.

N'aquella manhã, nem um passageiro na tolda, além do intrepido D. Oswaldo, negociante chileno de Valparaizo, acostumado á vida de bordo em constantes viagens de commercio e recreio a todos os pontos mais importantes da America e da Europa—que se arriscara até ao convez, enfiado em longa capa de borracha e grossas botas d'agua. D. Oswaldo era homem de trinta e cinco annos, baixo, trigueiro, os hombros largos, a barba cerrada, um politico terrivel, inimigo pessoal de Balmaceda, então declarado dictador. O seu *tic* era a politica e as mulheres. Primava pela educação, o cavalheirismo, a jovialidade. Odiava os reis, tinha uma paixão pela musica e adorava o Brazil, como todo o bom chileno. Solteiro, muito rico, dizia sempre que, a casar-se, fal-o-hia com uma « senõrta brasileira, por que eran las mas graciosas de la America ». Viajara todo o mundo, pos-

suia um espirito vivissimo e culto, esmaltado por impressões multicores e universaes. Tocava admiravelmente violino, e nas noites claras e suaves, na tolda, dava serenatas esplendidas. Cantava. De um genio affavel, indizivelmente alegre, expansivo, ruidoso como um bom latino, não deixava ninguem parar, a improvisar constantemente jogos, diversões de todo o genero. Isto o tornava, como em toda a parte, em geral, o encanto dos passageiros, que o não largavam, attrahidos n'uma grande sympathia, exigindo frequentemente recreações e festas, para quebrar a monotonia dolente de bordo.

Estava-se a 21 do mez. E como eram vespersas de S. João, D. Oswaldo planeara já uma pequena *matinée* ou concerto, que se realisaria em Buenos-Ayres, caso o Nielsen quizesse a'li arribar, como os passageiros pediam. Subira, por isso, muito cedo, apesar do mau tempo, para ver se conseguia o fim desejado. E falando ao capitão, expunha a necessidade de tocar-se n'aquelle porto, para arejar e desafadigarem-se da terrivel viagem, que fôra feita até áquella altura sob ventos contrarios.

— Depois era até hygienico, accrescentava, porque «alimpiavam-se» da funeriedade que a molestia do piloto lançara «a todos los recantos del buque». D. Carlos achava-se quasi restabelecido. A festa seria em sua honra, em honra áquelle que fôra o salvador de todos na tempestade, na viagem. Estava-se ao sul de

Santa Maria, em 36° 15', e puxava-se agora para terra. O que tinha, pois, uma demora de quatro ou seis dias «en la gran capital del Plata?...»

O Nielsen, que percorria o horizonte em volta, de oculo em punho, com o *sueste* carregado sobre a nuca, a larga roupa de oleado até aos pés, a escorrer sob as cordas d'agua açoiando em rajadas—respondia vagamente, preocupado com o tempo que ameaçava engrossar cada vez mais:

—Pois sim, veremos, D. Oswaldo.

O homem do governo, os encontros gigantes avolumados disfórmemente pela japona amarella impermeavel, dando-lhe um thorax de Titan, os pés nus no convez vergastado pela chuva, fazia girar, com esforços poderosos e rudes, a roda do leme, olhando attento á prôa.

De repente, o capitão gritou uma manobra. Então, ávante, marinheiros, toscos e anchos na roupa alcatroada, galgaram as enxarcias sob o aguaceiro. Lá em cima, n'um mastro, uma verga, com os amantilhos soltos, batia o panno já carregado. E fóra das amuradas, onde saltavam rôlos collossaes de espuma borrifando as velas, vagalhões, em cordilheiras, rolavam incessantes na vastidão do oceano.

## V

A 23, pela madrugada, o pampeiro amainou. O vento soprava ainda do quadrante do sul, mas sem intensidade, muito fino, cortante. O mar abonançava pouco a pouco; e as vagas dobravam, já meio lisas, sem rebentação. Eram sete horas da manhã, uma manhã radiante, de pleno sol, a bordo. O céu, no alto, estava de um azul fresco e lavado. Fazia intenso frio, em cima, no convez gelado durante a noite. Não havia um passageiro no tombadilho. Apenas os marinheiros, em vestes de lã e grossas botas, moviam-se para todos os lados, na faina da manobra.

N'esse instante, o Nielsen, á ré, junto ao homem do leme, mandava largar joanetes e sôbres, com uma voz volumosa e rouca, as mãos enterradas nos bolsos do espesso jaquetão de panno-piloto, a golla levantada, um gorro da Patagonia mettido até ás orelhas. Lá acima, quasi no galope dos mastareus em perenne oscillação, os moços, nos estribos em seio, curvos sobre as vergas — largavam; emquanto, em baixo, os marinheiros alavam braços.

O brigue corria agora com prôa de sudoeste, porque o Nielsen resolvera afinal arribar á Buenos-Ayres, a refrescar da viagem que de Santa Martha para o sul tinha sido uma lastima. O bravo embarcação jámais conhecera um inverno

tão feio, n'aquella costa. Depois que se encarcerara para o Pacifico — havia seis annos — era verdadeiramente a primeira vez que apanhava tamanhos temporaes, ventos sempre pela prôa, molestia a bordo, o diabo. Estava, pois, resolvido a vender o carregamento em Buenos-Ayres e tomar depois qualquer frete para o Chile, mesmo para descançar a companha, totalmente exhausta da trabalhosa viagem.

Havia mais de quinze dias que aquelles rudes homens robustos não dormiam nem comiam ■cegadoamente, em lucta continua com a borrasca. É verdade que o barometro subia indicando bom tempo d'alli por diante. Talvez, ainda podesse realisar a viagem perfeitamente, assim que o vento se chamasse de todo ao norte, e viesse a montar o cabo de Horn em principios de julho. . . Mas não devia expôr mais a maruja aos rigores e ás inconstancias d'aquelle inverno horroroso, que começara de assignalar se por vendavaes seguidos; mesmo porque, em similhantes paragens, com o barometro alto as tempestades cahiam ás vezes inopinadamente, subvertendo tudo!

— Não! não podia proseguir, concluir.

Por isso mandou largar panno aproveitando o vento. Achava-se então muito amarado, mas contava entrar em Buenos-Ayres no outro dia pela manhã.

O navio ia agora a um largo sobre as ondas alegres, esplendidamente malhadas de sol.

## VI

A mesa do almoço, n'esse dia de mar chão, como no principio da viagem, esteve cercada de passageiros numerosos. D. Oswaldo divertia a todos, muito feliz, na alegria da arribada. Dirigia-se constantemente, borbulhante de graça, ás irmãs Anna e Sophia Bauer, que estavam a seu lado — duas moças teuto-brazileiras, que haviam perdido o pae das febres, em S. Francisco, e que iam, com a mãe, para a companhia de um irmão, negociante no Chile. Delgadas e niveas, com os seus vestidos afogados de luto, silenciosas e puritanas, apenas sorrindo levemente, ás vezes, lembravam bem duas virgens de marfim, ou duas Imagens sagradas e mediévas, n'alguma igreja gothica da Germania. Uns allemães de Joinville, que eram levados a negocio ao Pacifico, e que durante o temporal não se tinham despegado um instante dos beliches — regavam largamente a refeição á cerveja, desferrando-se com bravura da abstinencia a que os condemnara o enjôo. Uma familia de S. Francisco, pela primeira vez vinha á mesa, muito satisfeita, rissonha e já mais rija com a proximidade de terra. O marido, a mulher e as filhas tinham um ar desfallecido, os labios brancos; mas os pequenos, dois rapazinhos — um de cinco, outro de sete annos — negruchos, enfezados, magri-

nhos, traquinavam pela camara, desde a sahida da barra.

O dr. Barroso, que ultimamente já não enjoava habituando-se ao mar, um medico que abandonara a clinica pela politica e o commercio, proprietario e socio de uma grande companhia industrial em Itajahy — parolava fluentemente, e com humorismo, a proposito de tudo, desmanchando-se em gestos, no seu cacoête de bahiano, a rir-se muito, com bellos dentes alvos, a bocca larga e rubra, em beiços grossos, africanos. Era muito calvo, a pelle marron-claro, os olhos a faiscarem, papudos e concupiscentes, sob os oculos d'ouro. Politico apaixonado, ex-deputado provincial em Santa Catharina, no tempo do Imperio, vivia em renhidas discussões sobre fórmias de governo com D. Oswaldo; e, em certas noites, ao chá, ño doce conforto da camara, tinha « pégas » medonhas com o chileno, relativamente á vida interna e administrativa das republicas sul americanas. Mas não se excedia jámais, sempre polido e gentil, sem vozeirão ou notas ásperas, como um perfeito *gentleman*. Dizia-se ainda monarchista, elogiando calorosamente o ex-imperador, chamando-o de magnanimo, illustre, sabio: « o primeiro monarcha do mundo, que as velhas nações da Europa veneravam! » No fundo, porém, sentia grande sympathy pela Republica, e se fallava era de certo modo por despeito, porquanto os republicanos historicos que estavam na direcção do Estado,

rodeavam-se de muitos dos adherentes da antiga politica local, entre os quaes alguns dos seus correligionarios e amigos, e o abandonavam acintosamente, deixando-o no ostracismo. Isto feria-o de maneira dolorosa, quasi intima, sobretudo agora que já estava « encarreirado » para as altas posições da politica, tendo occupado — não havia ainda um anno — o cargo de presidente da provincia, exercendo-o interinamente, durante dois mezes, como 1.º vice-presidente que fôra.

O dr. Barroso era uma verdadeira vocação para a musica, e, em menino, na Bahia, tocava tão bem clarineta que se tornara extraordinariamente querido nas rodas em familia, conquistando fama de « criança prodigio ». Foi por isso que o pae, um velho alfaiate tocador de violão, mas bem relacionado na melhor sociedade, e todo dado á politica, pensou a principio em o mandar ao Rio estudar musica, fazendo-o depois seguir para a Italia, a vêr se conseguia fazer d'elle « um Carlos Gomes bahiano », como dizia. Contava para tal com o auxilio de altos personagens seus amigos, e particularmente com um compadre, chefe conservador de prestigio da familia S. Lourenço, que lhe promettera arranjar uma pensão de D. Pedro II. Mas o pae morreu dentro em pouco, sem realisar a sua idéa, e o rapaz, depois de muitos incidentes, entrou a estudar medicina. Formou-se aos vinte e seis annos, n'uma penuria constante, e, após o falle-

cimento da mãe, deixou a Bahia, atirando-se para o sul, ao acaso, em busca de futuro. Fiquou-se então em Itajahy, uma pequena cidade sem medicos, na terra catharinense. Abriu consultorio e fez-se conhecido, obtendo, em poucos mezes, grandes sympathias e clinica. Casou rico. E, no segundo anno de domicilio alli, muito estimado e com um nome feito, começou a politicar. Tempos depois mettetu se no commercio; e alli ia agora de viagem para o Chile, aonde continuamente o levavam negocios.

Ondina, ainda com uma vaga melancolia nos olhos verdes e humidos de saxonia, resto das apprehensões em que andara o seu coração nas duas ultimas semanas, no mar alto, com a molestia do piloto — gorgeava alegremente junto aos paes, voltando-se de vez em quando, n'um esplendor de sorrisos, com uma grande elegancia de thorax, para o medico, que gracejava, galanteava a seu lado, chamando-a de Walkiria, Princeza do Norte, Visão dos Niebelung.

A uma das cabeceiras, o joven piloto, já com o aspecto mais rijo e bastante jovial, o rosto menos tostado pelo sol do tombadilho, cheio da radiação de um deus pagão, moço e vigoroso, contava vivamente, e com amplos gestos decisivos, a um dos filhos do Nielsen, o menino finava-se de riso, derreado nos seus braços, n'uma infinita expansão, todo carminado por um rico sangue de seis annos, sangue de

fortes raças heroicas, que os ventos salitrosos do mar purificavam e temperavam, tonificando-o com iôdo e fios de luz dourada. Ao lado, as irmanzinhas mais novas, vestidas de flanela es-carlate, rosadas e louras como *babies* inglezas, eram servidas paternalmente por um dos alle-mães mais idosos, cujos olhos, claros e peque-nos, na face oleosa e prospera, vertendo sangue, tinham uma expressão enternecida, trabalhados pela cerveja. Á outra cabeceira, o capitão, o ar athletico e repousado de leão intemerato, pal-rava interessadamente, com outros allemães, so-bre as Republicas do Prata.

O almoço terminou ás onze horas, no meio da calma relativa do oceano; e como os passa-geiros, muito bem dispostos e n'um grande bom-humor, rompessem a pedir musica, para se festejar a arribada, D. Oswaldo correu á *cabine*, em busca do violino, seguindo-o o dr. Barroso, n'um alvoroço. D'ahi a instantes voltaram am-bos, subindo a escada apressadamente, ás risa-das, porque a rabeca de D. Oswaldo, com o alacre estouvamento d'elle, batera em baixo contra uma das columnas, quasi despedaçando a caixa.

Todos os aguardavam com interesse, as mo-ças como os homens, collocados em volta do piano, nos bancos de velludo das mesas ou nos sophás das amuraçadas.

Ondina sentou-se então á banquinha, abriu a tampa do teclado e, erguendo a pequenina

estante de sarrafinhos cruzados e pregados a taxas douradas, pôz-se a accommodar a musica que tirara de sobre o armario, acamando-a com os seus dedos claros onde um rubim faiscava.

A esse tempo o dr. Barroso e o outro, de pé a um lado, afinavam os instrumentos, em sons leves de clarineta e em curtos *pizzicatos*.

E d'ahi a-momentos começava o concerto, com a linda walsa de Metra — *A Vaga*.

## VII

N'essa tarde extremamente limpida e dourada, navios de toda a ordem cruzavam, entrando e sahindo o estuario do Prata. Eram *steamers* collossaes, inglezes, allemães, italianos e francezes, indo para todos os rumos com grossos pennachos de fumaça perdendo-se pela pôpa fôra: pequenos paquetes da linha costeira do Brazil: hiates, brigues, lugars e galeras, de todas as nações do orbe, coalhando os mares d'ouro da América Austral, com as largas velas alvas.

Nas amuradas, á ré, os passageiros de bordo, debruçados, viam passar a frota cosmopolita, representando grande numero de paizes, sobre o oceano sem raias. E esse espectaculo admiravel de marinha universal, foi um entretenimento para todos, que olhavam satisfeitamente a multidão immensa d'aquelles cascos cheios

de vida, a percorrerem familiarmente o mundo, n'um mando soberano nos mares, como outr'ora, em visita ás suas terras, faziam os senhores feudaes.

Ao cerrar-se a noite, quando chegavam as primeiras estrellas, muito accesas e rutilas no céo invernal, manchas claras moviam-se ainda vagamente, aqui e alli, sobre as ondas escuras, como um bando phantastico de albatrozes brancos vogando incerto nas aguas. O vento estava pelo nordeste. Em todo o convez resfriava-se.

Os passageiros principiaram a descer pouco a pouco, com as carnes vergastadas dentro dos sobretudos de inverno; e só D. Oswaldo, muito agazalhado n'um grosso casacão de pelles de Alaska, ficara a passear na tolda, pelo lado de bombordo, para « mirar » os altos pharoes, que já se avistavam na costa, ao sul, piscando as grandes palpebras luminosas, jorrando clarões astraes e pondo faixas d'ouro nas vagas.

Ondina tambem, como toda a moça de origem norte-européa, não se abalava com o frio, sentada sobre a meia-laranja envôlta n'uma peliça da Russia, forrada com arminhos da raposa polar, manto luxuoso e carissimo, presente régio do pae. Junto d'ella, o moço piloto, que entrara de quarto, narrava-lhe interessantes historias de viagens, á claridade verde do pharol de boreste, preso á enxarcia na borda. Pela tolda uma vaga melancolia errava, penetrando os corações.

À prôa, alguns marinheiros, com a vida carregada de nostalgia, cantavam ao som dolente de uma guitarra, que se fundia tristemente ao gemer do vento na cordoalha. Era uma velha canção que dizia, n'um rythmo monotono e cançado, a tormentosa vida do homem do mar; e tudo findava n'ella, trabalhos e dôres, amarguras e saudades, tendo como recompensa suprema os braços adoraveis da mulher :

E os marujos em seus lares,  
Abraçando as mães e esposas,  
Não se lembram mais dos ventos  
Nem das ondas tormentosas.

O norte aguentava-se fresco e o brigue, com a sua marcha de oito milhas e meia, despejava caminho, penetrando o immenso estuario.

O rapaz e a moça, muito achegados, em confidencias intimas, ouviam distinctamente as vozes saudosas e apaixonadas dos marinheiros passarem no ar sentimentalmente, em notas grossas e asperas, desprendendo-se de gargantas masculas. E ambos entreolhavam-se, enlevados.

A oeste, um clarão frio, esmaiado como uma faixa de luz electrica, vinha lentamente surgindo da linha negra do horisonte: e, de repente, a lua, subindo da muralha á *fusain* de nuvens, accumuladas sobre o littoral, mostrou parte do discô além, branco e fulgurante como um zim-

borio de gelo. Subitas claridades lacteas envolveram tudo, banhando o convez, as velas brancas, os mastros. Riscava, agora, extensamente a superficie escura das ondas, uma galaxia de crystal, vindo quebrar-se, em luminosos *plissés* de nickel, d'encontro ao bojo do costado. Embarcações fugiam, ao longe, saudosamente, com os pannos muito caiados ao luar. Pesava um vasto silencio melancolico de mar e céo, apenas cortado pelo ranger monotono das vergas e o siflar continuo e vago do vento.

## VIII

Ao deixar o quarto, n'essa noite, o Carlos Valle estava muito pensativo. Durante as longas horas passadas com a Ondina, n'um enlçamento traspasado de voluptuosidade e desejos, revelara-lhe uma paixão que verdadeiramente não experimentava, e, n'uma arrebatção, chegara mesmo a lhe prometter casamento. A moça ficara logo n'um contentamento, n'uma palpitação, com uma onda de sangue na face; e, pela primeira vez, alli mesmo na tolda, junto ao homem do leme, n'um enlevo e n'uma ingenuidade, cobriu-lhe o rosto de beijos. Elle lh'os retribuiu docemente, com uma flamma viva nos olhos. Ao descerem ao tombadilho, oscularam-se ainda uma vez. Depois, á porta da camara, ao despedir-se ella agarrou-lhe as mãos com

ternura, dizendo-lhe segredosamente, a voz nervosa, hesitante :

— Então, você me peça, Carlos      Você me peça amanhã, sim?.

E desapareceu, com um leve rumor, na escassa iluminação da camara, totalmente deserta áquella hora avançada da noite.

O rapaz voltou ao catavento, a esperar o Nielsen que o tinha de render: paraça um instante na borda, reflectindo mudamente no compromisso em que cahira, n'um d'esses accessos de embevecimento e volupia tão communs no marítimo. E perplexo, as idéas meio baralhadas sob a responsabilidade tomada, deixava os seus olhos vagarem indifferentemente pela natureza em torno.

O disco amplo do mar mostrava-se agora, grandioso e feerico, onde cordões faiscantes se abriam na rebentação espumosa. O vento, que ia escasseando para a madrugada, punha nos cabos e nos mastros, um som doce de casuarina. No alto, o luar de inverno, muito limpido, de cal.

Carlos então, apoiado á amurada entrou a contemplar tristemente a luz argentea da lua e á larga superficie do monstro, barreade de *malines* de prata. Uma saudade scismadora e vaga, como a claridade que o envolvia, penetrava o seu espirito e o seu coração de um sopro frio, que, á maneira da brisa sacudindo as folhas secas, despertava-lhe as recordações.

E a idéa muito viva d'aquella que verdadeiramente amava, e que lá estava em Hespanha á espera d'elle, torturava-o, ferindo-o em pleno peito. A imaginação reproduzia-lhe nitidamente todo o seu viver dos ultimos tempos em Barcelona, nos amplos vagares da Escola Nautica, e as deliciosas semanas passadas no *pueblo* de Caldetas, em casa do velho Maristany, junto á Dolôres, flôr de belleza e de graça, dourada pelo sol da Catalunha. Era uma limpida, adoravel creatura essa menina, desabrochando nos seus quinze annos primaveris: morena, de um moreno doce e peninsular, fascinava pelos olhos negros a arderem, com toda a claridade solar da Iberia, sob os longos cilios de velludo; os labios deliciosamente talhados, frescos e humidos como a pôlpa dos morangos; cabellos pretos, reluzentes, derramando-se pelo dorso e fluindo em bastos crespos sobre a fronte pura de virgem; o collo turgido, alto, forte, admiravel, de onde sahiam os seios, arredondando-se sob o corpete como dois fructos capitosos. Tinha um perfil original e artistico e descendia, pela mãe, velha formosura de remontada origem aragoneza, de priscas estirpes fidalgas. Medrada á beira d'agua, n'uma linda enseada, um ninho littoral, feliz e cheio de verdura, onde o Mediterraneo adormece, azul e placido, junto á areia branca das praias, experimentava uma nervosa, singular affeição pelo mar. Amava os navios, arrebatava-a a fascinação das viagens; e a

sua cabecinha inquieta de castellã medieval, fantasiava uma constante habitação a bordo, no oceano, em meio de todas as sensações, n'uma vida singular e desigual. Em criança percorrera com os paes varios paizes da Europa e d'Asia, estivera na Havana e nas Philippinas. Mas fôra isso aos dez annos, e nada a bem dizer gozara. Depois o velho D. Juan Maristany, antigo capitão e armador de navios, procurara o interior, a Nova-Castella, onde se fixara para a educar e ao irmão, que estudava em Madrid. E cinco annos depois, de novo se installara na sua bella propriedade de Caldetas, onde Dolôres entrara a sentir com vehemencia o indomito amor do mar. Alli um unico desejo intumescia o peito phantasiOSO da catalã, e era poder unir um dia o seu destino ao de um maritimo. Fôra assim que se apaixonara por Carlos, na doçura e na intimidade de uma longa convivencia, recusando a mão de um nobre guipuscoano, original rapaz, celebre pelos seus oitó duellos complicadissimos, sua elegancia de *sportman*, e suas façanhas de caçador de ursos nos Altos-Pyrineos. Carlos correspondera desde logo, e com igual impulso, á paixão de Dolôres, não se tirando jámais de ao pé d'ella, em casa, nos theatros e nos clubs. Era como se fossem noivos. Os paes, apesar de filha unica, exclusivo objecto de todo o seu affecto, de toda a sua ternura e adoração, em tudo consentiam, por estimarem profundamente o rapaz, a quem tratavam como

filho. Depois desejavam mesmo que se viessem a casar.

Um dia, no ultimo anno dos estudos de Carlos, D. Juan Maristany e a esposa, deixaram-nos ir sós á Mallorca, a uma festa em casa de um parente chegado. A viagem era quasi de um dia, e partiram por uma madrugada d'ouro, trefegos e venturosos, no encanto de junho em toda a Hespanha oriental, á maneira de dois noivos felizes que vão gozar longe o seu noivado. Voltaram na outra semana, n'uma tarde cinzeira em que sobreviera um temporal ao largo. Tiveram logo de abandonar a tolda, que o mar inundava quando os vagalhões batiam de travez, para se irem refugiar no camarote, onde ella, n'um temor, e nervosa como uma criança, estivera a noite inteira agarrada a elle, a chorar. Só desembarcaram no outro dia, pela manhã, porquanto o vapor custara muito a romper o mar, atrazando a viagem. Saltaram alegres, recordando a travessia excelente da ida, com o Mediterraneo em bonança; os horrores da volta, sobre as grandes vagas; a semana irrequíeta e esplendida das festas em Palma; a pequena excursão a certos pontos da ilha, como Martacor, Santa Maria e Inca, a aldeia dos montes; e o *pic-nic* á Cabrêra, em meio ás rochas escalvadas, depois da pittoresca visita ás ruinas dos templos phenicios de As-tarte e de Baal-Moloch.

D'ahi por diante, Dolôres mostrara-se ainda

mais louca por elle. E ao concluir o curso de nautica, já esquecido da terra natal, com uma lembrança quasi extincta da Ondina e da capital catharinense, para onde deixara de escrever logo após os primeiros seis mezes de ausencia — nem pensava mais em sahir da Hespanha, quando foi surprehendido, como por uma pancada subita, por um telegramma do pae, participando-lhe a morte da mãe e chamando-o á pressa ao Brazil. Ante o despacho lutuoso, ficou a principio atordoado, a duvidar da verdade; mas, virando e revirando o papel entre as mãos, e relendo-o com calma, convenceu-se afinal e prorompeu n'um pranto.

Dolôres, junto d'elle, arrebatou-lhe o telegramma, e, muito afflicta, foi cahir desfallecida sobre um pequeno divan. Maristany e a esposa acudiram immediatamente, a saber o que fôra. Carlos narrou-lhes tudo, e recolheu-se ao seu quarto, a pensar na partida, tão cruel n'esse instante para o seu coração. Dias depois, abandonava Caldetas, tomando passagem n'um paquete costeiro para Barcelona. Foi n'uma quinta-feira de dezembro — e no outro dia, pela tarde, já se achava installado na primeira classe d'um *steamer* da linha de Marselha, o *L'Amérique du Sud*. Durante os primeiros dias, viveu a bordo isolado de toda a alegre e ruidosa camaradagem, segregado de tudo, n'um recanto deserto da tolda, a olhar, cheio de dolorosas saudades, a amplidão do oceano e o lado luminoso do céu

por onde se afundara a Hespanha. A Dolòres fôra o seu primeiro amor de homem! Estimara, amara mesmo a Ondina, mas como se ama uma irmã, quasi com um d'esses amores fraternaes, sem violencia e suaves, da puericia, e que um dia desaparecem sem se saber como, com o crescimento e os annos. Mas a outra, não! amara a profundamente, virilmente, como um leão.

E com o espirito abatido, esmagado ao peso das recordações, Carlos sentia se tomado d'uma grande angustia, como na tarde em que deixara a Hespanha. Agora, sob a oppressora promessa que vinha de fazer a Ondina, é que a Dòlòres, já como que perdida para a sua affeição, lhe apparecia n'um ideal esplendor de belleza, aureolada pela nostalgia e a distancia. De resto, o que mais o torturava era a certeza do « estado em que a deixara » ao partir. E seu peito abria-se, sob esse pensamento cruel, como atravessado por um gume algido. Lembrava-se de ter recebido a bordo, ainda em Barcelona, uma carta d'ella, tão cheia de fé ingenua e da esperanza de que elle voltasse, que ficara desalentado. Esmiuçava tudo com um dolorimento agridoce, soffrendo e gozando, enterrado n'aquellas faltas que o laceravam como espinhos agudos. Recordava-se de tudo muito bem: dos terrores d'ella ao sentir-se quasi mãe, das phrases confusas e loucas com que lhe communicara esse facto, chorando, conhecendo-se deshonorada, cheia

de soffrimento e vergonha. Era horrivel, Santo Deus!..

Mas o capitão surgiu de repente no tombadilho, fallando-lhe com a voz ainda rouca do somno:

— Então, alguma novidade? Quantas milhas andamos?

O Carlos Valle aproximou-se e, depois de informal-o minuciosamente sobre as ultimas quatro horas de marcha, mettu-se no camarim. Ahi, quasi sem se despir, atirou-se ao beliche, exausto e n'um grande desanimo.

## IX

D'ahi a dois dias, n'um alvorecer nublado, entrava-se em Buenos-Ayres. Os passageiros, alegres, correram acima ao convez ainda alagado da baldeação. O dia, pardacento, gelava. Sobre as aguas, cascos altos fluctuavam, em manchas negras informes, envoltos na bruma invernal, a cordoalha esbatida, apparecendo em trechos vagos no ar empastado, como uma immensa têa de aranha rasgada. A cidade estava toda velada: aqui e alli, muito longe, se desenhava uma torre, a fachada d'um palacio.

À prôa do brigue, havia um grande movimento, na faina da amarração. O Nielsen dava ordens n'um vozeirão, preocupado com os navios em roda, emquanto o piloto mandava safar

o ferro, as amarras. De repente, houve um rolar sonoro d'éllos e um forte mergulho n'agua. Fundeava-se.

Os marinheiros acudiram em seguida á meianau, a largar o bote pequeno, que estava dentro da lancha, sobre as escotilhas. Cabos de laborar rojavam agora pelo convez, n'um safa-safa terrível; e o esguio escalor, guindado ás talhas dos turcos, então torcidos para dentro, foi, em rápida reviravolta, lançado fóra, no mar. E logo, um moço desceu a botar o tapete, calar as forquetas e desengatar os cadernaes.

A visita, porém, demorava.

Pelas nove horas o sol jorrou, louro e quente, rompendo o manto brumal: e subitamente, a New-York do Sul, a grande capital do Prata, o coração da Argentina, desvendava-se a todos, clara e plana, de marmore. No vasto ancoradouro, como em todos os diques, navios de vela, *steamers*, pequenas goletas e rebocadores, em agglomeração extraordinaria, destacavam, no céu nitido e azul, as grossas chaminés e altas cruces dos mastros.

Os passageiros, em alegre algazarra, olhavam a terra e os barcos, debruçados da borda. Mais á ré, a Ondina conversava risonhamente com o Carlos, sentados ambos á gaiúta. E D. Oswaldo, ao portaló, fallava entusiasticamente com o dr. Barroso sobre o Brazil e seus immensos Estados, aos quaes augurava um futuro admiravel em toda a America Meridional,

comparando a capital brasileira á capital do Prata, e collocando a primeira em grau maior de adiantamento e superioridade. O bahiano, sorrindo com os seus dentes alvos, arregaçando-lhe a face larga e obesa, roseada pelo frio, satisfeito com aquella arribada que lhe permittia ir passar deliciosos dias em terra — retorquia-lhe jovialmente, muito fraternal, com a sua voz ciosa e cheia de ss.

Os allemães de Joinville, altos e espadaúdos nos grossos *bismarcks* de panno claro, a golla erguida, tomavam seguidamente cognac, á amurada, de pé. As irmãs Bauer, finas como duas galgas, alvas e louras na alpaca negra das vestes, formavam com a mãe, mais á pôpa, um grupo triste e discreto. Sentada em linha n'um banco, junto á meia-laranja, a familia de S. Francisco, amarella e fraca, tremia enrolada nos chales desbotados de lã: o pae, ao lado, o rosto chupado, o cavaignac maltratado da viagem, tinha um olhar de desalento, puxando continuos escarros: as crianças, magrinhas, e vivas, esvoaçavam por toda a tolda, a trinhar como andorinhas. A mulher do Nielsen, aos balaustres, muito rosada e com as mãos erguidas á altura dos olhos, binoculisava a cidade: o filho, forte e intrepido, como um Hercules infante, brincava com o terra-nova, procurando firmar as grossas patas pelludas do cão no alto corrimão da borda, gritando-lhe:

— Eh! *Golfinho!* Hip!

Marinheiros, á prôa, estendiam roupa em cima do castello e nos patarrazes do beque.

A visita chegou, quando todos iam já a descer para o almoço.

Então o chileno, o dr. Barroso e os allemães, não querendo esperar mais, mandaram atracar o bote de bordo que estava a largar, pois desesperavam por um largo repasto em terra para se desferrarem opiparamente dos vinte e oito dias de «salame» no mar. Mas antes de pôr o pé no escaler, D. Oswaldo foi até á camara lembrar ao capitão que estavam a 24 de junho, dia de S. João, e que, conforme se combinara lá fóra, arranjaria á noite um pequeno concerto. Prometteu voltar pela tarde, com alguns amigos e familias conhecidas, e correu a todos com gentileza, risonho e serviçal, offerecendo-se para «lo que quizessem de tierra.» O dr. Barroso acompanhava-o nos offerecimentos, como um bom camarada. Os allemães, hirtos e seccos, indifferentes ás amabilidades latinas, egoistas e duros como homens de negocios, que eram, já haviam embarcado sem se despedirem. Os dois desceram então apressados, voltando-se ainda para a porta da camara, as mãos erguidas em adeuses, por entre repetidos «até logo!»

## X

Desde a tarde que o Nielsen e a mulher andavam n'um regosijo, porque o Carlos, ao jantar, pedira a mão da filha. O rapaz, suplantando o coração, n'um momento difficil fôra «ôbrigado» áquelle passo, pois a moça narrara á mãe tudo o que entre ambos occorrera na vespera á noite, na tolda. Depois, pela manhã, na rapida palestra intima que os dois costumavam ter na camara, ella declarou-lhe isso mesmo n'uma ingenuidade de virgem, e, tomada de um **enternecimento**, a voz supplice, rogara-lhe que a «pedisse» aos paes n'esse dia:

— Você me peça, Carlos, eu já não posso mais! Desejo ser tua, viver contigo para sempre. . .

Tinha sido uma «entaladela», da qual se não pudera livrar, pois «já dera a sua palavra», **impromettendo-se** inopinadamente, n'um momento de intimidade e ternura em que não soubera ser «forte».

— Fôra talvez uma cilada — pensava dirigindo a limpeza do navio — aquella noite em que os haviam deixado longas horas a sós! Mas o que fazer depois do que succedera? Não podia voltar atraz, o passo estava dado! Agora era aguentar, resignar-se, soffrer.

E sentia um grande aborrecimento contra si mesmo, contra o Nielsen, a familia e o proprio

navio, repugnando-lhe de certo modo a festa que se ia realizar. Toda a tarde andou arredio da camara, esgueirando-se da noiva, a pretexto de occupações, da direcção do serviço. Mas o seu pensamento vagava longe, muito longe, na Hespanha.

À noitinha, D. Oswaldo e o dr. Barroso voltaram n'uma lancha a vapor, acompanhados de alguns amigos, de distinctas matronas, e d'um rancho alegre de moças. Havia a bordo uma profusa illuminação, vendo-se ao longe pelos discos luminosos das vigias no casco. Um pharolete ardia a meio mastro grande, cobrindo de larga claridade os portalós e todo o tombadilho.

Ao avistarem a lancha, já muito perto, o capitão e o piloto acudiram á escada, onde todos se gruparam em seguida, prorompendo em exclamações de boa-acolhida aos que chegavam. Ergueu-se após um forte ruido de atracação. Dialogos cruzavam-se da lancha para o brigue. A escada tremia, em grandes esbarradas e baques. Croques tacteavam o costado, nos altos, com grandes bicadas de ferro. Á prôa da lancha, marinheiros gritavam, altercavam, perturbados pela escuridão que lhes roubava a pericia.

O Carlos desceu logo ao patamar de baixo, a dar a mão ás damas que saltavam, emquanto o Nielsen as conduzia pela escada até ao portaló, onde se agglomeravam a familia e todos os

Passageiros. Ahi agora era um reboiço, uma algazarra de pessoas em festa, por entre abraços e beijos, e apertos de mão innumeraveis. E logo os convidados se dirigiram para a camara, resplandecendo magnificamente pelos seus espelhos, pelos seus metaes muito limpos.

Entre as familias argentinas vinha um insigne rabequista brasileiro, Alberto de Lemos, em concertos pelo Prata n'aquella occasião, sob um rumor de triumphos que começara na Europa. O illustre artista fôra apanhado casualmente em terra por D. Oswaldo, com quem se relacionara intimamente em Paris, havia quatro annos, e viera até a bordo porque o Chileno não o largara mais, após os primeiros abraços trocados. Empolgara-o com a sua doce, excelente camaradagem, os seus modcs bohemios e artisticos, e, depois de um abundante jantar á Champagne, n'um restaurante celebre, convidou-o para a festa. Immediatamente despachou um proprio ao hotel a buscar o violino do maestro, e, sem attender a escusas, conduziu-o para o caes, obrigando-o a embarcar.

Toda a camara do brigue estava lindamente ornamentada: o navio não parecia ter chegado de viagem. Por toda a parte um reluzir de luzes que punha pontos diamantinos pelos crystaes dos *glass rak's*. Tapetes alastravam, em grandes pannos, o chão de oleado a ramagens. As anteparas faziam resaltar os frisos e arabescos dourados á claridade profusa; e os espelhos de In-

glaterra, reflectindo e espaçando tudo, lembravam o esplendor, o asseio e o luxo de um salão de 1.<sup>a</sup> classe, n'um *steamer* das *Messageries*.

Os convidados accommodados nos sofás de velludo, examinavam detidamente toda aquella camara sumptuosa de navio de vela, e indagavam a origem de semelhante luxo n'um barco de carga, porque em tudo aquillo havia de certo uma historia curiosa. O piloto gentilmente explicava que o brigue tinha sido *paquete* na carreira da Australia e pertencera outr'ora a um lord. Esse homem, uma das maiores fortunas de Inglaterra, e antigo official de marinha, uma occasião, tivera de ir com a familia a Sydney visitar uma filha, e escolhera aquella embarcação para a viagem, porque era a melhor d'entre a immensa frota que possuia, sendo ainda raros, então, os navios a vapor. Mandara para isso ampliar-lhe toda a camara, dando-lhe uma accommodação e ornamentação de *steamer*. Ali a bordo, ha annos, ao entrar o brigue o Tamisa, de volta da Oceania, dera-se uma *soirée* maritima que ficara memoravel. O *Times* trouxera da festa descripção minuciosa.

Mas todos abandonaram bem depressa a historia do navio para dar attenção a D. Oswaldo, que, com extrema distincção e jovialidade, os braços no ar, agitando se e fazendo *grimaces*, contava delicadas e interessantissimas aneddotas, no meio das moças argentinas que soltavam sonoras risadas. Ondina era quem mais fallava e

ria no grupo adoravel, a pedir ao Chileno a repetição da *Subida ao S. Gothardo*. Era a historia engraçadissima d'um inglez excentrico, que se despenhara d'um cabeço de gelo, no cume da montanha, após mil peripecias gruttescas. D. Oswaldo narrava-a admiravelmente, dando uma hilaridade absoluta. O maestro, o commandante, as moças argentinas e os demais passageiros, sentados em volta, junto ás mezas, não continham as gargalhadas, todos curvos, os rostos rosados, os hombros a tremerem nas sacudidelas do riso.

Mas D. Oswaldo cessara para dar logar ao maestro.

E, momentos depois, pelas dez horas, o concerto começava com a nostalgica composição — *As Palmeiras*. Era uma phantasia sentimental de Alberto de Lemos, que fez despertar, nos de bordo, uma saudade do Brazil. Os Argentinos, rapazes e moças, gostaram muito, applaudindo ruidosamente, com o grande desejo que tinham de conhecer o paiz do maestro. Ao mesmo tempo, á prôa, no castello, os marinheiros cantavam sob os toldos, ao som gemente da harmonica, enquanto por cima, no alto azul do Espaço, a noite resplandecia, salpicada de estrellas.

Em seguida á bella composição de Alberto de Lemos, D. Oswaldo e o dr. Barroso executaram brilhantemente a *Primavera* de Mendelsohn, e, logo após, a *Phantaisie Hongroise*, de Liszt. Todos bateram prolongadas palmas.

Fez-se uma pausa. A conversação, os ditos, as graças, as risadas voltaram, mais vibrantes. Licôres e dôces circulavam.

Mas, a pedido do Chileno, duas moças argentinas, fortes, bellas, graciosas, de pestanudos olhos negros, com uma doçura e um timbre ideal de voz, cantaram, em duetto, uma habanera langurosa, d'um rythmo balançado e do-lente, que fizera época em Buenos-Ayres havia mezes. Intitulava-se *Fuego del corazon* e fôra escripta pela filha d'um general, verdadeira belleza porteña, celebre pelo fulgor dos olhos pretos e os modos dodivanos, que a levaram a abalar, um dia, da casa paterna com um alferes de cavallaria. A musica dizia bem, n'uma melodia arrastada e languida, a anciedade e os desejos d'um coração cheio de amor.

Houve uma grande salva de palmas. As moças, córadas, sorrindo, agradeciam, olhando em redor, com um aereo mover de cabeça: — «Gracias!. Gracias!. »

Ondina cantou então um magnifico trecho do *Guarany*; e Alberto de Lemos, a pedido de todos, começou a tocar *Le Papillon*.

O arco correu sobre as cordas — e um som limpido desprendeuse, alegre e vivido como um trinar de passaros n'um alvorecer estival; e, por entre ondas de melodia que se evolavam do instrumento a cantar, tangido pelos dedos artisticos n'uma execução extraordinaria, todos evocavam, no espirito, a larga visão luminosa

de uma manhã tropical no campo, em que borboletas esvoaçam, um sol d'ouro fuzila.

—Lindo! muito lindo! exclamavam arrebatados.

D. Oswaldo e o dr. Barroso correram logo a abraçar o maestro.

Seguiram-se então as danças, que duraram até á madrugada, hora em que os convidados entraram a retirar levados nas embarcações de bordo. D. Oswaldo, gentilmente, escoltou-os até ao caes.

E assim, graças ás qualidades e ao genio communicativo e alegre do cavalleiro chileno, que tão bem representava ali a sua patria — a celebre noite tradicional se passou festivamente e na mais pura cordialidade, a bordo do brigue catharinense, fraternizando, n'uma mesma expansão affectiva, o coração chileno com o coração dos brasileiros e dos filhos do Prata.

## XI

Na manhã seguinte, as principaes folhas argentinas, trouxeram, redigidas clandestinamente por D. Oswaldo, longas noticias sobre a festa, com referencias lisongeiras ao Brazil e ao povo de sua capital.

O brigue, comquanto já bastante conhecido ali de outras entradas, tornou a ser muito visitado por curiosos de toda a especie e por offl-

ciaes de marinha de alguns vasos de guerra estrangeiros surtos no porto. O Nielsen, muito solícito e *gentleman*, recebia alegremente os visitantes, acompanhando-os por todo o navio, mostrando-lhes tudo circunstanciadamente e offerecendo-lhes depois cerveja na camara.

Mas, decorridas semanas, no tombadilho deserto havia como uma saudade: a ausencia da animação que ali reinara, em horas felizes, durante a viagem e nos primeiros dias da chegada.

A familia do Nielsen desembarcara, para gosar um pouco de outras commodidades e libertar-se das estreitezas de bordo, ávida já de passeios em terra, com uma nostalgia das casas, dos animaes e das paisagens. Hospedara-a em seu lar um amigo de infancia do Nielsen, o Ireneu, antigo embarcadiço, que adquirira a principio « alguma cousa », como pratico dos transportes e couraçados que iam para o Paraguay, pela guerra, vindo depois a enriquecer com a grande fazenda de criação que estabelecera nas proximidades da grande capital argentina.

A mãe Bauer e as filhas tinham saltado com uma familia allemã conhecida que as fôra buscar a bordo; os outros, pouco a pouco tambem, desertaram. Só a gente de S. Francisco, desprovida de recursos e sem conhecimentos na cidade, permanecia no brigue, aguardando, n'uma espera pacífica, a continuação da viagem. Estava agora animada, e todos mostravam uma physio-

nomia restaurada, risonha e saudavel, fóra da perturbação do mar alto. O velho, o coração chupado, já conversava e ria, fallando da herança do filho, que morrera em Santiago, onde deixara propriedades, valores e uma casa commercial, de que se ia empossar dentro em breve. Os negociantes allemães, desesperados com a demora, tomaram o primeiro vapor que passou para o Pacifico.

D. Oswaldo, esse triumphava, rejubilava-se, porque viajava por gosto, apreciando, com um requinte *fin de siècle*, as viagens lentas e imponentes que fazem rolar, longos dias, no mar. A sua phantasia de hespanhol, amante de perigos e cheia de singularidades, desagradava muitas vezes a precisão mathematica da derrota dos *steamers*, que, á sahida de um porto, dão logo o dia e hora da chegada áquelle para onde se dirigem, quebrando assim o encanto de viajar-se na incerteza de quando a terra se ha de mostrar, de repente, á prôa. A viagem a vapor servia-lhe só para urgencias commerciaes, realisação de negocios. Adorava o navio á vela, no seu grande *tic* phantasia de amor á vida do mar.

O dr. Barroso, como houvesse resolvido levar pelo sul todo o resto do anno n'aquella excursão de recreio e commercio não se lhe dava igualmente com a demora, mesmo porque lhe era de utilidade passar ali um mez, para tentar algumas operações na Bolsa. Buenos-Ayres andava babylonica e feerica por aquelle anverno.

O jogo da Praça dava milhões. A Republica festinava as nãos de Juarez Celman, n'uma ruidosa alegria de kermesse, e expandia-se vigorosamente, exhibindo-se a capital platense com um electrico esplendor de Paris, attrahindo a attenção, a cobiça da Europa e do mundo. Rios de opulencia e d'ouro crusavam, por toda a parte, o solo, ostentando os thesouros inesgotaveis da Argentina.

O Carlos Valle, desolado a bordo, na ausencia dos alegres passageiros, quando a familia de S. Francisco se recolhia ao canarote corrida pelo vento gelido das tardes, ficava sosinho á pôpa, tomado de uma grande nostalgia. Á balaustrada de boreste, com o olhar pensativo, mirava elle agora descuidosamente o panno de um lúgar hespanhol, que sahia muito carregado. Assestando o binoculo ao costado, pôde colher-lhe o nome, gravado a letras brancas na borda — *Amistad*.

— O *Amistad!* fez então intimamente, n'uma recordação, a sorrir emocionado.

Conhecia o navio. Era de Masnau, da propriedade e do commando do excellente velhote o capitão Pagés, com quem se déra em Cuba na sua primeira viagem. E vivamente surgiam-lhe no espirito, inolvidaveis, as lindas noites de luar a bordo, em Havana, quando na tolda do *Amistad* se reuniam os capitães de todos os navios catalães, ali a carregar. D. Francisco Pagés cantava então uma serie de picantes, engraça-

dissimos *couplets* á guitarra. Que saudade, santo Deus!

Retirou-se da borda ainda mais triste, e entrou no camarim. Ahi, estirado sobre o beliche, immerso em suaves recordações da sua vida passada, revendo pela imaginação pedaços da Hespanha adorada, avistava ainda pela vigia, ao longe, as velas brancas do lúgar cortando a vaga azulada . .

## XII

Dias depois, vendido o carregamento, o brigue começou a descarga. Vieram então essas longas semanas de trabalho a bordo, em que os braços se movem de manhã á noite, como os guinchos de carga. Abertas as escotilhas, o carregamento nascia do porão e escoava-se para os grandes saveiros atracados ao costado.

O Carlos Valle, agora, passava os dias occupado a notar os volumes no seu *carnet* de piloto, na fórma universal, rude e primitiva da talha — quatro riscos verticaes, cortados obliquamente por um transversal, abrangendo os traços de um extremo a outro, e similhante a um X mutilado. O Nielsen vinha diariamente ao navio, mas não se demorava, quasi absorvido pelos negocios. O rapaz, na grande faina, só tinha ido duas vezes á terra. A sua vida era o trabalho e, nas horas vagas, palrar um pouco na tolda com

uma das filhas da familia de S. Francisco, a mais nova, uma menina de um rosto meigo, moreno, os olhos negros, ineffaveis. Com ella entretinha-se elle longas horas, ás vezes; ao passo que outras, quando não se lhe deparava esse encanto, levava n'um aborrecimento, a scismar, até que um poeta admiravel vinha ferir-lhe a abstracção, barrando as aguas de nacar. Ao anoitecer, quando o frio, muito afiado, se tornava insupportavel no tombadillo, fechava-se no camarote. E longo tempo, amollecido e nostalgico na quentura do beliche, o seu pensamento trabalhava, trabalhava. Eram sempre lembranças da Hespanha, em cujo fundo nebuloso passava e perpassava infinitamente a imagem de Dolôres, n'um abandono e n'um isolamento, como uma Senhora da Soledade que elle vira, uma vez, n'uma igreja em Madrid. Quanto não soffreria a Dolôres, coitada!

Erguia-se então, remechia as malas nervosamente, e abrindo o rico cofre de sandalo chapeado d'ouro, que a moça lhe dera um dia, pelos seus annos, tirava uma linda photographia que ella lhe enviara de Carthagená. E, demoradamente, virava e revirava, sob os olhos, o grande cartão de orlas douradas. Via-a ahi toda de negro, como uma dama antiga e tragica, formosa e de uma linha ideal, o torso docemente inclinado sobre uma fila de balaustres, n'um alto, olhando saudosamente o mar, que se abria a um canto, longe, em frisos brancos ondeados. O sce-

nario da photographia mostrava uma *miranda* restaurada dos tempos punicos, de onde, de certo, damas guerreiras e apaixonadas viram palpitosamente, outr'ora, chegar as galés poderosas de Annibal, trazendo as tropas que iam marchar sobre Roma. A querida ausente parecia-lhe mais magra, agôra, nas tintas violaceas do retrato: os olhos, grandes e bellos, tinham uma luz de pranto; o rosto, niveo e juvenil, muito espiritualizado, cobria-o uma alvura de marfim, do marfim velho e medievo das imagens. Medía então, mais nitidamente, esquadrinhando tudo, pensando tudo, « o passo errado que dera », quando já não sentia pela Ondina senão uma vaga impulsão carnal. Sim! porque o seu verdadeiro amor, o amor que o dominava, era pela *outra*, que o estava ali apunhalando de dolorosa saudade, a outra, que lá deixara na Hespanha adorada!.

— Ah! que mal andara e quão louco que fôra! Mas não podia agora desenvencilhar-se da « palavra dada! » Tinha de soffrer, sem remedio, todas as consequencias de um « passo em falso », cruzando os braços, deixându-se ir!.

Abriu o camarote, sob o peso d'estas recordações amargas. O bafejo algido do vento de inverno bateu-lhe o rosto em fogo, fazendo-o experimentar um bem-estar, como a sensação de braços amigos que se lhe estendessem, com robusta sinceridade, para o amparar n'um despehamento. E longas horas, pela porta entre-aber-

ta, os seus olhos se pregaram longe, n'um vasto pedaço da noite, que reluzia no alto todo coberto de um rosario d'astros.

### XIII

Em terra, a Ondina aborrecia-se com saudades de bordo; e n'essa manhã, na casa de campo do Ireneu, para onde fôra a familia passar alguns dias a excursões na campina illimitada, debatia-se n'um tedio, encolhida e triste como uma rôla doente. Os pampas, crestados pelo inverno, davam-lhe uma desolação, tornando-lhe desbotados e monotonos, pelo isolamento, os dias que passava longe do noivo. Ainda a principio, na impressão agradável de um espectáculo novo, percorrera trefegamente todas aquellas paragens, e sentira um alegre interesse pelos quadros amplos d'essas paisagens rasas, banhadas de um vago encanto. Gosara muito, dias inteiros em carro para todas as direcções; mas viera logo a saciedade, a monotonia dos paizes a planuras. Apenas decorreram semanas, todo o seu maior desejo era voltar, voltar de uma vez para bordo. Depois, o procedimento do noivo, que ainda a não fôra visitar, enchia-a de profunda tristeza, e, embora o pae lhe affirmasse que o rapaz «não podia quasi ir á terra, pela responsabilidade da carga», não queria acreditar. A mãe consolava-a egualmente, posto que no intimo, como toda a

boa mãe, experimentasse já certas apprehensões e cuidados. E assim, abstracta e contemplativa, perdia pouco a pouco a sua luminosa vivacidade. N'esses instantes de aborrecimento o seu espirito fechava-se n'um grande silencio e dolencia. Emmagrecia dia a dia, e seus olhos, limpidos e transparentes até ali, começavam a manchar-se levemente de um violaceo de olheiras. Áquella hora, envôlta na sua pellica, scismava languidamente, estendida sobre uma larga cadeira de balanço na sala, quando uma voz conhecida e amiga veio arrancal-a a esse desalento, estalando alegremente á janella:

— Permisso!

A esposa do Ireneu, immediatamente, com muita gentileza, vocalisou da varanda:

— Adelante! Adelante, caballero!

E, n'um perfume e n'um rumor aristocratico de sedas, o rosto risonho, correu logo para a sala. Ahi a Ondina recebia já a D. Oswaldo e o dr. Barroso, que vinham surprehender a familia com a sua visita. Madame Ireneu, com o seu todo esbelto e nobre, muito florente nos seus trinta e nove annos passados quasi em contínua opulencia, acolheu-os affavelmente, como a velhos amigos da casa, desabrochando em sorrisos e palavras cordeaes.

A mulher do Nielsen surgiu após, dirigindo-se aos dois homens com um amistoso e alacre «sejam bem apparecidos!» E o pequeno Melwille, que entrou d'ahi a instantes, vindo de fa-

zer uma galopada com um peão pelo campo, o rosto escarlate do exercicio e do frio, atirou-se ruidosamente para os braços do Chileno, de quem era muito amigo.

Travou-se então animada palestra entre todos, tendo por assumpto principal Buenos-Ayres, o seu adeantamento, a sua sociedade e a sua riqueza que parecia desafiar agora todas as cobiças. Interrompeu por instantes o alegre palratorio a presença do Ireneu e do Nielsen, que chegavam de um sitio proximo por onde tinham andado a villegiar desde o romper do dia. E o alvoroço subiu de ponto, quando os quatro homens entraram a abraçar-se, saudando-se fraternalmente:

— Oh D. Oswaldo!

— Oh dr. Barroso!

— Commandante!

— Sr. Ireneu!

Um criado appareceu quasi immediatamente, com uma grande salva de prata cheia de garrafas e calices, servindo cognac e rhum. E logo, em toda a vasta sala campestre, com as vidraças já descidas ao vento frio que se erguera lá fóra, e aquecida confortavelmente pela chaminé a crepitar a um canto, aquella boa assembleia entrou em grande confabulação intima. Já o sol se encaminhava para a tarde, esmaizando a sua luz no bello azul esgazeado e limpido do céo.

D'ahi a horas, apesar do *minuano* algidissimo, depois de um jantar opulento, servido cedo,

conforme o habito nas fazendas pastoris, argentinas, partiram todos, bem agasalhados e enluvados, para uma volta no pampa. O carro que os levava, um enorme carro descoberto, patriarchal, rolava, sob o estalar vivo do chicote, tirado pelo arranco de quatro cavallos possantes, que fumaçavam no ar frigido, fogosos e com um grande relevo de musculos. Homens e senhoras, muito aconchegados nas suas pellichas e *plaid*s, riam-se a bom rir ás engraçadas *historias* de D. Oswaldo, que, de pé em meio d'elles, fallava e gesticulava de um modo infinito. .

A gigantesca planura em redor, aqui e ali inundada de rezes, parecia ampliar-se ainda mais aos olhos na vertiginosa corrida, similhando um estranho oceano, de superficie estagnada e vagalhões espaçados e raros — as *cochillas*. Entardecia lentamente. O sol ía abrindo para oeste toda uma immensa mancha sanguinea, sobre que se recortava esfuminhadamente, n'uma infinda barra azulada, de um contorno irregular, uma cordilheira longinqua, coroada feericamente por cumiadas de neves fulgurando como vidro. O sopro vivo do *minuano* continuo começava a crescer toda a relva, malhando a vasta planicie com placas d'ouro esbatido. Para o sul, lá em baixo, muito longe, na linha da Patagonia, as pastagens infindaveis, mordidas pelos ventos austraes, corriam em ondulações meio fulvas, á maneira d'um campo de milho. Para os lados da costa e de leste, dir-se-hia cobrir o Atlantico como a

frigidissima escumilha alvacenta d'um *frost-smok* polar. O gado mugia melancolicamente, caminhando para os capões afastados, em manadas infinitas. E a primeira cinza negra da noite se alastrava pelo espaço, onde vinham já apontando as estrellas, que tremeluziam côr de ouro, em malhas hieroglyphicas.

#### XIV

O navio, acabada a descarga, foi fretado por uma casa ingleza para ir ao Perú receber um carregamento para a Inglaterra. O frete era vantajoso, e a familia de Nielsen, já reinstalada a bordo, teve um immenso jubilo, porque apparecia-lhe agora o ensejo de visitar a Europa, o que constituia desde muito a preocupação de todos. Depois o capitão catharinense, apenas a prosperidade começou, planeara percorrer um dia, com a familia, esses velhos paizes por onde andara em menino, especialmente a Dinamarca, que era para elle como uma segunda patria, pois lá nascera seu pae. Mas, homem de ambições e negocios, aguardara sempre uma oportunidade, que se lhe apresentava agora, e nas melhores condições. Por isso apressou-se em fechar o fretamento, tratando dos aprestos da viagem.

Devia arrancar do porto por aquella semana; aguardava, porém, antes de o fazer, a resposta

de um telegramma do Pacifico, trazendo-lhe informações sobre a carga. O brigue já havia metido lastro, e tudo a bordo estava preparado para a partida. No convez, sob os toldos, sentiam-se agora o silencio e os longos vagares que fazem bocejar a maruja ociosa, soffrega sempre de sahir para o mar.

N'essa manhã, uma manhã dos fins de junho, cheia de sol e sem brumas, o Carlos Valle, sentado á ré com a Ondina, a contemplar o ancoradouro em volta, avistou de repente, apontando por detraz d'um *steamer*, á popa, levada por um rebocador, uma grande barca que entrava, e que reconheceu logo. Era a *Martin Godolar*. De onde viria? Talvez de Hespanha. E, fixando a mastreação da barca, dando volta pelo lado de terra, por entre a multidão de navios que estavam junto ás docas, lembrou-se do Miguel Garau, primo de Dolôres e piloto de bordo, seu velho camarada dos bons tempos em Barcelona. Teve então uma grande alegria, ao pensamento intimo de que o amigo lhe traria decerto noticias da Lola.

Mas Ondina, n'esse instante, chamou-lhe a attenção para o *Golfinho*, que saltava á prôa, com grandes latidos roucos, contra a enxarcia do traquete, onde o Melville trepara, a brincar com um pedaço de pau amarrado a um cordão. De cima dos enfrechates, o menino gritava para o cão, concitando-o a pegar n'um pedaço de taboa, que içava e arriava com destreza, a lograr

o animal que embalde saltava contra a enxarcia.

O Carlos, mal olhara um instante o brinquedo, voltara a seguir a barca, movendo-se pelo grosso virador do reboque para um grupo de cascos ao longe: e os seus olhos tinham uma vaga iluminação de saudade, sob um tropel de recordações tumultuando-lhe n'alma! A moça, a seu lado, fallava-lhe agora da viagem e d'esse paiz do Pacifico que não conhecia, e para onde o brigue devia em pouco singrar. Dizia-se apprehensiva com essa travessia, ainda em pleno inverno, por aquellas costas austraes, pois temia que de novo apanhassem maus tempos, muitos ventos contrarios.

O rapaz, distrahido agora com os seus fundos scismares, apenas lhe respondia, olhando o ponto distante onde a barca amarrara:

— Que não; nem tudo eram rosas, nem tudo tormentas.

E assim ficaram ainda longas horas, sentados sob o toldo, na manhã muito clara.

## XV

Desde a vespera que o Carlos Valle assentara procurar, em terra, o Miguel Garau. E ao lér os jornaes da manhã, n'esse dia, teve um grande prazer, por saber que a barca viera effectiva-

mente de Hespanha. Ia pois receber noticias de Dolôres e dos bons paes Maristany!

E foi com certo alvoroço que, ao anoitecer, pela segunda vez n'essa viagem, pisou o molhe principal da cidade, áquella hora sem movimento, quasi deserto ao vento frio do mar. Aqui e ali, em alguns pontos, botes atracavam e desatracavam vindos dos navios em volta. Deteve-se um pouco, examinando as pequenas embarcações em manobras, a vêr se descobria entre ellas a da *Martin Godolar*, quando deu de repente com o Miguel Garau, que marchava ao seu encontro, de braços abertos, fallando-lhe em catalão.

Os dous estreitaram-se affectuosamente, com os olhos humidos de emoção, como irmãos que se encontram após uma ausencia de annos. Na verdade, existia entre elles uma affeição fraternal, nascida de uma longa convivencia e da similitude de caracteres e qualidades moraes. Depois, durante o curso da Escola Nautica, como nas correrias de rapazes, em Barcelona, tinham sido inseparaveis e haviam vivido juntos até ao momento em que o Garau embarcara para Cuba, n'uma polaca, na sua primeira viagem de piloto. Desde essa data não se viam, mas o Carlos soubera recentemente, por alguns capitães hespanhoes, achar-se o amigo a bordo d'aquella barca, de que era proprietario um tio rico de Badalona.

De braço dado, em vivissima conversação, sob cujo tumulto de palavras iam surgindo os

quadros e scenas da vida de ambos na Hespanha, foram subindo o largo, de vagar, para melhor gozarem os lances saudosos que as recordações despertavam. E assim internaram-se lentamente pelas ruas rumorosas da grande cidade, que já resplandecia em profusa illumination, cá e lá cortada de clarões de luz electrica sahindo das vastas fachadas de casas commerciaes.

Longo tempo vagaram n'essa conversação animada, até que, ao atravessarem um largo, depararam com o circulo de gaz flammejante d'um portico de theatro. Entraram, fallando ainda da Hespanha, por entre um borborinho de enchente. Era uma noite de *première*.

Pararam ao meio do jardim, cheio de pequenas mezas de ferro, onde se accumulavam garrafas e copos. Em torno de cada meza havia um grupo de pessoas ruidosas, todas em geral muito jovens. Eram rapazes de grandes bigodes, o cabello quasi á escovinha, enfiados em bellos sobretudos claros, o ar de figurino, modos orgiacos, despejados, com grossas bengalas de castão d'ouro e grandes anneis de brilhante. Alinhavam-se com elles, intercaladamente, bustos alvos de *cocottes* manteúdas, vestidas de seda negra, o collo e a cara muito caiados e tocados de carmim, o pescoço envolto em longas *boas* de martha.

Procuraram então uma meza vazia, voltando entre os grupos sentados e a gente de pé, esbarrando em *toilettes* espavorosas, do alto

das quaes se voltavam momentaneamente, inclinando-se para elles, rostos femininos, fatigados e tumidos, com olhos negros requebrando-se em fingido langor, ao fundo de orbitas nankinadas. Sentaram-se, por fim, n'um recanto isolado, e entraram a cerverjar por entre as ramagens enfezadas d'alguns arbustos e as folhas magras, lanceoladas de uns crotons, atormentados pelo continuo e calido roçagar dos corpos e pelos golpes bruscos dos ajuntamentos e das rixas inopinadas. Luzes flammejavam como estrellas atravez d'esses feixes de verdura. E adiante, a poucos passos, no edificio aberto do theatro, de onde sahiam vozes enrouquecidas, cantando aos sons fracos de uma orchestra de instrumentos de corda desenrolavam-se, ao longo do travejamento fino e rendilhado, filas innumeraveis de cabeças, todas negras na luz das gambiarras que jorrava do fundo. Quando a orchestra e os cantos cessavam, havia um largo chiar de pés, uma grande confusão de pessoas, que se levantavam e se espalhavam pelo jardim.

Os dois, porém, continuavam aferrados na conversa, interrompendo-se apenas, uma ou outra vez, para olharem os ricos vestidos singrando elegantemente, n'um frú-frú de seda ou de saias agommadas. Agora occupavam-se de Dolôres; e o Miguel Garau contava que ella talvez já se achasse em Montevideu, conforme o que lhe dizia a carta recebida na vespera da Hespanha, e na qual se lhe participava a partida do tio

Maristany, de Barcelona, havia um mez. Não estranhara a communição, porque desde muito sabia da viagem do velho ao Rio da Prata, pois vira o convite que lhe dirigira havia um anno o irmão, o tio Benito, para que elle viesse assistir com a familia ao casamento da afillhada, a Carmen, a realisar-se n'aquelle julho. Juntamente com a carta fôra um cartãosinho da noiva para Dolôres, onde lhe pedia « por Dios » que não faltasse. Os paes Maristany tinham acolhido com prazer o convite, e tencionavam embarcar em meados de junho.

— De certo elles já lá estavam, accrescentava. E tanto que pretendia obter uma licença para os ir visitar áquelle porto. O tio Maristany pedira-lhe muito que o fosse vêr, se acaso por esse tempo a barca se acliasse já em Buenos-Ayres. Assim, tencionava seguir para o Uruguay com a maior brevidade, e até, se fosse possível, no outro dia á noite.

E entre outras coisas, o Miguel declarou ainda a Carlos que o maior empenho do tio, emprehendendo, já tão edoso e cançado, semelhante viagem, era o casamento d'elle Carlos com Dolôres, pois a rapariga vivia a toda hora n'um pranto, quasi louca. Por isso, após o casamento da sobrinha, pretendia seguir para Santa Catharina, a procural-o.

— Depois do que haviam conversado, ajuntou por ultimo o Garau, Carlos o devia acompanhar a Montevideu.

O catharinense, que se «abrira» todo ao amigo, occultando porém os «horrores» da sua situação com a Ondina, acceitou-lhe o alvitre, dizendo:

—Pois sim! Então partiremos juntos. Hoje mesmo, vou fallar ao Nielsen.

E sentia como uma immensa doçura refrescar-lhe a alma, á ideia, que lhe surgia agora, de um desenlace rapido para o «seu compromisso» com a Ondina. Pensava, com allivio, n'aquella oportunidade, e deliciava-se mentalmente, pois ia «acabar com tudo», pertencer definitivamente a «outra». Embarcaria para Montevideu, pretextando o convite de um amigo a quem não podia faltar, para uma festa n'aquella cidade. Diria ser só por dois dias. Carregaria a sua mala de mão com algumas camisas, um costume, e safar-se hia.

Quasi ao terminar o espectaculo ergueram-se, e sahiram, já definitivamente ajustados para a viagem, que se realisaria no outro dia á tarde.

## XVI

Uma semana depois da partida de Carlos para Montevideu, chegou o esperado aviso do Pacifico que fechava o negocio com a casa fretadora do navio. Estava tudo prompto para a viagem e aguardava-se unicamente o regresso do piloto para se levar ancora. O Nielsen, preoccupado com a excellente monção que havia

agora para o sul, telegraphou-lhe logo que viesse; mas o dia todo se passou, e nada de resposta. Por fim, anoitecera. No céu azul-ferrete, de uma extraordinaria transparencia, entraram então a reluzir as estrellas.

Aborrecido, e n'um rancor de maritimo por mais aquelle atraso, o Nielsen, pela segunda vez n'aquelle dia, expediu o bote á terra com um novo telegramma ao rapaz, e um outro a uma casa commercial de suas relações, pedindo noticias d'elle. Esperava, entretanto, que o Carlos chegasse até á manhã seguinte, o mais tardar. E enquanto o bote não voltava, passeava na coberta, a grandes passadas de pôpa á proa; ás vezes parava um instante, á amurada, ou junto ao leme, olhando, para dissipar a inquietação, os cascos e as mastreações dos navios, perdendo-se sombriamente na noite.

Em baixo, na camara já accesa, onde havia um conchego agradável, a mãe Bauer e as filhas conversavam discretamente a um canto. A uma das mezas do centro, as graciosas meninas do Nielsen, e o valente Melville, folheavam, muito entretidos com as gravuras, alguns volumes do *Graphic*. Mais afastada, e encolhida nos longos sophás das anteparas, a familia de S. Francisco, olhava, pasmada e triste, para a alegria ruidosa das creanças em grupo. Os dois pequenos negruchos, que todo o dia traquinavam na tolda, já haviam adormecido, estirados pelas almofadas proximas, na fadiga das correrias da tarde.

A Ondina não apparecera durante o dia, trancada no camarote, desalentada e a chorar por causa da ausencia do noivo. Desde a partida d'elle que o seu coração jámais serenara, cheio de uma apprehensão, de um temor. O seu espirito, sempre borbulhante e alegre, sobrecarregava-se agora de profundas tristezas. Presagiava coisas sinistras, como a idéa de um desaparecimento, de uma morte. Parecia-lhe mesmo que elle não voltaria mais!. E a este pensamento terrivel, tinha impetos de gritar, estrangular-se, morrer.

A mulher do Nielsen, como a filha não viesse á meza, ao jantar, apprehensiva tambem com a demora do rapaz que a todos causava estranheza — correra immediatamente a ter com ella no camarote. E ahi, como a visse muito chorosa, entrou a dizer-lhe com meiguice :

— Mas para que esse choro, menina? O Carlos ha de voltar. Teu pae já telegraphou. De certo, chegará amanhã.

Mas em vez de serenar, a Ondina desatava mais vivamente em pranto; e gritava, n'uma crise hysterica, pronunciando palavras incoherentes, de louca. A mãe tomava-lhe então a cabeça entre as mãos, apoiava-a contra o seio, cobrindo-a de beijos como a uma creança. O rosto da filha, porém, afigurava-se-lhe varado de suprema angustia; e a pobre senhora, por sua vez afflicta, rompia a chorar em silencio.

Lá em cima, no convez, o Nielsen conti-

nuava a passear inquieto, quando o bote atracou ao costado. « Não havia ainda noticia alguma do piloto », disse-lhe um marinheiro, que se approximara respeitosamente. O pobre homem então, fazendo um gesto rude com os braços, teve um « com mil raios! » desesperado; e recommçou a andar ferozmente, como um leão furioso, enchendo o tombadilho de passadas brutaes.

## XVII

Ao outro dia, á tarde, ainda o piloto não tinha chegado. O commandante, que saltara muito cedo em busca de noticias, dirigiu-se á casa do consignatario, ás lojas de cabo, e ás principaes agencias de paquetes, a indagar d'elle. Mas nada pôde conseguir. Já desanimado e cansado de andar, chegou por fim ao escriptorio da Linha de Vapores Montevideu-Buenos-Ayres, onde lhe disseram que, effectivamente, o « caballero » que procurava tinha comprado passagem para o Uruguay, a bordo do *Saturno*, havia uma semana, como se verificava do livro de talões. E o empregado, um rapaz alto, de farto bigode negro, com finas pontas de estilete feitas a *hongroise*, só por dentro da grade, muito solícito n'aquella occasião, revirou alguns dos livros que rojavam sobre a escrevaninha, e, sacando de um d'elles, que folheou rapidamente, estendeu-o aberto ao Nielsen, mostrando-lhe

n'uma das folhas o nome, em bastardo, do rapaz:

— *Que lo mirasse*

O Nielsen verificou, com um olhar, a verdade, nas letras rondes muito grandes, destacando-se fortemente entre os miudinhos dizeres impressos; e sahiu, agradecendo. Ao fim da tarde, voltou de novo ao consignatario, onde encontrou a resposta telegraphica de Montevideu, que dizia ter o moço embarcado para o Brazil no dia anterior, segundo as informações colhidas. O digno homem teve então um desgano, empallidecendo por instantes o seu rosto tão intensamente rosado pelo sol do mar. Curvou desventurosamente a cabeça vencida, de um louro que alvejava já pela nuca, e, dobrando lentamente o telegramma, com um certo tremor nas mãos rijas e callosas de marujo:

— Sim, senhor! Nunca esperei esta coisa!.

E, balançando os hombros collosaes, encaminhou se para a porta, tomando em seguida a direcção do caes. Chegou a bordo já noite fechada, avistando logo ao portaló a esposa, que o aguardava n'uma anciedade. Mal pisara a larga tolda, ella jogou-se-lhe aos braços, inquirendo-o n'uma voz muito afflicta, que chorava:

— Então, Nielsen, o Carlos?!

Elle não respondeu logo, e lançando um olhar ao convez para certificar-se de que nenhum passageiro ou tripulante se achava presente, a foi levando vagarosamente para ré,

onde branquejavam, pintadas de novo, a meia-laranja com os vidros já descidos, e a roda do leme, toda encapada em lona. Ahi contou-lhe tudo, sem reservas, finalizando com a noticia de que o Carlos embarcara para o Brazil.

— Ficara esmagado, como se lhe houvera cahido de repente um mastareu na cabeça, accrescentava. E não sabia como explicar aquelle caso, não sabia!. Aquillo era o inferno. Maldita viagem!.

Ao ouvir semelhantes palavras a esposa rompeu a soluçar, amparada ao peito forte do Nielsen. Mas este, depois de um curto silencio, concluiu com secura mascula:

— Agora, paciencia. Nada mais se póde fazer. Amanhã tomarei um official e continuarei viagem. Não posso, além de tudo, estar perdendo negocios.

Ouvia-se alli o parlatorio rouco dos marinhos á prôa. Em baixo, na camara illuminada, cujas luzes lançavam uma claridade vaga e nostalgica no tombadilho atravez os vidros da gaiúta, papagueavam alegremente as creanças, no agradável aconchego interior.

E por muito tempo, o Nielsen e a esposa, affectuosamente unidos, como outr'ora, nos primeiros annos de casados, alli ficaram tristemente a sós, sob o esplendor do céu nitido, onde os mastareus, oscillando, pareciam apontar as estrellas, a reluzirem no alto em grandes fiadas d'ouro.

## XVIII

Havia dois dias que o navio rolava no mar largo pelas costas da Patagonia. Toda a magestosa planura das aguas austraes resplandecia, sob o sol louro do inverno, desdobrando-se em grandes vagalhões verde-gaios, que ondulavam de travez. Soprava uma brisa de nordeste, brisa meiga do oceano, sussurrando queixosamente nas enxarcias e encurvando as velas brancas. Por cima, a arqueada vastidão transparente do Espaço, dir-se-hia de porcellana azul.

Pela primeira vez, n'essa manhã, depois da sahida de Buenos-Ayres, Ondina viera até ao salão da camara. Parecia bem outra agora, ferida pelo grande abalo que soffrera e pelas angustias inominadas que ainda lhe batiam o coração. Emmagrecida de repente, e muito abatida, com um ar recolhido, isolada a um canto, junto á amurada, olhava, pelas vigias abertas, as ondas esmeraldinas, quebrando-se umas sobre outras todas coroadas de espuma. O seu rosto, coberto de larga pallidez, triste e espiritualizado pelo soffrimento, apresentava o aspecto desolado das rosas que desfallecem á tarde, pelas áleas, ao sopro de um vento frio. Tinha os labios brancos e como mortos; e os olhos, limpidos e celestes d'antes, de um bello verde transparente, estavam agora cavados, embaciados, toldados,

á maneira de um lago crystalino, por uma nevoa hibernal. E, sob a vasta e eburnea testa virginal, lembrando petalas, o seu espirito parecia revolver lentamente algum sinistro pensamento recondito, de cuja segurança se possuia mais e mais a moça, na indiferença e no desprendimento de um stoicismo ingenuo.

Desde a vespera, quando, cheia de resignação, cessara de maldizer-se e chorar, parecendo conformar-se com o tremendo soffrimento que lhe impuzera o destino, que tivera o pensamento da morte. Aspirava ao Nirvana, porque só elle poderia dar ao seu desespero a pacificação eterna. E quem sabe que deliciosa serenidade não havia n'esse somno derradeiro!

Nunca mais fallara a ninguem, sósinha e perdida na sua dôr, ouvindo apenas as consolações de sua mãe, que se sentia profundamente apprehensiva deante d'aquella attitude, apparentemente resignada, mas assustadora, da filha. E a boa senhora não a deixava um instante, acompanhando-a com olhos sollicitos e amantissimos, temerosa de que não tomasse de repente alguma deliberação tragica.

Em balde, as irmãs Bauer, muito meigas e carinhosas, D. Oswaldo e o dr. Barroso, procuravam arrancar-lhe á dolencia morbida que a observava funerariamente, inventando brinquedos, jogos, toda a sorte de distracções delicadas. A moça, porém, permanecia indifferente a tudo isso.

Ao anoitecer, logo que a camara se illuminou, Ondina desceu para o camarote, e ahi recahiu de novo n'uma crise nervosa, com soluços e lagrimas; depois adormeceu longamente. A mãe ao pé, n'outro beliche, fatigada já de tantas noites ás voltas com ella, adormecera tambem, pesadamente.

Mas o navio entrou a jogar com grandes balanços, e gritos de manobras estalavam lá em cima, no tombadilho, d'envolta com as grossas pragas da tripulação, em lucta ao instante com as primeiras rajadas de um pampeiro. Desde as dez horas que o horisonte cobria-se de espessa fulligem, para o sul, sobrevindo em seguida massas collossaes de nuvens, avassallando o céu todo, afogando em fumo denso as estrellas, chicoteando o escuro com a luz rubra dos fuzis — illuminação fantastica da solidão das aguas em revolta ao bombardeio dos trovões. O silencio e calma que precederam á tormenta, fizeram franzir os labios, e carregar o sobr'olho, aos marinhos experimentados. De facto, d'ahi a momentos um sopro largo de furia revolveu tudo, erguendo montanhas espumantes que estouravam e se precipitavam sobre o navio, alagando-o. A mastreação e os cabos rangiam e sibilavam n'um siflar doído, como milhões de flautins soprados por duendes infrenes n'um *wal-purgis* do oceano.

A moça acordou então estremunhada, n'uma grande ancia; e, ouvindo lá fóra estrugir o cy-

clone, teve um sorriso glacial e estranho, como se uma resolução decisiva e íntima a illuminasse de repente. Lançou em volta um olhar allucinado, ergueu-se no beliche e vendo a mãe a dormir, enrolou-se na peliça negra que despira ao deitar-se e deixou, tremula e cautelosamente, o camarote, galgando a passo precipitado a escada.

A camara, áquella hora, jazia n'uma meia claridade, mantida debilmente por um archote acceso de stearina, que agonisava já em lampejos mortiços, no castiçal de metal branco, suspenso a um dos *glass-rak's*, n'um recanto afastado. Pela porta entre-aberta penetrava, de momento a momento, o clarão forte dos relâmpagos e o ruído volumoso de algum trovão, estourando e rolando ao longe. O pampeiro parecia agora menos intenso. No entanto, o navio sacudia-se ainda capramente nas vagas, aos solavancos brutos, fazendo ranger rijamente o velho cavername *patent*. Cessara de todo a faina, o berreiro da manobra.

Ondina atravessou a camara deserta, sempre de olhar desvairado, o passo incerto, amparando-se ás amuradas por causa dos grandes balanços. Á porta, porém, estacou; e no receio de esbarrar de repente com algum tripulante, investigou um momento a compacta escuridão do convez, onde os mastros se esbatiam e mal se viam as velas brancas. Mas para logo segura de que ninguem se lhe opporia ao intento fatal,

com o coração e o espirito em tumulto, batidos por um sopro de loucura e vertigem correu ao portaló e se jogou ás vagas.

Ouviu-se então um grande choque, seguido de um grito humano que echoou desoladamente na noite, atravez da tormenta. N'esse instante, o vigia de prôa, que de cima do castello dera com o vulto na borda, acudia ao portaló a correr. Era já tarde, no emtanto. Mas como vira o sinistro, galgou lesto o tombadilho, precipitando-se na direcção de ré, a gritar n'uma voz grossa e rude:

— Um homem ao mar!

E os dois marinheiros de governo, amarrados ao leme por causa da furiosa invasão das montanhas de mar quebrando-se fragorosamente contra o espelho da pôpa, repetiram o grito terrível que o vento bramante levou para sempre:

— Um homem ao mar!.

Rio—Julho de 92.

FIM



# INDICE





# LIVRARIA EDITORA TAVARES CARDOSO & IRMÃO

5, LARGO DE CAMÕES, 6

LISBOA

## Ultimas publicações

### HENRIQUE SIENKIEWICZ

- Quo Vadis? — Traducção de Lemos de Napoles. 2.<sup>a</sup> edição cuidadosamente revista e emendada. 1 vol. 600  
A ferro e a fogo — Traducção de Olympio Monteiro. 1 vol. 600  
Os cavalleiros da cruz, — (no prélo).

### CLAUDIA DE CAMPOS

- A baroneza de Staël e o duque de Palmella. I *Madame de Staël*. — II *A vida do duque de Palmella*.  
III *As cartas de amor a D. Pedro* — IV *Corinna e lord Nekvil*, 1 vol. nitidamente impresso . . . 800

### C. MALHEIRO DIAS

- Os Telles d'Albergaria. — 1 vol. . . . 800

O novo romance *Os Telles d'Albergaria* está destinado a um exito ainda superior ao do *Filho das Hervas*, attendendo ao palpitante quadro historico que descreve e que um commovente episodio de familia atravessa, n'uma constante e poderosissima altitude dramatica.

N'este seu novo livro, o eminente romancista occupa-se da historia d'uma familia liberal, cujo chefe, nascendo em 1826, por occasião da proclamação da Carta pelo marechal duque de Saldanha, vem morrer á data da revolta republicana do Porto, na memoravel madrugada de 31 de janeiro pe 1891.

- O Filho das Hervas. — 3.<sup>o</sup> milhar, 1. vol. . . . 800

### VIRGILIO VARZEA

Contos de amor.

George Marcial. — Romance da sociedade e da politica do fim do imperio.

## No prélo

Os Jesuitas no Grão-Pará. — Bosquejo historico por J. Lucio de Azevedo.

O amor dos homens, por Paulo Mantegazza.

Jesus-Christo. Seus apóstolos e seus discipulos no seculo XX, pelo conde Camille de Renesse. Traducção authorizada.













## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).